

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO”:
MARCAS DA EDUCAÇÃO ESCOTEIRA EM SERGIPE
(1958 – 2009)**

RICARDO ROCHA RABELO

ARACAJU, SE - BRASIL
OUTUBRO DE 2012

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO”:
MARCAS DA EDUCAÇÃO ESCOTEIRA EM SERGIPE
(1958 – 2009)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto.

RICARDO ROCHA RABELO
Orientador(a): Dr^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

ARACAJU, SE - BRASIL
OUTUBRO DE 2012

“UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO”: MARCAS DA EDUCAÇÃO
ESCOTEIRA EM SERGIPE (1958 – 2009)

RICARDO ROCHA RABELO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (Orientador)

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento (Membro Externo da Banca)

Profa. Dra. Ilka Miglio Mesquita (Membro Interno da Banca)

Prof. Dr. Miguel André Berger (Membro Suplente da Banca)

ARACAJU, SE - BRASIL
SETEMBRO de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Nome RABELO, Ricardo Rocha.

Uma vez escoteiro, sempre escoteiro: Marcas da educação escoteira em Sergipe (1958 – 2009); Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (a). 135 P. IL.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Ano.

1. História da Educação. 2. Impressos. 3. República. I. Nome do Orientador (orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU:

543.555

665.6

“A auto-educação, em continuação ao que você aprendeu na escola, é necessária. Vá para a frente com confiança. Conduza com o remo a sua canoa!”

Robert Stephenson Smith Baden-Powell

Dedico este trabalho aos meus amores, os três “R” da minha vida: Rose, Ryan e Rick.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de cumprir a parte mais importante deste trabalho: agradecer. Partindo da premissa que o ser humano é sociável, em todos os âmbitos de sua vida, inclusive a acadêmica, devo dizer que a conclusão desta pesquisa se deve a muitos, aos quais quero aqui prestar meus agradecimentos:

A Deus, primeiramente, por me dar forças para percorrer esse caminho de quase dois anos, difícil, turbulento e tortuoso.

À Universidade Tiradentes, pela oportunidade de apostar nos seus docentes e incentivá-los à capacitação profissional, imprescindível no mundo atual.

Aos professores do Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes, pela competência, pelas orientações, pelo estímulo a nós, pupilos.

À professora Ester Fraga Villas-Bôas Carvalho do Nascimento, pelas primeiras orientações sobre o tema Escotismo.

Aos queridos colegas de turma, que compartilharam comigo as aulas, os eventos, as conversas informais, o aprendizado. Aprendi muito com vocês! Com perdão dos demais, quero agradecer aqui as “boas risadas” compartilhadas com Mirianne Santos de Almeida, Patrícia de Souza Nunes Silva e Rogério Freire Graça, trio ao qual tive maior afinidade.

Aos amigos da turma 2012, André Augusto Andrade e Keyne Ribeiro Gomes, que me ajudaram demais nas tarefas acadêmicas e conseguiram suportar bem os meus incontáveis pedidos de ajuda... A vocês, meu eterno carinho e minha eterna gratidão!

Ao meu querido e eterno Mestre (agora Doutor) Coriolano Pereira da Rocha Junior, o Cori, figura humana incrível e Professor com “P” maiúsculo, que desde a graduação em Educação Física, me apoia incondicionalmente na minha trajetória acadêmica. Sei o quanto está feliz por mais uma conquista minha e saiba o quanto estou feliz por você fazer parte dela.

Aqui, dedico os dois parágrafos finais àqueles que mais próximos estiveram de mim nesta jornada. A primeira é a minha orientadora, professora Dr^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, profissional de uma sapiência indescritível, professora do mais alto gabarito e um ser humano como poucos... Jamais esquecerei as sábias orientações, sempre bem humoradas, apesar das minhas “bisonhices”. Guardarei com

carinho em minha memória os incontáveis “cara pálida!” Aprendi demais com você, Raylane!

E por último, àqueles que “seguraram a barra” comigo, desde o início: minha família. Meus pais, José Reginaldo Rabelo e Maria Helena Rabelo, ainda que separados, juntos me ajudando, sempre! E aos meus três amores, os três “R” da minha vida: Minha esposa, Rosemary Simões Souza Rabelo e meus filhos, Ryan Simões Souza Rabelo e Rick Simões Souza Rabelo. Sei o quanto foi difícil para vocês três. Saibam o quanto foi difícil para eu ouvir: “Papai, não vá não...”. Sei que o que passou não volta, a não ser em forma de narrativa histórica e não necessariamente “do jeito que já foi um dia”. Mas espero poder me redimir da ausência provocada, da saudade sentida... Amo vocês!

RESUMO

O Escotismo é uma prática pedagógica extra-escolar criada em 1907, na Inglaterra, por Baden-Powell, com o intuito de despertar no jovem o exercício do autogoverno e de valores éticos e morais, fundamentados na pedagogia do “aprender fazendo.” A sua chegada à Sergipe, assim como nos demais estados brasileiros, esteve associada à instituição escolar por meio do que se convencionou denominar “Escotismo de Estado”, até a metade do Século XX. A partir desta fase, estabeleceu-se em solo sergipano essencialmente como “associação voluntária”, ora com apoio de instituições estatais e da sociedade civil, ora sem qualquer tipo de apoio. Assim sendo, o Escotismo atinge a configuração proposta por seu fundador Baden-Powell, sendo a participação dos seus membros essencialmente voluntária. Uma vez configurado como associação voluntária, o Escotismo cresce no Estado e passa a ser composto por vários grupos que vão surgindo ao longo dos anos. Diante disso, a problemática que surgiu foi: quais características são (in)comuns nas trajetórias de vida de (ex)escoteiros sergipanos? Para responder a tal pergunta foram consideradas como objeto de estudo as trajetórias de vida de pessoas que um dia tiveram experiências no Escotismo no Estado de Sergipe. Com base teórica na história cultural, o objetivo foi compreender a formação educativa do movimento e o “produto” desta formação. Isto porque as influências e apreensões impregnadas nessas trajetórias são reveladoras de um tipo peculiar de educação, que foram entendidas a partir dos conceitos de Educação não-formal de Coombs e Ahmed (1975) e de apropriação de Roger Chartier (1990). O método utilizado para além da pesquisa bibliográfica e documental foi o prosopográfico (CHARLE, 2006), bem como a metodologia da história oral, segundo Alberti (2010). A conclusão a que se chegou neste estudo revelou que as apropriações de conhecimentos técnicos, associadas aos valores inculcados no movimento escoteiro, deixaram “marcas” as quais foram levadas para as diferentes etapas das trajetórias de vida dos quarenta e um escoteiros pesquisados, o que legitima a expressão “uma vez escoteiro, sempre escoteiro”.

Palavras-chave: Baden-Powell, Escotismo, movimento escoteiro.

ABSTRACT

The Scout Movement is an educational practice extracurricular established in 1907 in England by Baden-Powell, in order to awaken the youth to exercise the self-control and ethical and moral values, based on "learning by doing." Your arrival in Sergipe, as well as in other Brazilian states, was associated with the school institution through what is conventionally called "Scout Movement for State", until the mid-twentieth century. From this phase, settled in soil of Sergipe essentially as "voluntary association", sometimes with the support of state institutions and civil society, sometimes without any support. Therefore, the Scout Movement reaches the configuration proposed by its founder Baden-Powell, with the participation of members essentially voluntary. Once configured as a voluntary association, the Scout Movement grows in the State and shall be composed of several groups that arise over the years. Given this, the question that arose was: what features are uncommon in the life trajectories of ex scout of Sergipe? To answer this question were regarded as objects of study the life trajectories of people who once had experiences in the Scout Movement in the state of Sergipe. Based on Cultural History, the objective was to understand the educational formation of movement and the result of this upbringing. This is because the influences and seizures impregnated these trajectories are revealing a peculiar type of education, which were understood from of concepts of "informal education" of Coombs and Ahmed (1975) and "appropriation" of Roger Chartier (1990). The research method used was: bibliographical and documental research, research of facial features (CHARLE, 2006), as well as of the Oral History, according to Alberti (2010). The conclusion that was reached in this study revealed that the appropriation of technical knowledge, combined with the values instilled in the Scout Movement, left "marks" which were taken to the different stages of life trajectories of forty-one scouts surveyed, which legitimates the expression: "Once a boy scout, always a boy scout"

Keywords: Baden-Powell, Scout, Boy Scout Movement.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I O ESCOTISMO NO BRASIL E EM SERGIPE..... | 20 |
| 1.1. O escotismo enquanto associação voluntária..... | 23 |
| 1.2. O escotismo em Sergipe | 25 |
| 1.3. Do escotismo de Estado para associação voluntária..... | 28 |
| CAPÍTULO II (EX) MEMBROS DO MOVIMENTO ESCOTEIRO | |
| SERGIPANO: MAPEAMENTO PROSOPOGRÁFICO | 53 |
| 2.1. Origens..... | 53 |
| 2.2. Atividade dos pais ou responsáveis | 55 |
| 2.3. Ingresso e registro no Escotismo | 59 |
| 2.4. Motivo de ingresso no Escotismo e lembranças marcantes..... | 63 |
| 2.5. Ramos percorridos e postos de lideranças exercidos..... | 65 |
| 2.6. Prêmios e castigos recebidos no Escotismo..... | 70 |
| 2.7. Vitórias e fracassos/frustrações no Escotismo..... | 73 |
| 2.8. O que aprendeu no Escotismo | 76 |
| 2.9. Nível escolar e atuação profissional | 80 |
| 2.9.1 Estado civil e religião..... | 86 |
| 2.9.2 Permanência ativa no movimento escoteiro | 89 |
| CAPÍTULO III AS MARCAS DA FORMAÇÃO EDUCATIVA DO MOVIMENTO | |
| ESCOTEIRO SERGIPANO: UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO? | 91 |
| 3.1. Perfil de um conjunto: as marcas da formação educativa do movimento escoteiro em análise | 116 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 126 |
| REFERÊNCIAS | 130 |

INTRODUÇÃO

A temática abordada nesta pesquisa é inspirada em reflexões surgidas a partir da minha monografia de especialização, cujo objeto de estudo foi o 7º Grupo Escoteiro Baden-Powell da cidade de Aracaju-SE. Neste estudo, procurei investigar a educação extra-escolar desenvolvida pelo referido grupo no contexto aracajuano. A partir de então, com base nas constatações sobre o que era o Escotismo e os tipos de ações que se desenvolviam no interior do Grupo Escoteiro Baden-Powell, algumas inquietações começaram a surgir em mim no sentido de dar continuidade às descobertas, porém, agora com o objetivo de compreender a formação educativa desenvolvida no movimento escoteiro sergipano. Para tanto, elegi como objeto de estudo as trajetórias de vida de pessoas que um dia tiveram experiências no Escotismo no Estado de Sergipe. Isto porque as influências e apreensões impregnadas nessas trajetórias são reveladoras de um tipo peculiar de educação.

O Escotismo, pedagogia de educação extra-escolar que tem em seu *corpus* práticas educativas reconhecidas e propagadas mundialmente, foi marcado pelo pragmatismo das pedagogias ativas do final do século XIX, disseminadas na Europa e nos Estados Unidos, as quais procuravam no caráter experimental da natureza da criança o desenvolvimento de atividades sensório-motoras, por intermédio de exercícios da vida prática. Portanto, o Escotismo surgiu em uma época onde o clamor por um novo modelo de Educação era latente por parte de trabalhadores e grupos sociais elitistas da Europa, principalmente, e dos Estados Unidos. Apenas duas décadas após seu surgimento, o Escotismo estava presente em diversos países, tendo como adeptos e representantes, membros dos mais diferentes tipos de povos, etnias e credos. O Escotismo prioriza jovens dos sete aos vinte e um anos de idade e sua pedagogia visa incentivar os seus membros a buscar preceitos emancipatórios e de autogoverno. Isto porque seu objetivo é desenvolver, nas crianças e nos jovens, capacidades e habilidades que lhes tornem independentes (NASCIMENTO, 2008).

O criador do Escotismo, Robert Baden-Powell, foi um general do exército inglês que, ao ver com preocupação jovens do seu país entregues aos vícios do fumo, do álcool e da vadiagem, dedicou-se a projetar um método pedagógico de natureza extra-escolar que pudesse contribuir com a formação educativa desses jovens. Para isso, a partir de observações a algumas associações juvenis já existentes na Inglaterra, cujo entusiasmo dos jovens

participantes era latente, reuniu elementos adquiridos na experiência que teve como militar (contato direto com a natureza, noções de primeiros socorros, orientação espacial, dentre outros) e propôs uma experiência pedagógica de uma semana em uma ilha britânica com vinte e um jovens de idades variadas. Desta experiência, descartou o caráter militar das organizações que ora observou e manteve o foco no desenvolvimento de virtudes e saberes práticos que contribuíssem com o autodesenvolvimento dos jovens e com a formação de caráter.

O pressuposto teórico defendido por Baden-Powell, seu criador, é de que o Escotismo é o meio de ensinar o jovem a ser um cidadão com qualidades morais e éticas, além de ser responsável por suas atitudes, o que inclui o cumprimento de deveres para com o grupo escoteiro ao qual pertence e a sociedade em geral. Sua legitimação passa ainda pela vivência de suas principais características: a observação para sobrevivência, o primar pela saúde corporal, o patriotismo, noções de cavalheirismo e técnicas de salvamento (na terra e no mar), o que o credencia como um movimento de educação para a cidadania. Cidadania esta, entendida à luz da modernidade (a qual viveu Baden-Powell), como frisa o pesquisador João Rocha Sobrinho:

No sentido moderno, cidadania é um conceito derivado da Revolução Francesa (1789) para designar o conjunto de membros da sociedade que têm direitos e decidem os destinos do Estado. Essa cidadania moderna liga-se de múltiplas maneiras aos antigos romanos, tanto pelos termos utilizados como pela própria noção de cidadão [...]. (SOBRINHO, 2010, p. 30).

Ao considerar o que averigui no trabalho monográfico e as características do Escotismo e a sua apropriação por seus membros, emerge o seguinte problema de estudo: quais características são (in)comuns nas trajetórias de vida de (ex)escoteiros sergipanos? As características herdadas na formação escoteira dessas trajetórias revelam um estudo inédito na pesquisa educacional do cenário sergipano, uma vez que é do conhecimento acadêmico-científico que pesquisas envolvendo a temática do Escotismo no Estado de Sergipe (RABELO, 2007), ou que de alguma forma remetam a ela (NASCIMENTO, 2005; 2006; 2008; NERY, 2006; 2010), direcionam suas reflexões ao âmbito das práticas escolares ou educacionais.

Assim, estudar a trajetória de vida de pessoas que fizeram ou que de alguma forma ainda fazem parte do movimento escoteiro no cenário sergipano constitui trilhar um

caminho inexplorado e desafiador, cujo registro vem trazer contribuições à História da educação sergipana, uma vez que o ângulo de análise sobre a temática do Escotismo busca identificar o produto da formação obtida no seio do movimento, o que não só justifica sua realização, mas o coloca num patamar de contribuição científica complementar ao que já foi produzido até então no Estado.

O estudo tem como objetivo geral compreender a formação educativa do movimento escoteiro em Sergipe e o “produto” desta formação, através da análise das trajetórias de vida de escoteiros e ex-escoteiros. O termo “compreender”, entendendo-o como fundamento das ciências humanas e tem significado de um trabalho interpretativo. A pesquisadora Verena Alberti justifica o uso do termo, afirmando:

As produções humanas exprimem a vivência e cabe ao hermenêuta compreender essas expressões, de tal forma que a compreensão seja o mesmo que tornar a vivenciar. “Compreender”, diz Dilthey, “é reencontrar o eu no tu”. É alargar nossos horizontes em relação às possibilidades de vida humana, é vivenciar outras existências (ALBERTI, 2005, p. 18).

Como objetivos específicos estão delineados: Perceber a construção do movimento escoteiro em Sergipe; apresentar os perfis de (ex) membros do movimento escoteiro sergipano com base no método prosopográfico e analisar o perfil biográfico desses (ex) escoteiros a partir das marcas da pedagogia escotista. A hipótese que norteou o trabalho é que o rol de valores e atividades oferecidos pelo movimento escoteiro aos seus membros foi inculcado e apropriado nas diferentes etapas de suas trajetórias de vida, o que evidencia a eficiência e a eficácia educativa extra-escolar do movimento escoteiro, no que tange a uma formação moral e ética e que prioriza a independência e o bom caráter do indivíduo.

Com relação ao referencial teórico, ancorou-me na história cultural, paradigma de pesquisa que emergiu no final da década de 1920, na França, cujo caráter interdisciplinar contribuiu para expansão do campo da história por diversas áreas, abordando novos objetos de estudo e novas possibilidades de se fazer pesquisa no campo da História e da História da educação (BURKE, 1997). Utilizo como categorias de análise: Educação não-formal de Coombs e Ahmed (1975), para situar o Escotismo como um projeto complementar à educação escolar ou formal; Práticas educativas de Faria Filho e Vidal (2004), para caracterizar a proposta pedagógica do Escotismo, que consiste na aprendizagem empírica de preceitos éticos, morais e educacionais fora do ambiente escolar. Utilizo também o conceito de

apropriação de Chartier (1990) para identificar as formas como os (ex) escoteiros fazem uso dos conhecimentos e práticas adquiridos.

A pesquisa com a temática do Escotismo que aqui se apresenta situa-se no campo daquilo que Alberti (2004) vem denominar de micro-história e está norteado pela metodologia da História oral. Seu uso se faz necessário e, de certa forma, imprescindível, porque irá permitir o acesso direto, por meio das entrevistas, a (ex-) membros do movimento escoteiro do Estado de Sergipe. Esta abordagem legitima-se porque “[...] o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo” (FERREIRA e AMADO, 2006, p. XXIII). O testemunho oral, no estudo que aqui apresento, representa o núcleo da investigação e sua importância manifesta-se no

[...] esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma [...]. São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA e AMADO, 2006).

Para um melhor entendimento sobre o estudo de trajetórias de vida e sua importância para a História da educação em geral, e para a História oral em particular, recorri às contribuições do pesquisador Elizeu Clementino de Souza (2008). Concebe o autor que as pesquisas vinculadas a este tipo de abordagem estão em ascensão e compreendem como singulares as narrativas dos sujeitos, por estarem estas assentadas na transação entre diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas. Esta ascensão justifica-se pelo fato de que

A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos (SOUZA, 2008, p. 95).

As produções do pesquisador em apreço me forneceram elementos para melhor apreender as histórias veladas nas relações educacionais estabelecidas entre membros do

movimento escoteiro sergipano, como revela um dos entrevistados desta pesquisa, o escoteiro Lázaro Bispo dos Santos: “[...] não pensei que depois de tantos anos fora do movimento escoteiro, alguém me procuraria para que eu falasse sobre minhas experiências dentro do movimento” (SANTOS, 2012). O entendimento das narrativas como algo singular me permitiu ter conhecimento de práticas pedagógicas e de processos formativos/educativos produzidos neste espaço de educação não-formal que é o Escotismo.

Ressalto que a ideia original foi investigar apenas aqueles que tiveram suas experiências no movimento escoteiro e que já não mantém contato de forma direta com o Escotismo. No entanto, há alguns poucos que continuam na militância do movimento escoteiro de forma direta e atuante, na condição de escotistas ou dirigentes, e que, portanto, não poderiam ter seus depoimentos desprezados neste estudo. Isto porque eles vivenciaram as duas dimensões do movimento escoteiro: a de membro juvenil, que vai dos sete aos vinte e um anos, cujos cargos de liderança são restritos aos pequenos grupos (matilhas e patrulhas); e a fase de membro adulto (escotista), a qual o tempo das vivências e aventuras juvenis é substituído pela organização e pela gestão das atividades realizadas por aqueles que, a partir de então, terão responsabilidade legal. Estas duas dimensões vividas por estas pessoas podem trazer contribuições significativas para a melhor compreensão da pedagogia escoteira, pois poderá corroborar ou não com a premissa do Lord Kitchener¹ de que “uma vez escoteiro, sempre escoteiro”.

O fato de eu ter convivido com membros do movimento escoteiro na minha adolescência me facilitou localizar vários colegas que fizeram parte do extinto Grupo Escoteiro Gumercindo Batista, da Cidade de Propriá-SE. Alguns outros que não foram da minha época e do meu lugar, foram localizados com o auxílio de um dos integrantes da direção regional de Escotismo em Sergipe, José Orlando dos Santos, o “Chefe Orlando.” Os demais grupos, consegui contatar a partir dos próprios entrevistados que passaram informações, ainda que (algumas) incipientes, sobre aqueles com quem ainda mantinham ligação. Desta forma, me ajudaram a formar uma “rede de conexões de contato” que talvez se assemelhe ao que o sociólogo Norbert Elias denominou de “relações interdependentes”, por indicar a necessidade mútua de interação entre as partes para o desenrolar da trama, fato que permitiu o avanço das entrevistas a partir da simbiose entre entrevistados e entrevistador. Como a intenção foi de traçar um perfil biográfico desses participantes, dar voz a estes

¹ Marechal de Campo britânico, diplomata e Secretário de guerra na Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial. Contemporâneo de Baden-Powell, cunhou essa frase durante um dos encontros de escoteiro em Leicester.

personagens para que narrem suas trajetórias de vida é condição *sine qua non* para a utilização da metodologia da História oral. Neste processo, datas, nomes, épocas, circunstâncias e sentimentos são evocados com maior ou menor grau pelo “lembrar” e pelo “esquecer” evidenciados nos singulares relatos dos depoentes. O uso desta metodologia num estudo com integrantes de um movimento social como o Escotismo justifica-se porque “[...] uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2004, p. 165).

Para compreender melhor o produto da formação a partir das trajetórias de vida dos participantes da pesquisa, realizei uma análise prosopográfica. A prosopografia, ou estudo das biografias coletivas, é um método cujo princípio procura definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise (CHARLE, 2006). O critério para a elaboração do roteiro biográfico construído nesta pesquisa foi o de ser ou ter sido escoteiro. O questionário contemplou questões ligadas à origem do entrevistado, formação escolar, situação matrimonial e profissional, religião e Escotismo. Este processo permitiu compreender, dentre outros aspectos, o tipo de formação educativa desenvolvida no movimento escoteiro sergipano apreendido por seus integrantes, como técnicas de sobrevivência campestre, noções de primeiros socorros, espiritualidade, companheirismo, a busca pela saúde do corpo, pelo espírito patriótico e pela autonomia ou autogoverno.

O desafio investigativo hermenêutico, segundo Magalhães (2004, p. 146) que dá “[...] corpo e significado às realizações institucionais, é talvez a via fundamental para a construção da identidade histórica das instituições educativas” e, por extensão, às histórias de vida das pessoas. No tocante a construção dos dados, como já sinalizado, foi utilizada a metodologia da História oral, por meio de entrevistas narrativas que se configuram em um método de levantamento de dados, que apreende dados primários, cuja análise permite retornar às relações temporais e à sucessão objetiva do processo da história de vida representada pelos participantes (SCHÜTZE, 1987). A escolha pela entrevista narrativa se deu por levar em consideração que “[...] através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH e GASKELL, 2008, p. 91).

O marco temporal da pesquisa, embora esteja mais delimitado pelos objetivos da pesquisa do que necessariamente pela precisão de anos, vai de 1958, data mais longínqua em que consegui localizar alguns dos participantes dentro do movimento escoteiro; até 2009, ano em que o último membro ingressou no Escotismo e hoje, já adulto, dá início a sua trajetória profissional e de estudos. Através das indicações de escoteiros que eu conhecia, fui localizando outros membros do movimento escoteiro, o que acabou por se tornar uma rede de interdependência, tal qual já revelada e configurada por Elias (2001). Ter localizado escoteiros que entraram no movimento no ano de 1958 foi muito importante para esta pesquisa acadêmica por dois motivos. Primeiro porque de 1956 a 1958 surge a Região Escoteira de Sergipe, sendo Walter João Dantas o primeiro comissário regional². Surgem com ela os primeiros grupos escoteiros em Sergipe registrados oficialmente na União dos Escoteiros do Brasil pós-Estado Novo, a exemplo dos grupos escoteiros “Walter Franco” e “Murilo Braga”. Segundo porque localizar escoteiros ainda vivos desta época não foi uma tarefa relativamente fácil, ao tempo em que entrevistar membros do movimento escoteiro que deixaram de sê-lo recentemente ou ainda continuam, já estando eles na fase adulta, me permitiu realizar uma análise sobre a formação educativa das distintas gerações a partir da década de 1950.

O número de participantes da pesquisa foi definido à medida que as entrevistas foram avançando e permitiram fornecer elementos suficientes e assim atingir um ponto de saturação, ou seja, um ponto em que os elementos foram satisfatórios para chegar às possíveis conclusões. Neste ponto, evidenciou-se que seria desnecessário coletar mais informações, uma vez que os dados construídos já estavam saturados (BERTAUX, 1980). Com as informações obtidas, foi construído um banco de dados contendo as categorias de análise presentes na história de vida dos entrevistados, a saber: nome e nascimento; naturalidade; atividades dos responsáveis; grau de escolaridade atingido; profissão; estado civil; quantidade de filhos; religião; data de ingresso no Escotismo; grupo escoteiro que participou; motivos de ingresso no movimento escoteiro; ramos que passou; postos de liderança exercidos; cotidiano dentro do grupo; castigos/punições recebidos; prêmios recebidos; participações em outros grupos escoteiros; lembranças marcantes do Escotismo; vitórias e fracassos atribuídos ao Escotismo; influência sobre outras pessoas para entrarem para o movimento escoteiro e permanência no Escotismo. Todas as narrativas revelaram o que de fato foi apropriado por

² Cargo diretivo mais alto de uma Região Estadual Escoteira à época.

eles e de como o movimento escoteiro influenciou ou determinou as condutas de vida de seus integrantes.

Para compor o rol de fontes foram considerados textos do fundador do Escotismo, de pesquisadores da temática e de militantes do movimento escoteiro, bem como narrativas de (ex-) escoteiros sergipanos e bibliografia sobre o tema. Tais fontes foram encontradas nos próprios grupos cujos membros estavam associados, sobretudo nas cidades de Aracaju e Própria, na biblioteca da Universidade Tiradentes, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no site da União dos Escoteiros do Brasil e no site do Centro Cultural da Memória Escoteira. Outras fontes a exemplo das fotografias, condecorações e certificados constavam nos arquivos pessoais dos escoteiros, cujas 43 casas/lugares de trabalhos/grupos escoteiros visitei a fim de colher informações.

A dissertação ficou estruturada em três capítulos: O primeiro se refere à contextualização da implantação e da consolidação do movimento escoteiro em Sergipe. O capítulo segundo contempla os perfis das trajetórias de vida de (ex) membros do movimento escoteiro sergipano com base no método prosopográfico. O terceiro e último capítulo é composto pela descrição e análise, com base nas narrativas, das trajetórias de vida de alguns daqueles que vivenciaram o movimento escoteiro e/ou que ainda militam em seus respectivos grupos no Estado de Sergipe. Aqui considero o que seja o cerne desta pesquisa, onde os depoimentos e as análises dos entrevistados permitirão conhecer o singular de cada trajetória e a partir dele conhecer o que Roy e Saint-Pierre (2006) denominaram de “singular plural”. É onde identifico as evidências do que, em comum, são consideradas marcas escoteiras.

CAPÍTULO I – O ESCOTISMO NO BRASIL E EM SERGIPE

No projeto inicial de Baden-Powell não havia limites de idade mínima e máxima para que o jovem ingressasse no movimento escoteiro. Após a primeira experiência de acampamento realizado na ilha de *Brownsea*, no ano de 1907, uma aglutinação de meninos com idade entre nove e dezoito anos começou a associar-se e formar por toda a Inglaterra o que ficou conhecido no movimento como “tropas escoteiras”. Tal composição acabou evidenciando a necessidade de dividir os jovens em faixas etárias distintas. Destarte, foram esboçados três ramos distintos, separados por faixas etárias e atividades específicas: o lobinho, o escoteiro e o pioneiro. No primeiro ramo enquadravam-se os meninos na idade de sete aos dez anos, cujas atividades buscavam estimular-lhes a imaginação; o segundo ramo foi destinado aos garotos entre onze e dezessete anos, com o propósito de levar o jovem a agir por si mesmo, receber estímulos do meio ambiente e não diretamente do adulto, além de incitar sua autoconfiança; o terceiro ramo, o pioneiro, congregava jovens a partir dos dezoito anos que deveriam se comportar como uma fraternidade ao ar livre, oferecendo seus serviços ao próximo (NASCIMENTO, 2006).

A criação de um novo ramo, o “sênior”, surgiu a partir da constatação da necessidade de um programa específico para a faixa etária entre quinze e dezoito anos, o que não aconteceu de maneira uniforme em nível mundial. No Brasil, o primeiro a detectar essa necessidade foi o chefe João Ribeiro dos Santos do “Grupo Escoteiro Guilhermina Guinle – Fluminense F.C.”, hoje “Grupo Escoteiro João Ribeiro dos Santos”, do Rio de Janeiro. Ao pesquisar sobre o assunto, ele descobriu que nos EUA já existia um novo ramo, denominado de “Sênior *Scouts*”, que contemplava a faixa etária dos quinze aos dezoito anos. O chefe João Ribeiro dos Santos solicitou, então, autorização à União dos Escoteiros do Brasil para implantar o novo ramo em seu grupo escoteiro, o que viria acontecer somente em 20 de novembro de 1945 (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

Depois de criado, o movimento não demorou a chegar ao Brasil. Era 1910 quando um grupo de militares da Marinha Brasileira voltava de uma missão na Inglaterra, época que coincidiu com a eclosão do movimento escoteiro naquele país. Dentro da tropa estava o Tenente Eduardo Henrique Weaver que havia se apresentado, em 13 de julho de 1907, à Comissão Naval do Brasil na Inglaterra, sediada em *Newcastle*. Ele se entusiasmou pelo movimento de Baden-Powell e considerou que a introdução do movimento escoteiro no Brasil

seria útil para a pátria (BLOWER, 1999, p. 23). O Tenente Weaver foi autor do primeiro artigo sobre Escotismo publicado no Brasil, na edição de 1909 da “Revista Ilustração Brasileira”. Citado pelo pesquisador Deivid Blower, ele deixa clara a ideia original do *Lord Baden-Powell* :

Começaremos por bem frisar que os *scouts* não são militares nem ao menos militarizados; é essencial que cada moço se compenetre de sua independência, do que se espera de sua iniciativa própria, e da consciência de sua responsabilidade que são os elementos formadores do seu caráter (BLOWER, 1999, p. 25).

Embora militar, fica evidenciado pelo Tenente Eduardo Henrique Weaver a preocupação em não se fazer do Escotismo uma versão infantilizada do Militarismo, preocupação latente de Baden-Powell, seu criador. Assim, na cidade de São Paulo, no dia 14 de junho de 1910, considerado como o dia da introdução do Escotismo no Brasil, os que assinaram a ata de fundação da primeira sede escoteira no Brasil comunicaram aos jornais a instalação da entidade. Vale registrar que outro personagem que contribuiu para a divulgação do Escotismo no Brasil foi o médico Mario Cardim, que se encontrava na Europa em 1910, onde conheceu pessoalmente Baden-Powell, sendo seu aluno em um curso de “Chefe Escoteiro.” Na volta ao Brasil, teve oportunidade de disseminar os conhecimentos adquiridos com o próprio Baden-Powell e contribuir para a consolidação do Escotismo no Brasil (BLOWER, 1999).

Uma vez instalado no Brasil, o Escotismo, com seus padrões rigorosos de disciplinamento e com objetivos claros no tocante a transformar o menino em um cidadão conhecedor de seus direitos e deveres, passaria a entusiasmar diversas entidades sociais brasileiras como Igrejas, clubes esportivos e estabelecimentos de ensino. Em São Paulo, por exemplo, a pesquisadora Yara Gabriel ressaltou que:

A Primeira República configurou-se como momento de importantes transformações na escola paulista, tais como, a expansão do ensino primário, a preocupação com a formação de professores, a atenção cuidadosa para com a construção de espaços apropriados para o ensino, o surgimento de um mercado editorial voltado para temas pedagógicos e o aprimoramento de métodos e práticas pedagógicas como, por exemplo, a introdução do escotismo. (GABRIEL, 2003, p. 14).

Coadunando-se com os projetos de reformas educacionais que ocorriam no Brasil no início do século XX, o Escotismo, entre 1910 e 1924, já estava presente na maior parte dos estados brasileiros. Com a disseminação do Escotismo no país houve a necessidade de se criar uma entidade de caráter nacional com capacidade de regulação e gerenciamento, embora houvesse outras entidades autônomas em diferentes regiões. Nascia então, em 1914, no estado de São Paulo, a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), cujos mentores foram o próprio Mário Cardim e Olavo Bilac (1865 – 1918), este, poeta, jornalista, fundador e membro da Academia Brasileira de Letras e Patrono do serviço militar brasileiro (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2012). Mario Cardim, inclusive, foi quem selecionou a palavra escoteiro, em adaptação ao termo inglês *scout* criado por Baden-Powell. Um ano após a criação da ABE, surge a publicação *Jornal da ABE*, transformado na revista “O Escoteiro”, sete anos depois (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

Um ano após o a publicação do *Jornal da ABE*, em 1916, foi escrito e editado o “Livro do Escoteiro” por Olavo Bilac, prefaciado por Coelho Neto (1864 – 1934), este também membro fundador da Academia Brasileira de Letras (UOL EDUCAÇÃO, 2012). A introdução do livro se transformou no primeiro Manual Escoteiro Editado no Brasil. Naquele mesmo ano de 1916, os autores fazem campanha para propagação do Escotismo em todo o território nacional. Ainda com esse intuito, a ABE também promoveu o I Congresso de Escotismo no Brasil. No ano de 1928 a ABE integrou-se à União dos Escoteiros do Brasil, órgão criado em 1924 pela junção de outras entidades escoteiras e que, a partir desta integração, passou a ser a entidade oficial a representar o Escotismo brasileiro internacionalmente. Esta integração se deu a pedido, por escrito, do próprio Baden-Powell (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012). A integração entre essas duas entidades pôs fim a um período de não articulação entre associações que tinham uma causa em comum, o Escotismo, mas que se conduziam de maneira autossuficiente. Benjamin Sodré (1892 – 1982), um dos fundadores, jogador e presidente do Botafogo de Futebol e Regatas, Almirante da Marinha Brasileira, autor de “O Guia do Escoteiro³”, um dos fundadores do Escotismo no Brasil, e que na época publicou uma seção sobre o Escotismo em uma revista infanto-juvenil denominada “Tico-Tico”, retratou o contexto que precedeu a integração entre as duas entidades:

³ Publicou este livro sob o pseudônimo de “O velho lobo”, por ser considerado o primeiro Akelá (chefe dos lobinhos), como ficou conhecido até o fim de sua vida.

O Escotismo pode-se considerar definitivamente firmado entre nós. Já se passou aquele período de propaganda vivíssima, em que era quase um dever só entoar loas e esconder os defeitos.

Hoje pode-se, sem perigo, apontar os males. E esse é o dever. Entre nós, quatro grandes associações dirigem o movimento escoteiro nacional: a Associação Brasileira de Escoteiros, com sede em São Paulo, a Associação de Escoteiros Catholicos do Brasil, a Comissão Central de Escotismo e a Confederação Brasileira de Escoteiros do Mar, com sede no Rio.

Refletindo o espírito de pouca harmonia dos brasileiros, que vivem a brigar, essas associações se correspondem, se entendem, mas não se ligam. Sofre com isso o Escotismo, que se desenvolve entre nós sem a precisa uniformidade, e sofre o nome do Brasil, que de outro modo poderia figurar entre as grandes potências escoteiras, cousa que não é de desprezar hoje, quando o Escotismo tem por mais de uma vez ocupado a atenção e sugerido discussões na Liga das Nações.

Um país possuir cem, duzentos mil escoteiros deve ser, forçosamente, uma razão de consideração no conceito demais. Nós caminhamos para esses números, mas como nossos esforços são dispersos, aparecem sempre informações parciais. Tentativas têm sido feitas para reunir as Associações, mas todas vãs, porque ora a vaidade de domínio, ora pequeninas questões pessoais conservam afastadas forças preciosas que deveriam se unir, valendo pelo dobro.

É um dever de todos, desde o mais pequenino escoteiro até ao mais importante Chefe, procurar criar uma atmosfera de harmonia entre todas as associações, para que elas se liguem constituindo uma confederação geral que possa representar o Escotismo do Brasil. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

O Escotismo enquanto associação voluntária

Baden-Powell, ao fundar o movimento escoteiro, teve como propósito deixar claro uma das características principais sobre a qual o Escotismo foi concebido, que é a de associação voluntária, cujas raízes estão presentes nos diversos tipos de associações voluntárias na Inglaterra e em outros países, que variam de esportivas a religiosas (NASCIMENTO, 2008). Tal característica viria a se manifestar de forma latente mundo afora e foi evidenciada, como já sinalizado, no primeiro acampamento dirigido por ele, na Ilha de *Browsea*. O convite foi realizado pelo próprio Baden-Powell aos pais dos jovens que participaram da atividade. O pedido foi concedido após receberem explicações de Baden-Powell e serem convencidos por ele quanto aos objetivos propostos para a inédita experiência. A ideia de associação voluntária que o fundador do Escotismo trouxe para o movimento escoteiro é também conhecida por sociedade de ideias. Este tipo de associação ou sociedade foi um dos pilares da constituição da democracia norte americana, no que se refere à formação cultural de seu povo, no início século XIX. Para Nascimento (2005), a cultura norte americana foi fruto de uma experiência singular de imigrantes europeus, os quais buscavam no Novo Mundo a liberdade religiosa, dentre outras coisas. Neste tipo de sociedade o indivíduo é tido como um sujeito social individual autônomo, protagonista da democracia. Sobre modelos de associação voluntária, vale dizer, como formas modernas de sociabilidade, que ofereceram

novos modelos associativos, em meio à sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica e composta, em sua essência, por atores sociais coletivos (COCHIN, 1921, apud BASTIAN, 1990, p. 7). A difusão destas novas formas de associação é decorrência do Liberalismo da segunda metade do século XIX, que possibilitou a ampliação da consciência liberal e estimulou o surgimento dos mais variados tipos de associação que, por sua vez, buscaram aparato na Modernidade. Este movimento de difusão ocorreu principalmente nos Estados Unidos, de forma desarticulada, mas configurando-se como um modelo associativo horizontal, isto é, não hierárquico. Tal forma de sociabilidade tem como pano de fundo uma sociedade igualitária, calcada pela autonomia do sujeito social individual e pelo estímulo à difusão de preceitos morais como não fumar, não beber, manter a fidelidade matrimonial, combater jogos de azar e as regras que sedimentavam as bases da pedagogia proposta por Baden-Powell. É neste contexto que o pesquisador Jorge Carvalho do Nascimento analisou a gênese do movimento escoteiro, frisando que:

Fundamentalmente, a atividade do Escotismo era trabalho voluntário. As atividades escoteiras não interrompiam as horas habituais de trabalho que cada um desenvolvia nos escritórios, oficinas, escolas. As práticas do Escotismo eram exercitadas nas horas livres e o ingresso e a permanência no movimento eram inteiramente voluntários (NASCIMENTO, 2008, p. 204).

Deste modo, a liberdade do jovem escoteiro de integrar-se e se desligar do movimento quando assim desejasse é respeitada. Os assuntos pertinentes a cada patrulha são deliberados entre os próprios componentes e decididos pelo voto de cada um. Desta forma, o jovem aprende a trabalhar em equipe, além de tomar decisões individuais que refletem em ações que afetam diretamente a ele e a sua equipe. Em meio a uma disseminação de diversos tipos de associações voluntárias na Europa e nos Estados Unidos, a exemplo das associações esportivas, religiosas e sindicais, o Escotismo foi uma das últimas experiências referentes à segunda metade do século XIX.

Embora o Escotismo tenha em sua concepção o caráter de associação voluntária, governantes de países como Alemanha, Itália e o próprio Brasil se apropriaram do movimento escoteiro para, através do Escotismo escolar, militarizar a infância, por meio da disseminação de valores típicos do Militarismo, como ordem, disciplina e obediência, para serem veiculados na sociedade civil. Esta prática foi veementemente condenada por Baden-Powell, que apesar

de ter sido militar do mais alto escalão –general – deixou bem claro que o Escotismo não era uma espécie de Militarismo, como muitos entenderam (BOULANGER, 2000).

O Escotismo em Sergipe

Apenas três anos após a sua fundação na Inglaterra, em 1907, o Escotismo já estava em solo brasileiro, como já fora anunciado. A disseminação pelo território nacional não tardou e pouco mais de uma década após ser oficializado nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento escoteiro já tinha suas práticas implantadas em boa parte dos estados brasileiros. A forma como foi introduzido, de uma maneira geral, pode ser definida como aquilo que Nascimento (2008) veio a chamar de Escotismo de Estado, ou seja, como um “braço” do sistema estatal educacional. Foi por meio de sua inserção nas escolas que o Escotismo surgiu inicialmente no contexto brasileiro, diferenciando-se de sua concepção original, de associação voluntária. Exemplo disto está na constatação de Nascimento, que ao verificar o “Anuário de Ensino de São Paulo” referente ao ano de 1923, percebeu o quanto esta prática esteve presente no discurso do diretor geral da Instrução Pública daquele Estado, Guilherme Kuhlmann:

O escotismo implantou-se de vez nas escolas paulistas e seus frutos têm sido magníficos. Mas fizemos um escotismo nosso, de acordo com o nosso meio, adaptado às nossas condições de vida. Ligamo-lo às tradições da nossa história, dando a cada comissão regional o nome de um bandeirante. Teve assim o intuito louvável e muito patriótico de reviver as glórias do nosso passado. (...) (KULLMANN, 1923, apud NASCIMENTO, 2008, p. 286).

No Estado de Sergipe, há registros de práticas do Escotismo na década de vinte do século passado. Os registros dão conta desta prática educativa no governo de Graccho Cardoso (1922 – 1926), que procurou implementar propostas de modificação à educação tradicional, herança do ensino dos jesuítas, remanescente dos períodos colonial e imperial. As aspirações às mudanças no contexto educacional buscaram apoio nas pedagogias ativas em ascensão na Europa e nos Estados Unidos da América desde o século XIX. Ao realizarem estudos sobre o ensino agrícola em Sergipe e analisarem as práticas educativas do Patronato São Maurício, situada na cidade de São Cristóvão, Marco Arlindo Amorim Melo Nery (2006) e Jorge Carvalho do Nascimento (2008) encontraram registros de atividades escoteiras no

interior daquele estabelecimento de ensino já no ano de sua inauguração, em 1925. Ao verificar o Relatório do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio enviado ao Presidente da República, do ano de 1923, Nery (2006) constatou que as primeiras instituições a adotarem o Escotismo, ao lado dos exercícios físicos e militares, em nível nacional, foram os Patronatos Agrícolas Federais. Inicialmente realizada como prática complementar no Patronato São Maurício, o Escotismo passou a ser instituído em forma de aulas, ministradas após o recreio. Nas apresentações públicas realizadas pelos escoteiros do Patronato, a disciplina e a higiene eram explícitas, no intuito de frisar a instrução que era oferecida naquela instituição de ensino, como mostra nota do Diário Oficial do Estado de 16 de julho de 1925:

Como noticiamos em nosso último número, os menores do “Patronato Agrícola São Maurício” estiveram na manhã de 14 de julho nesta capital, em cujas ruas desfilaram. Tendo vindo daquela casa de ensino caminhões-automóveis, acompanhados dos respectivos professores, as aludidas crianças desceram junto à estação da estrada de ferro, onde entraram em forma. Perfeitamente uniformizados em roupa cáqui, tipo boy-scouts, amplos chapéus de campo, bandeiras vermelhas sobre as varetas verde-amarelo descansando aos ombros, marchando ao som da banda de música da Polícia, tendo à frente a bandeira sergipana, empunhada com garbo e ao rufo dos tambores infantis – a passagem dos menores do Patronato pelas nossas vias urbanas produziu uma agradável e comovedora impressão. Sentiam-se naquela ordem, no asseio e na disciplina das crianças, os efeitos da educação paciente que aos poucos vai transmutando esses “abandonados” em futuros cidadãos prestantes (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE 16 DE JULHO DE 1925 *apud* NERY, 2006, p. 95).

Apresentações públicas como as supracitadas suscitavam na sociedade uma representação acerca do tipo de educação que era contemplada no Patronato. Os desfiles marcados pela organização, disciplina e garbo dos meninos uniformizados de escoteiros deixavam transparecer que o Escotismo era uma prática salutar e que contribuía para formação educativa daqueles jovens estudantes do Patronato, por evidenciarem o higienismo e a apresentação pessoal, cobrados rigorosamente.

O deputado Humberto Dantas foi um dos políticos que lutou pela implantação do Escotismo no Estado de Sergipe, buscando para isso apoio da imprensa. Apoiando-se na base da formação escoteira, qual seja a formação de caráter e o autogoverno do jovem, a implantação do Escotismo no Patronato Agrícola foi pertinente, uma vez que, visto (pela sociedade sergipana) o Patronato como uma instituição destinada a corrigir o comportamento de delinquentes, o Escotismo serviu como fio condutor para disciplinar os jovens que ali estavam.

O pesquisador Luiz Antônio Barreto revelou que o governo Graccho Cardoso enaltecia a cultura do caráter e esta deveria preponderar sobre a cultura da inteligência. O entendimento do Presidente era de que as qualidades morais, mais que os dotes do espírito, regem a harmonia social e a felicidade individual. E complementa: “Jovens ativos, leais, generosos, senhores de si próprios são, em todos os tempos, por maior que seja a sua incultura, cidadãos úteis à pátria”. Na sua plataforma, o presidente do Estado estabelece quatro itens, a saber:

1. Reduzir o número de horas de trabalho escolar aplicando o excesso a jogos, desportos, exercícios ao ar livre e diversões educativas;
2. Reformar os métodos e descongestionar os programas, estabelecendo o princípio da diferenciação entre o ensino e os respectivos núcleos, a partir de um certo grau em diante;
3. Implantar o auto-governo na escola e desenvolver a vocação dos alunos, num ambiente saturado de boa vontade e alegria;
4. Criar o ensino para a vida cívica e para a escolha de uma profissão futura (BARRETO, 2004).

Esta linha de pensamento, que se coadunou com o projeto da Escola Nova, encontrou na pedagogia do Escotismo um importante aliado na implementação desse novo ideário, uma vez que aparece como instrumento de demonstração de uma educação pelos sentidos e que prima pelo desenvolvimento de valores como obediência, cortesia, bondade, altruísmo, lealdade e patriotismo, como é possível ver nos regulamentos da Associação Brasileira de Escoteiros, órgão regulador e centralizador do Escotismo brasileiro nas duas primeiras décadas do século XX, apontado pela pesquisadora Rosa Fátima de Souza:

- 1º- Eugenia, na parte referente à educação física, à saúde, ao vigor e à destreza das gerações novas, homens e mulheres;
- 2º- Civismo, não apenas reduzido a ensinamentos cívicos, mas o hábito de realizar os deveres cívicos, mercê das convicções adquiridas;
- 3º- Inteligência, isto é, o desenvolvimento de algumas das mais notáveis qualidades intelectuais, a urgência, a logicidade, a divisão pronta;
- 4º- Caráter, considerado como o hábito adquirido pela prática sistemática da bondade, em casos concretos, dia a dia, como o horror à mentira e correlato amor à verdade, à pontualidade (CAMPOS, 1922, p. 7 *apud* SOUZA, 2000, p. 7).

Estes objetivos, vislumbrados no Escotismo e contidos nos estatutos e regulamentos da Associação Brasileira de Escoteiros, fundamentavam-se nos valores que lapidavam o projeto de Baden-Powell e que tinham por intuito transformar o menino em cidadão consciente de seus direitos e deveres. Faziam parte da tentativa de construção de um

ideário republicano de educação do Brasil do Século XX, ideário este inspirado nos moldes da educação europeia e da educação norte-americana.

Do Escotismo de Estado para associação voluntária

O Escotismo de Estado, conforme denominou Jorge Carvalho do Nascimento (2008), permaneceu como prática escolar até o final do Estado Novo (1937 – 1945) em vários estados brasileiros, inclusive Sergipe. Segundo o pesquisador, é a partir da segunda metade da década de 1950 que o movimento escoteiro sergipano surge sob a forma de associação voluntária, característica que marcou sua fundação, na Inglaterra. Um dos personagens que vai marcar a fase de transição do Escotismo em Sergipe, qual seja, de ser estratégia de controle estatal para iniciativas próprias ou de associações voluntárias, foi Walter João Dantas. Após identificar na biblioteca de seu pai, Niceu Dantas, livros sobre Escotismo, resolveu escrever à entidade máxima do Escotismo brasileiro, a União dos Escoteiros do Brasil – UEB – com o intuito de solicitar autorização para criar um grupo escoteiro em seu Estado, o que lhe foi concedido após o envio de livros e instruções.

Um dos pré-requisitos para se fundar um grupo de escoteiros era ter autorização prévia da Região Escoteira Estadual. Como na época não existia este órgão em Sergipe, Walter Dantas, por intermédio de um dirigente do Serviço Social do Comércio (SESC), Carlos Alberto Sampaio, recebeu apoio financeiro do Rotary Clube de Aracaju e organizou a Região Escoteira de Sergipe, no ano de 1956, fato registrado em solenidade realizada no dia 15 de novembro na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Os primeiros jovens a participarem deste novo momento do movimento escoteiro sergipano eram estudantes do Colégio Estadual Tobias Barreto, do Colégio do Salvador e do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo. O “Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo” fundado nesta data durou alguns anos e acabou extinguindo-se, conforme relatou o historiador Manoel Cabral Machado (1998). Segundo Odilon Cabral Machado, que foi escoteiro deste grupo, o “Grupo Escoteiro Walter Franco” acabou encerrando suas atividades porque o “Chefe Walter” teria saído para fundar outro grupo, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, do qual Odilon fez parte, mas que acabou tendo duração efêmera (MACHADO, 2012).

De acordo com o Jornal “A Cruzada”, de novembro de 1956, Walter Dantas era Comissário da “Cidade de Menores”, entidade do governo estadual responsável por cuidar dos

menores órfãos ou indisciplinados que lá chegavam. Vários deles chegaram a ser escoteiros, como relata José Orlando dos Santos, alguns anos mais tarde:

Passado um tempo, aí eu fui pro internato. Eu já via lá o chefe Robson chegar com os escoteiros. Aí com dezessete anos, eu fui chamado pra tomar conta desse pavilhão aonde estava sendo fundado um grupo escoteiro. Os sessenta menores de lá era tudo escoteiro e eu tive a oportunidade de ser escoteiro também. Aí, o que aconteceu: os que tinha idade de quinze, até quatorze e meio já formaram a tropa sênior, e me levaram pra lá, também, e disse que eu tinha que ser escoteiro (O. SANTOS, 2012).

Impulsionado por José Ramos de Moraes, então presidente da Federação do Comércio do Estado de Sergipe, e pelo professor Carlos Alberto Sampaio, então dirigente do Serviço Social do Comércio, o enfermeiro e funcionário do SESC Adalberto Rodrigues dos Santos se propõe a fazer dois cursos para chefe-escoteiro, um na Bahia e outro no SESC do Rio Janeiro. Assim, dois anos após a solenidade realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o então “Chefe Adalberto” fundou o Grupo Escoteiro Murilo Braga, cuja sede era nas dependências do SESC da cidade de Aracaju. Manoel Cabral Machado, membro da Academia Sergipana de Letras, publicou uma importante obra sobre inúmeras biografias de personalidades sergipanas. Dentre estas se encontra a figura do “Chefe Adalberto”, que o autor o intitulou “Um Mestre de Escotismo”. Sobre ele escreveu:

Chefe Adalberto, participante e eficiente, dedicado e entusiasta, vive a pensar e trabalhar com seus escoteiros. Realiza ainda reuniões semanais, cursos de aprendizagem, jogos, acampamentos, acantonamentos, bivaques, etc. e encontros com os pais, isto durante quase trinta anos. Comparece ademais aos acampamentos regionais (Salvador, Recife, etc.) ou nacionais (Rio, São Paulo, etc.) com sua tropa organizada e eficiente. Sendo o chefe regional, organizou outros grupos no Estado e, em 1972, promoveu a XXIII Reunião Nacional de Escoteiros do Brasil com um comparecimento de 315 jovens. [...] Chefe Adalberto Rodrigues dos Santos, um idealista, crê no movimento pelo que já realizou, levando a muitos jovens sergipanos a boa formação, afastando-os dos vícios e da degradação moral. (MACHADO, 1998, p. 26).

A partir de então o movimento escoteiro no Estado de Sergipe começou a crescer, outros grupos começaram a ser criados, fato que fez o projeto do *Lord* Baden-Powell ganhar mais popularidade e reconhecimento nas décadas subsequentes, como pôde ser corroborado pelos números de registros fornecidos pela União dos Escoteiros do Brasil, onde se viu que o ápice aconteceu na década de 1980, mais precisamente no ano de 1989, com 1343 membros

registrados. O período de ápice do Escotismo sergipano foi sucedido por acentuados números decrescentes de registros de associados, atualmente contendo pouco mais de 200 membros. (UEB, 2012) Nos anos que precederam o ápice, as décadas de 1960 e 1970, os números de registros foram perdidos na transferência da sede da U.E.B, de São Paulo para o Paraná, fato que se deu no final do ano 2000⁴. Há indícios de que nesses períodos o Escotismo passou por crises, como evidenciou Manoel Cabral Machado, ao registrar a queixa do próprio Chefe Adalberto:

[...] Quando volta das reuniões do Sul e sabe o quanto o escotismo empolga a juventude sulina, cai na tristeza, pois não vê, em Sergipe, o movimento sensibilizar nossos governantes, educadores, e até mesmo os pais de família. O desânimo, todavia, em pouco tempo, se apaga e Chefe Adalberto retoma o entusiasmo, o idealismo e o amor à juventude, e sai feliz, com velho coração safenado, comandando a tropa de escoteiros bravos, disciplinados e venturosos, até porque Chefe Adalberto e seus jovens estão “**sempre alerta**” (MACHADO, 1998, p. 27, grifo do autor).

Foi assim que Walter Dantas e Adalberto Rodrigues foram personagens que deram início, na década de 1950, a uma nova fase no Escotismo sergipano. Com auxílio de órgãos como SESI e SESC alguns grupos escoteiros surgiram e entusiasmaram o surgimento de outros grupos, a exemplo do “Grupo Escoteiro Duque de Caxias”, do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” e do “Grupo Escoteiro Cruzeiro do Sul”, os três na cidade de Aracaju. Ocorreu neste momento o afastamento do Escotismo escolar, marca registrada nas três primeiras décadas após o seu surgimento no Estado. Concomitante e posteriormente a esses chefes surgem outros atores que contribuíram para a construção da história do Escotismo em Sergipe. No entanto, é necessário dizer que não houve uma ruptura “abrupta” com o Escotismo de Estado, uma vez que órgãos governamentais como os já citados apoiaram alguns grupos escoteiros, como o “Grupo Escoteiro Walter Franco” e o “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, este último com apoio mantido até hoje. O que aconteceu foi um paulatino “arrefecimento” deste tipo de apoio, principalmente após o fim do regime militar.

Assim sendo, em 1956, após o regime do Estado Novo e o fim da Segunda Guerra Mundial, o primeiro grupo de escoteiros foi criado em Aracaju e denominou-se “Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo”. A solenidade de fundação aconteceu na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sob o comando do chefe Walter João Dantas. O fato

⁴ Antes, porém, a U.E.B teve sede fixada no Distrito Federal e no Rio de Janeiro, onde foi fundada.

histórico também foi registrado por Manoel Cabral Machado na obra “Brava gente sergipana e outros bravos”. O memorialista fez questão de frisar que “[...] Deste primeiro grupo participaram muitos jovens, inclusive meu filho Odilon e posteriormente, como lobinho, meu filho Manoel Félix. O grupo durou alguns anos, vindo lamentavelmente, a extinguir-se.” (MACHADO, 1998, p. 26). Segundo Odilon Cabral Machado (2012), o “chefe Walter” saiu do grupo Jackson de Figueiredo e fundou outro, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell.” “Participei por mais um ou dois anos deste novo grupo, mas não me recordo o motivo pelo qual chefe Walter saiu do grupo Jackson de Figueiredo” (MACHADO, 2012).

No dia 05 de setembro de 1958, também na cidade de Aracaju, foi fundado o “Grupo Escoteiro Murilo Braga.” Seu chefe foi o já citado Adalberto Rodrigues dos Santos, funcionário do SESC que tinha habilidade para dirigir jovens. Apoiado pelo então presidente da Federação do Comércio, José Ramos de Moraes, e pelo dirigente do SESC, o professor Carlos Alberto Sampaio, Adalberto Rodrigues funda o grupo, dirigido aos filhos de comerciários, e constituiu uma “alcateia de lobinhos”, “uma tropa de escoteiros” e uma “tropa de seniores.”⁵



Figura 1. Adalberto Rodrigues – 1º Chefe do Grupo Escoteiro Murilo Braga. Fonte: Revista Baden-Powell (2004).

Passados onze anos, em 15 de novembro de 1969, também na cidade de Aracaju, foi fundado o “Grupo Escoteiro Duque de Caxias.” Foi chefiado inicialmente pelos escotistas Ernani de Jesus Santos, Gilson Santos e Wilman Andrade. O primeiro foi funcionário público

⁵ No ramo lobinho, uma alcateia é formada pelo conjunto de até oito matilhas, que são os pequenos grupos de lobinhos. Nos ramos escoteiro e sênior, o conjunto de até oito patrulhas, que são os pequenos grupos de escoteiros e seniores, forma uma tropa. Tanto a matilha quanto a patrulha é formada por até oito membros (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

estadual da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), atualmente aposentado. O segundo foi comerciário e após algum tempo foi viver no Estado de São Paulo, em função de sua atividade profissional. Posteriormente agregou-se ao grupo o chefe Helio Farias de Menezes, que havia sido pioneiro no “Grupo Escoteiro Walter Franco.” Os primeiros membros diretores do “Grupo Escoteiro Duque de Caxias” foram: José Dias Machado (Presidente), Frei Juvenal Vieira Bonfim (Diretor de Relações Públicas), Antônio Ferreira do Nascimento⁶ (Tesoureiro), Maria Luiza Almeida Matos (Secretária) e Maria Ivanda Carvalho do Nascimento (Conselheira Fiscal). As reuniões de diretoria realizavam-se inicialmente no salão da Secretaria da Ação Social São Pio X e, em sua maioria, contavam com a presença do Comissário Regional de Escotismo, Adalberto Moreira Rodrigues, que se empenhou em incentivar o crescimento do grupo.

O “Grupo Escoteiro Duque de Caxias” sempre esteve ligado à Igreja São Pio X, do bairro 18 do Forte e foi o primeiro do Estado a ter uma mulher como chefe de grupo, Denise Carvalho do Nascimento Moreno, fato que ocorreu em dois períodos distintos. “Chefe Denise” também foi pioneira ao se tornar, posteriormente, “Comissária Regional de Escotismo.” Seu grupo foi pioneiro também quando implantou a coeducação no ramo lobinho, ou seja, inclusão de meninas em meio aos meninos, uma vez que os grupos eram predominantemente masculinos, exceção feita às chefias dos lobinhos, geralmente comandadas por mulheres.

No Brasil, a entrada de mulheres no movimento escoteiro aconteceu no final de 1914, por iniciativa da Associação Brasileira de Escotismo (ABE), em São Paulo, mas ocorreu de forma paralela ao escotismo masculino. Cinco anos mais tarde consolidou-se, no Rio de Janeiro, o que passou a ser chamado de Movimento Bandeirante do Brasil, sem vínculo institucional com o movimento escoteiro. Suffert (2012) relata que a coeducação foi aplicada em caráter experimental, no ramo Pioneiro, entre 1968 a 1972. Em 1978, foi a vez do ramo lobinho abrir-se para a coeducação. Os ramos escoteiro e sênior oficializaram suas experiências com a coeducação em 1980 e 1981, respectivamente.

⁶ No final de 1972, o Presidente do “Grupo Escoteiro Duque de Caxias”, Antônio Ferreira do Nascimento, marcaria a data da posse do Presidente de Honra do Grupo, o então Prefeito de Aracaju, Dr. Cleovansóstenes Pereira de Aguiar, eleito em novembro de 1972. A posse ocorreu em 17 de março de 1973. Como Prefeito de Aracaju, o Dr. Cleovansóstenes efetuou a doação de um terreno ao Grupo, situado à Rua Pinheiro Machado 96, 18 do Forte, onde funciona a sede do grupo até a data atual.

O “Grupo Escoteiro Duque de Caxias” foi também “padrinho” (contribuiu para a fundação, incentivando e instruindo os primeiros escotistas) do “Grupo Escoteiro Boca da Mata”, fundado na cidade de Nossa Senhora da Glória, na década de 1980. A fundação foi oficializada na praça pública da cidade durante a realização de um fogo de conselho, que é uma reunião que acontece à noite em torno de uma fogueira, onde todos os escoteiros cantam, dançam, fazem declamações e apresentam pequenas peças teatrais (POWELL, 2006, p. 151). Antes da fundação do “Grupo Duque de Caxias”, seus primeiros chefes pertenceram ao “Grupo Escoteiro Walter Franco”, este foi fundado em 1956 por Walter Dantas e funcionou nas dependências do SESI, no bairro Industrial. “Este grupo encerrou suas atividades quando o SESI resolveu tirar o patrocínio (apoio logístico e material) que dava ao grupo” (NASCIMENTO, 2011).



Figura 2. Escoteiros e lobinhos do Grupo Escoteiro Duque de Caxias em atividade na Praça Fausto Cardoso, em Aracaju. Fonte: Arquivo do Grupo Escoteiro Duque de Caxias.

Foi na década de 1970 que surgiu em Aracaju o “Grupo Escoteiro Marroig de Melo”, situado na sede da Marinha Brasileira em Sergipe. Foi o primeiro grupo escoteiro “do mar.” Concebido como “Escotismo de Estado” por ter apoio da Marinha Brasileira, teve suas atividades encerradas com o fim do governo militar. Pelo fato de realizar suas reuniões semanais na sede da Marinha, contavam com constantes instruções dos militares marinheiros da Capitania dos Portos de Sergipe, principalmente sobre técnicas de salvamento no mar e primeiros socorros a vítimas de afogamento. O escotismo do mar foi uma modalidade assim denominada por Baden-Powell ao constatar que após a criação do movimento escoteiro,

vários grupos, por se localizarem em regiões marítimas ou próximas a elas, exerciam as atividades escoteiras predominantemente no mar. Considerava importante o jovem saber nadar, dadas as proporções de água existentes no planeta. Sobre os “grupos escoteiros do mar” Baden-Powell assim se expressou:

Fico satisfeito ao ver tantos escoteiros se dedicarem ao escotismo do mar; aprendendo a manobrar uma embarcação e a marinaria, estão também se preparando para tomar seu lugar no serviço da Pátria, como marinheiros na marinha de guerra ou marinha mercante, ou como tripulantes das embarcações salva-vidas das costas (BADEN-POWELL, 2006, p. 95).

Era 01 de janeiro de 1979 quando foi fundado, em Aracaju, o “Grupo Escoteiro Cruzeiro do Sul”, com sede no Conjunto Assis Chateaubriand (bairro Bugio). Onze dias depois, em 12 de janeiro de 1979, na cidade de Rosário do Catete, foi fundado o “Grupo Escoteiro Augusto Maynard”. Ambos mantêm suas atividades até hoje. Nesta mesma semana surgiu o “Grupo Escoteiro Baden-Powell”⁷, fundado na capital sergipana em 8 de janeiro de 1979. Sua fundação aconteceu durante um acampamento de dez dias, ocorrido entre os dias 04 e 13 de janeiro daquele ano, na chácara do Instituto Lourival Fontes, onde fora realizada a primeira promessa do Grupo. O dia 8 de janeiro foi escolhido em homenagem ao fundador do escotismo, que morreu nesta data, no ano de 1857.

O “Grupo Escoteiro Baden-Powell” nasceu da dissidência de vinte e cinco membros do “Grupo Escoteiro Murilo Braga.” “Insatisfeitos com o tratamento dado pela entidade mantenedora na época (SESC), resolveram se desligar do citado grupo e formar outro.” (REVISTA BADEN-POWELL, 2004, p. 9). Esta dissidência, que acabou culminando na criação do grupo, aconteceu, segundo José Orlando dos Santos, Chefe do grupo, porque

[...] o Sesc não tava colaborando com o desenvolvimento do Murilo Braga e eu disse: ah, não, tenho que partir pra uma coisa que realmente aconteça! Eu detesto essa coisa de: existe, existe, tá ali! Sim, mas eu só ouço dizer que tá ali, cadê que eu não vejo? Eu sou desse tipo mesmo. Me desculpe a falta de modéstia, mas eu detesto ser “pata”, eu prefiro ser “galinha”, sabe por que? Porque a pata quando põe o ovo ninguém sabe, a galinha faz um barulho da poxa! Porque só com barulho é que o povo sabe que existe e até vai ajudar. Você quer que as coisas cheguem por obrigação do divino espírito santo? Ah, não chega nunca! Você tem que correr atrás. Isso lembra aquele ditado: quem não é visto não é lembrado. Então você tem que fazer é acontecer mesmo. (O. SANTOS, 2007)

⁷ O 7º Grupo Escoteiro Baden-Powell foi objeto de estudo de Rabelo (2007).



Figura 3. José Orlando dos Santos. Chefe fundador do Grupo Escoteiro Baden-Powell. Fonte: Revista Baden-Powell (2004).

Por mais de trinta anos o “Grupo Baden-Powell” situou-se no bairro Santo Antonio, em Aracaju-SE, nas dependências do Clube do Trabalhador (SESI), onde realizava suas atividades internas nos dias de sábado e domingo. Patrocinador oficial do “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, o SESI, quando da fundação daquele, doou para o Grupo: 30 lenços, bandeiras do Brasil, de Sergipe, do Grupo e do SESI, seis barracas, várias panelas e material de campo. Esses materiais, que serviam para a logística das atividades de acampamentos, eram guardados no Instituto Lourival Fontes⁸, instituição essa que tinha 26 internos como membros do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” (SANTOS, 2007).

O Grupo procurou ao longo de sua existência realizar serviços comunitários junto à população aracajuana. Mais do que um grupo escoteiro, a instituição hoje é conhecida e reconhecida por “Associação de Escotismo e Cultura, Esporte e Lazer Baden-Powell” (AECELBP), com CNPJ próprio. Tal fato se deu em 08 de janeiro de 2000, conforme ata de constituição da associação, com registro em cartório. O fato de passar de Grupo Escoteiro para Associação significa que possui um corpo diretivo maior, com maiores possibilidades de captação de recurso, denotando maior credibilidade perante a sociedade. Por isto, foi necessária a criação de um estatuto próprio para dar conta de regulamentar e organizar toda a

⁸ Fundado em 1967, por Hildete Falcão Batista (já falecida), esposa do ex-Senador da República Doutor Lourival Fontes, o Instituto Lourival Fontes, instituição filantrópica, foi criado com a finalidade de abrigar menores de rua, órfãos, menores infratores e pessoas com necessidades especiais.

estrutura, bem como as ações desenvolvidas pela AECELBP. Em seu Artigo 1º, a AECELBP é definida como “[...] uma sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, esportivo, beneficente e filantrópico [...].” Contudo, o parágrafo 1º do Artigo supracitado torna enfatizado que:

Dentro do seu caráter educacional a AECELBP atenderá prioritariamente a educação não formal, e especificamente através da colaboração com a Diretoria do Grupo Escoteiro Baden-Powell (GEBP), de Aracaju, Sergipe, no desenvolvimento dos seus objetivos, contribuindo para o enriquecimento de suas atividades e praticando, enfim, as atividades complementares de captação de recursos financeiros, materiais e técnicos, em benefício do Grupo, especialmente junto às entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras.

Tal normativo ratifica o caráter não formal ou extra-escolar sobre o qual o “Grupo Escoteiro Baden-Powell” dirige suas ações, o que não o impede de estabelecer elos com a educação escolar. A AECELBP está constituída de acordo com a seguinte estruturação: Presidente de Honra; Vice Presidente de Honra; Diretor Presidente; Vice Diretor; Presidente; Diretor de Escotismo; Diretor Administrativo; Diretor Financeiro; Diretor de Patrimônio; 1º Diretor de Captação de Recursos Financeiros; 2º Diretor de Captação de Recursos Financeiros; Diretor de Esportes; Diretor Cultural; Diretor Cultural Adjunto; 1º Diretor de Expansão e Crescimento; 2º Diretor de Expansão e Crescimento; 3º Diretor de Expansão e Crescimento; Diretor de Fotografias e Vídeos; Diretor de Eventos; Diretor de Eventos Adjunto; Diretor Social; 2ª Diretora Social; 1º Diretor de Patrimônio Histórico; 2º Diretor de Patrimônio Histórico 3º Diretor de Patrimônio Histórico; 1º Diretora de Relações Públicas; 2º Diretor de Relações Públicas; Diretor de Manutenção e Reparos; Comissão Fiscal. Essa estrutura permite que haja um melhor gerenciamento das atividades que o grupo realiza, descentralizando as obrigações, que antes de virar “Associação”, eram canalizadas para poucas pessoas, o que acabava por sobrecarregá-las, gerando entraves administrativos.

O “Grupo Escoteiro Baden-Powell” destacou-se nos seguintes eventos que participou: Campeão Nacional do Festival da Canção Escoteira em Belém do Pará, Campeão da Olimpíada Escoteira do Nordeste, conquista das três Olimpíadas Escoteiras e das duas Lobinpiadas de Sergipe, além do I Festival de Arte de Aracaju, com a peça “A Droga Nossa de Cada Dia”, que foi eleita a melhor atração evento. Com exceção do Festival de Arte de

Aracaju, todos os outros eventos citados foram realizados entre os grupos escoteiros, locais ou regionais, envolvendo atividades típicas do Escotismo (esportivas, teatrais, pioneira).

Dentre os diversos acampamentos e eventos que participou durante sua existência, o grupo teve a oportunidade de estar por duas vezes em acampamentos fora do Brasil, a saber: o IX JAMBOREE PANAMERICANO em Cochabamba, na Bolívia (27/12/94 a 05/01/95), e o XIX JAMBOREE MUNDIAL, no Chile (27/12/98 a 07/01/99). Recentemente, o grupo teve como representante sergipano o escotista Alexandre José de Castro Araújo, no acampamento JAMBOREE MUNDIAL, realizado em julho de 2007, na Inglaterra, evento que comemorou o centenário do Movimento Escoteiro. O escotista em questão integrou o grupo de escoteiros brasileiros que participou desta atividade internacional, realizada a cada quatro anos.

O “Grupo Escoteiro Baden-Powell” foi reconhecido pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) como Grupo Padrão Ouro, o mais alto nível de reconhecimento promovido pela entidade. Este prêmio é conferido aos grupos escoteiros que atuem com qualidade nas áreas de crescimento e efetivo registrado, na formação de adultos e participação comunitária. Os grupos participantes devem apresentar um relatório anual que é avaliado e pontuado pela UEB Nacional, e classificado nas categorias ouro, prata e bronze, se obtiver uma pontuação mínima. Os grupos que se enquadrarem em uma dessas categorias recebem um troféu personalizado e seus elementos poderão utilizar o respectivo distintivo no ano da premiação. No primeiro ano de criação do referido mérito, pela União dos Escoteiros do Brasil (2002), o grupo sergipano foi o único das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste a conseguir tal feito. Desde então, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell” procurou fazer jus, nos seis anos subsequentes, ao referido título.

Consagrou Luiz Gustavo Martins de Santana como o primeiro lobinho “Cruzeiro do Sul”, título mais alto que um lobinho podem conquistar. O lobinho Luiz Gustavo Martins de Santana, é válido ressaltar, era membro do Instituto Lourival Fontes, enquanto foi lobinho, deixando transparecer, assim, o grau de interesse com que participou do escotismo. Com o apoio e as orientações de seus chefes, chegou à conquista dos títulos, que torna o escoteiro e o lobinho diferenciados perante os demais membros, por demonstrar que chegaram ao mais alto nível de conhecimento técnico que poderiam galgar no seu respectivo ramo.

Acerca da conquista do título Grupo Padrão Ouro, o Dirigente de Escotismo do grupo, José Orlando dos Santos, destaca os pré-requisitos necessários:

[...] ele pede o quê? Que você seja reconhecido de utilidade pública, seja em qualquer esfera, municipal, estadual ou federal; ele pede que você tenha seu CNPJ; pede que tenha sua diretoria constituída; pede que tenha uma quantidade razoável de integrantes; ele dá a cada participação sua num evento de inclusão social, 100 pontos, se você participar com pelo menos 75% do grupo. Então, isso fez com que o grupo evoluísse. A importância do objetivo Grupo Escoteiro Padrão não foi o certificado, não foi o troféu. Foi que o grupo passou a ser mais importante pra sociedade, você ta entendendo? [...] (O. SANTOS, 2007).

Assim, desde a primeira conquista, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell” faz questão de socializar com os demais grupos sergipanos e nordestinos a importância de se galgar este título, como confirma seu dirigente de Escotismo:

Aí nos saímos antes, passando por alguns Estados fazendo propaganda e mostrando a necessidade do Nordeste ter mais “grupos padrão”, pra mostrar que não somos subdesenvolvidos, aquela coisa toda, porque não olham pro lado de cá. E tem tudo! No escotismo não é diferente não! Aí saímos: Alagoas, Maceió, Recife, fomos até Caicó, lá dentro do Rio Grande do Norte, Mossoró e Ceará. E fizemos a propaganda... A necessidade e tal, e muita gente aceitou. E neste ano a gente já conseguiu mais “grupos padrão” para o nordeste. Aí fomos em frente, graças a Deus, seis anos consecutivos “padrão ouro” (SANTOS, 2007).

Além da condecoração de “Grupo Padrão”, há internamente o estímulo aos jovens para que façam jus ao título de “Escoteiro Padrão” e “Guia/sênior Padrão”, para que, através de um sistema de pontuação proposto pelo próprio “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, o jovem possa ter reconhecimento pessoal para além das conquistas que são comuns no Escotismo, que são as graduações pertinentes a cada ramo. Através de uma competição sadia, os títulos de “Escoteiro Padrão” e “Guia/sênior Padrão” são conquistados, em primeiro, segundo e terceiro lugares, quando o escoteiro e a guia ou o sênior cumprem os seguintes pré-requisitos: Fazer parte da “patrulha ideal⁹”; participar das atividades que o grupo escoteiro realiza a exemplo de campanhas de saúde preventiva, colaboração em eventos esportivos como as corridas comemorativas, dentre outras; fazer capacitação escoteira; ser escolhido por votação pelos companheiros de seção e obter a melhor média escolar.

⁹ Outro tipo de condecoração em que uma patrulha do ramo escoteiro e uma do ramo sênior são eleitas, por um sistema de pontuação, com a referida nomenclatura.

O Grupo é, atualmente, reconhecido como uma Associação de Utilidade Pública sergipana, nos âmbitos municipal e estadual, e com processo tramitando para ter reconhecimento nacional. No que diz respeito à participação em eventos de inclusão social, o “Grupo Baden-Powell” tem uma agenda anual definida e bastante ativa, reconhecida não só em Sergipe, mas em outras regiões do país. Sobre isto, é importante destacar que o grupo faz questão de divulgar estas informações para outros grupos escoteiros do Estado e de outras regiões nos intercâmbios que promove e participa, estimulando tais grupos a seguirem seu exemplo, inclusive orientando-os sobre os meios necessários para ter o reconhecimento legal.

Dentre outras atividades sociais que realiza, como mutirões de limpeza, campanhas educativas sobre determinados temas transversais, a exemplo da “sustentabilidade”, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell” lança mão de seu grupo teatral, o “Flor de Lis de Espetáculos”, para participar de eventos locais, regionais e nacionais, tendo à frente o chefe Orlando, responsável pela criação da maioria das peças que o grupo encena. Dentre essas, destacam-se: “Mudar é difícil, mas não é impossível”, “A droga nossa de cada dia”, “Coisas de crianças”, “Consciência escoteira” e “Brasilzinho Porreta”. São temáticas importantes e polêmicas que o grupo leva à sociedade para reflexão.

A peça “Mudar é difícil, mas não é impossível” procura mostrar, com senso de humor, o lado bom e o lado ruim dos preconceitos existentes na sociedade, onde quatro garotos na faixa etária entre 12 e 14 anos perseguem um garoto negro de 12 anos de idade, por ser ele uma pessoa do bem. O menino é tido como vilão por tratar bem os idosos e superiores e gostar de estudar.

“A droga nossa de cada dia” tem por finalidade conscientizar a sociedade com relação ao uso de drogas ilícitas. Numa trama formada por um trio de jovens (Chaminé, Santinho e Ampola), amigos de sala de aula, sendo Chaminé o ator principal. A trama se desenvolve de maneira a focar o sofrimento daqueles que são dependentes das drogas, bem como o sofrimento de seus familiares. “A droga nossa de cada dia” foi a única representante do Estado de Sergipe no Concurso Nacional Prêmio SESI de Teatro, em 1996” (SANTOS, 2007).

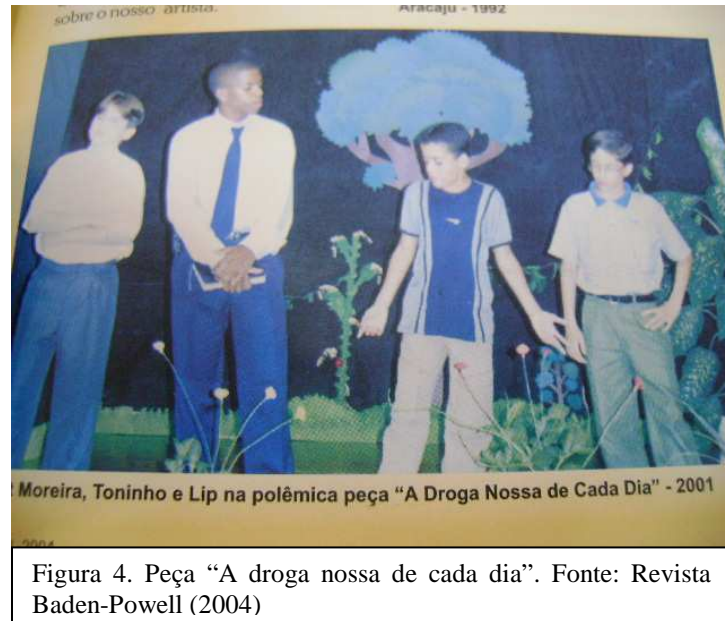


Figura 4. Peça “A droga nossa de cada dia”. Fonte: Revista Baden-Powell (2004)

“Coisas de crianças” é uma peça apropriada, como o nome indica, para crianças na faixa etária entre cinco e dez anos e mostra os diversos hábitos de algumas crianças, como: Fazer xixi na cama; não gostar de estudar; xingar, serem violentas. A apresentação é feita de maneira jocosa, irônica, porém, alertando o porquê acontecem esses comportamentos e o que fazer para lidar com eles. A peça se utiliza de elementos da pedagogia e da psicologia. Os garotos se envolvem com o texto e dão muitas risadas com as trapalhadas dos palhaços Pirulito, Cocada e Quebra-queixo. É uma peça de curta duração, indicada para apresentações na semana da criança, festa de encerramento letivo escolar e de instituições que trabalham com crianças na faixa etária citada.

A peça “Consciência Escoteira” foi feita especialmente para difundir o movimento escoteiro. É uma trama que envolve um escoteiro preparado e outro escoteiro sem preparo algum, evidenciando a preocupação em mostrar que não é pelo fato de ser escoteiro que já estamos diante de uma pessoa boa. Deveria ser, mas toda regra tem exceção. A trama se desenvolve com personagens representando o movimento escoteiro e personagens representando pessoas da comunidade (um casal de mendigos, um policial e um delegado). Toda a trama acontece nos mercados Thales Ferraz e Antônio Franco, na época que tinha a “Delegacia do Mercado” e a “Banca do peixe”.



Figura 5. Peça teatral “Consciência Escoteira”. Fonte: Revista Baden-Powell (2004).

Por fim, a peça teatral “Brasilzinho porreta” tem como finalidade alertar a sociedade sobre seus direitos e obrigações, além de chamar a atenção dos Governantes e Legisladores com relação às necessidades básicas do povo (saúde, transporte, segurança, habitação e educação). Procura analisar o comportamento das pessoas, alertando-as para a necessidade de diminuir a violência, os conflitos sociais, os maus tratos, os preconceitos, o terrorismo e fazer com que os políticos fiquem mais atentos às suas responsabilidades para com o povo. “Brasilzinho Porreta” tem como personagem principal o “Zé”, que aparece como representante do povo brasileiro, clamando direitos, reclamando dos erros administrativos do Poder Público e, apesar da sua pouca formação, consegue orientar e aconselhar pessoas desesperadas, como é o caso do policial, da prostituta e do engraxate, além de ainda criticar severamente governantes, legisladores e profissionais que não cumprem as suas obrigações.

Entre as ações sociais que realiza, o “Grupo Escoteiro Baden-Powell” destaca uma:

[...] a coisa que a gente mais procura se envolver é com o meio ambiente. A gente tem um trabalho como IBAMA e muitas das vezes a gente faz o trabalho sem eles saberem que a gente ta fazendo. O nosso último, inclusive, eu tenho até fotos, foi um manancial que tem ali em Japaratuba, que chama-se até de “bananal” porque tem o rio do prata e, subindo mais, tem uma nascente e ela tava muito suja mesmo. O rio tava tão sujo que tava só um palmo de água! E a gente conseguiu fazer a limpeza. A gente saiu daqui pra um acampamento focado só pra isso! (SANTOS, 2007).

Este tipo de atividade é importante por desenvolver no jovem hábitos que contribuem para a sustentabilidade do planeta, temática bastante discutida atualmente por inúmeros campos do conhecimento e que está ligada diretamente às fontes de sobrevivência do ser humano e que Baden-Powell já incentivava seus escoteiros a operacionalizá-la, em 1907, no sexto artigo da “Lei escoteira”: “O escoteiro é bom para os animais e as plantas” (POWELL, 2006, p. 24).

No tocante à sua ligação com a educação escolar propriamente dita, o grupo vem encontrando algumas dificuldades de interação com esta instituição social. Chefe Orlando assim justifica:

Não porque a gente não tenha a didática necessária, o conhecimento educacional necessário, mas as próprias instituições não estão preparadas para abarcar isso, para receber o escotismo dentro das escolas. E uma coisa, também, que atrapalha o escotismo é essa questão de aula dia de sábado, que é o dia que nós temos pra fazer escotismo (O. SANTOS, 2007).

Diferentemente do início do século XX, quando chegou a fazer parte do cotidiano escolar, o Escotismo sergipano atual não faz parte da política estatal educacional. Mas estas são idéias que não são descartadas pelo “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, pois segundo o Chefe Orlando “[...] não é que a gente não tenha interesse, mas a gente vai minando por enquanto, pela periferia, fazendo esse trabalho com pessoas que tem necessidade econômica e o pensamento é chegar lá. Não descartamos a possibilidade não” (O. SANTOS, 2007).

A história do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” confunde-se, em parte, com a história de seu membro mais antigo, o chefe Orlando. É o escotista militante vivo mais antigo do Estado de Sergipe, dos sessenta anos de vida que tem, mais de quarenta foram dedicados ao movimento escoteiro, exemplo por certo espelhado em Baden-Powell, que morreu aos oitenta e quatro anos, dos quais os últimos trinta e quatro anos foram dedicados integralmente ao escotismo.

Quatro anos após a fundação dos Grupos Baden-Powell, Cruzeiro do Sul e Augusto Maynard, surgiu o “Grupo Escoteiro Universal”, que foi autorizado a funcionar em 03 de março de 1983, recebendo o numeral 13¹⁰ da Região Escoteira de Sergipe. As primeiras promessas foram realizadas na sexta-feira, dia 13 de maio de 1983, na Gruta da Pedra Furada,

¹⁰ O número do grupo escoteiro é definido pela ordem cronológica de fundação em relação aos demais grupos.

município de Laranjeiras, sendo esta a data considerada de fundação. O início do Grupo se deu com as patrulhas “raposa” e “tucano¹¹”, da tropa de Escoteiros. Posteriormente o grupo adotou o nome “Grupo Escoteiro Uirapuru” para evitar comparações com a igreja evangélica que tem o mesmo nome – Universal do Reino de Deus – já que alguns grupos escoteiros são ligados direta ou indiretamente a algumas Igrejas, o que não é o caso do referido grupo.

O “Grupo Escoteiro Uirapuru” foi o primeiro Grupo Escoteiro em Sergipe a adotar a coeducação com o clã Pioneiro (rapazes e moças na faixa etária dos 18 aos 21 anos), o qual já iniciou coeducativo. Nesta época, o Ramo Pioneiro era o único que não necessitava de todos os procedimentos burocráticos para tornar-se coeducativo. A primeira reunião do clã do “Grupo Uirapuru” ocorreu no dia 15 de agosto de 1984 e está registrada no livro do clã, até hoje guardado pelo grupo.

Nos anos subsequentes, a coeducação foi implantada no Ramo Lobinho (7 a 10 anos) com uma Alcateia Mista na Tropa de Escoteiras (11 a 14 anos) e, por último, na Tropa de Guias Escoteiras (15 a 17 anos). Atualmente trabalha a coeducação em seções mistas. O “Grupo Escoteiro Uirapuru” foi o primeiro no Estado de Sergipe a consagrar uma “Escoteira Lis de Ouro”, Flávia Marinho. A segunda a conquistar este título foi Aldenise Cordeiro dos Santos. Até chegar ao título de “Lis de Ouro”, essa escoteira cumpriu quatro etapas em nível crescente de dificuldades, que foram: Escoteira de Segunda Classe, Escoteira de Primeira Classe, Escoteira Cordão verde-amarelo e Escoteira Cordão vermelho e branco.

Para ser escoteira de “Segunda Classe” foi necessário realizar um conjunto de atividades que formavam as temáticas. A primeira temática foi “Fraternidade Escoteira” e incluiu as seguintes tarefas: Cantar sozinho ou em coro o Hino Alerta; conhecer a União dos Escoteiros do Brasil; conhecer a estrutura do escotismo no Brasil; conhecer a história do escotismo no Brasil; visitar outro grupo escoteiro e/ou participar de uma atividade de sua área, regional ou nacional.

A segunda temática foi “Segurança” e incluiu as seguintes tarefas: Organizar um estojo de primeiros socorros para uma excursão; conhecer os cuidados de primeiros socorros nos casos de picadas de insetos e cobras, desmaios, queimaduras e ferimentos leves; saber aplicar ataduras e tipoias; saber utilizar com segurança a machadinha ou o facão e saber usar com segurança o lampião e o fogareiro.

¹¹ Por conceber que o escoteiro é bom para os animais e as plantas, Baden-Powell decidiu que as patrulhas receberiam nomes de animais e orientou que a escolha priorizasse animais locais da região onde se localiza o grupo escoteiro.

A terceira temática foi “Comunidade”, onde se deveria escolher entre as seguintes proposições: 1) mostrar habilidade de guiar e dar informações a estranhos e ter conhecimento dos transportes públicos, lugares de interesse ou de importância, saber localizar hospitais, delegacias, corpos de bombeiros e telefones públicos próximos de sua sede escoteira ou de sua residência; 2) juntamente com sua patrulha, desenvolver um projeto de recreação em um orfanato ou estabelecimentos congêneres; 3) fazer um pequeno esboço de seu bairro, indicando as principais ruas e os principais serviços públicos existentes; 4) tomar parte em qualquer forma de serviço voluntário fora de atividades escoteiras, tendo uma participação ativa, de pelo menos três horas, consecutivas ou não; A outra proposição foi organizar uma pequena reunião para sua patrulha em sua casa, tomando as seguintes providências: a) preparar os convites; b) preparar um pequeno lanche; c) preparar o local adequadamente; d) apresentar algo de diferente para seus convidados; e) deixar tudo limpo ao terminar a reunião.

A quarta temática foi “Ar livre” e incluiu as seguintes tarefas: Saber como proceder caso se perca em uma floresta ou montanha; cumprir quatro das seguintes proposições: Montar ou seguir uma pista de 500m onde sejam aplicados sinais de pista, com pelo menos oito tipos diferentes de sinais; conhecer os indicadores naturais de previsão do tempo; rastrear pelo menos 800m sem ser visto; saber moldar pegadas em gesso; descrever dezesseis objetos em um jogo do KIM de vinte e quatro objetos diferentes; jogar uma partida de xadrez, demonstrando que conhece as regras básicas; ser capaz de deduzir uma estória lógica a partir de uma cena montada antecipadamente pela Chefia e ter participado de pelo menos três excursões e/ou acampamentos.

A quinta temática foram as “Técnicas escoteiras” e incluíram as seguintes tarefas: Acender uma fogueira e fazer uma bebida quente sobre a mesma, sem prejudicar a flora; armar uma barraca com auxílio de mais dois companheiros; cozinhar uma refeição simples em um fogareiro; saber fazer e aplicar os seguintes nós: aselha, catau, volta do fiel, volta da ribeira e volta redonda com cotes; saber aplicar as amarras paralela, quadrada e diagonal e projetar uma cozinha de campo com toldo, mesa e fogão e, com auxílio de sua patrulha, montá-la.

A sexta temática foi “Comunicação” e incluiu a seguinte tarefa: Apresentar a história da sua patrulha para seus membros e a sétima e última temática referiu-se aos “Valores” e incluiu as seguintes tarefas: Demonstrar o cumprimento satisfatório dos preceitos de sua religião e ter se desenvolvido desde a sua “Promessa”, nos seguintes aspectos:

Responsabilidade, lealdade, cortesia, sinceridade e autocontrole, levando-se em conta seu desenvolvimento e sua maturidade.

A graduação seguinte, que é a Primeira Classe, seguiu as mesmas temáticas, porém, com um nível de dificuldade crescente de uma para a outra, normatizadas pelo livro “Guia do Escoteiro de Primeira Classe”, regulamentado pela União dos Escoteiros do Brasil. Após o cumprimento destas etapas, houve a condecoração de escoteira “Cordão verde-amarelo”, concedido após ter sido recomendado pela “Corte de Honra da sua tropa”, cujos pré-requisitos foram possuir seis ou mais especialidades de três ou mais ramos do conhecimento, com obrigatoriedade para “primeiros socorros nível 2”. Para fazer jus ao Cordão vermelho e branco, etapa subsequente, teve de conquistar o número de doze especialidades de quatro ou mais ramos do conhecimento, com obrigatoriedade para “acampador” e “cozinheiro nível 2.”

Assim, após o cumprimento dessas etapas, a escoteira Aldenise Cordeiro Santos fez jus ao título de “Escoteira Lis de Ouro”. Este fato representou um marco entre as mulheres que faziam parte do movimento escoteiro sergipano à época, o que acabou por estimular outras meninas a buscarem este título. Relembrou Aldenise como foi o dia marcante em que recebeu o título de escoteira “Lis de Ouro”:

Passei para a tropa senior sem ser Lis de Ouro. Aí houve uma festa de aniversário de vinte e um anos do nosso grupo e estavam todos lá, inclusive os ex-escoteiros, estava empastado de gente! Aí, a primeira escoteira “Lis de Ouro” da Região Escoteira de Sergipe, Flávia, foi nessa dia. Ela começou a falar lá como tinha ganhado o título de “Lis de Ouro” [...]. Aí, do nada, ela disse que tinha vindo entregar o título de “Lis de Ouro” à segunda mulher... E quando ela me entregou o título, foi um dos momentos mais significativos da minha trajetória no movimento escoteiro porque imagine só, ser “Lis de Ouro”! Todo mundo sabia na região [escoteira de Sergipe] quem tinha e quem não tinha sido. Era uma coisa muito difícil de alguém conseguir. E esse dia foi maravilhoso, porque meu tio estava lá, eu pude agradecer a ele por acreditar que eu poderia ser escoteira. Se não fosse ele, com certeza eu não teria entrado no movimento escoteiro (C. SANTOS, 2011).



O “Grupo Escoteiro Uirapuru”, que continua ativo em suas atividades, tem por missão a prática do Escotismo tal e qual delineado pela União dos Escoteiros do Brasil de modo a contribuir para o desenvolvimento dos ideais do Movimento Escoteiro, especialmente em Aracaju. A visão do grupo é de ser reconhecido pela comunidade Aracajuana e pelos órgãos integrantes do Movimento Escoteiro, nos diversos níveis, como referência na prática do Escotismo. Foi estabelecida a meta de ser um grupo escoteiro completo, composto por seções de todos os ramos, com uma diretoria atuante, pais participativos e todas as condições materiais para a prática do Escotismo.

Outro grupo que compôs o Movimento Escoteiro em Sergipe foi fundado no ano de 1987 na cidade de Propriá. Trata-se do “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, instalado na sede do “Tiro de Guerra 06-016”, teve como chefe e fundador Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado, que também era Sargento do Exército do referido “Tiro de Guerra” à época. Foi auxiliado por sua esposa, que era a chefe dos lobinhos (Aquelá) e por mais alguns escotistas. Os primeiros membros do grupo relatam que receberam na escola o convite para conhecer o movimento escoteiro, quando o então Sargento Furtado, em visita a várias escolas, fez o convite aos alunos para comparecerem à sede do “Tiro de Guerra” com o intuito de divulgar o escotismo e a pretensão que tinha de fundar um grupo ali na cidade.

A reunião entusiasmou os jovens que lá compareceram, bem como seus pais, que autorizaram a participação dos filhos na fundação do grupo. O grupo chegou a ter mais de cinquenta membros, entre lobinhos, escoteiros, seniores e escotistas. As patrulhas escoteiras

eram: “Gavião”, “Falcão”, “Pantera”, “Caxinguelê” e “Leão”. As patrulhas do ramo sênior, posteriormente criadas, foram a “Xetá” e a “Tupinambá¹²”. O grupo durou apenas cinco anos e o maior motivo de sua desativação foi a partida do “chefe Furtado” para o norte do país, quando foi transferido por conta do seu trabalho. Após sua saída, o grupo perdeu a sede, uma vez que o novo Sargento que assumiu o Tiro de Guerra não manifestou interesse em permanecer com o grupo escoteiro nas dependências do Exército. Este fato, segundo relatos dos próprios membros, foi determinante para o fechamento do grupo, uma vez que, sem sede, as reuniões aconteceram nas casas dos próprios escoteiros, o que acabou por desestimular a maior parte dos integrantes.



Figura 7. Cerimônia de “Promessa” do escoteiro Jario do Nascimento Barros do “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”. Distintivo de promessa colocado pelo Chefe Avelino **Furtado** de Santana. Fonte: Arquivo pessoal de Jario do Nascimento Barros.

Dentre as diversas atividades que o grupo realizou na cidade estão os mutirões de limpeza, auxílio em campanhas de vacinação e eventos esportivos promovidos pelo poder público. Dentre as atividades de campo que participou, a de maior destaque foi o “V Ajuri Nacional” (acampamento considerado de grande porte, com escoteiros do país inteiro), realizado em 1990, no Parque Nacional de Osório, no Rio Grande do Sul, com duração de uma semana e contando com a presença de milhares de escoteiros de todo o Brasil e também de países da América do Sul. O “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, que teve a frente o chefe Furtado, foi representado pela “patrulha Caxinguelê”, e o “Grupo Baden-Powell”, de

¹² Xetá e Tupinambá são denominações indígenas, que juntas a outras denominações indígenas, faziam parte de uma lista de nomes a serem escolhidos pelos jovens seniores para dar nome a uma patrulha.

Aracaju, que teve à frente o chefe Orlando, foi representado pela “patrulha Gaivota”. Os dois grupos foram os representantes do Estado de Sergipe, o que significou um enriquecimento cultural para a maior parte dos participantes, uma vez que conheceram outros grupos escoteiros e suas respectivas culturas, além de conhecerem outra região geográfica, bem diferente do Nordeste brasileiro.

Outro fato marcante na história do grupo é que, neste curto período de existência, dois de seus membros conseguiram galgar o grau máximo no ramo escoteiro: “Lis de Ouro”. Os títulos foram conquistados pelos escoteiros Carlos Janio do Nascimento, monitor da “patrulha Leão”, e Marcelito Trindade Almeida, monitor da “patrulha Caxinguelê”. Ambos receberam os títulos em um acampamento regional realizado no Horto Florestal Ibura¹³. Para um grupo escoteiro interiorano e com menos de cinco anos de idade, este foi um passo importante para o reconhecimento pessoal (dos dois escoteiros) e coletivo (do grupo) perante os demais grupos escoteiros.

Um ano após o surgimento do grupo propriaense, surgiu o “Grupo Escoteiro Silvio Romero¹⁴”, fundado em 17 de janeiro de 1988 na cidade de Lagarto. O grupo iniciou com duas seções, uma de tropa escoteira e outra alcatéia de lobinhos. Em sua fundação, o primeiro presidente foi José Oscar de Oliveira e o 1º Chefe de tropa foi José Alberto Alves Dória. Inicialmente o grupo funcionou nas dependências do “Tiro de Guerra” do Exército Brasileiro, cedido por José Luiz Andrade, então Sargento do Exército, que acreditava no escotismo por crer nele um movimento sadio para a juventude. Atualmente o grupo atende a mais de trinta jovens entre dez e quatorze anos que estão sob o comando de Gildelson dos Santos Borges, o “Chefe Borges.”

¹³ Localizado às margens da BR 101, KM 85, no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, tem uma área de 144 hectares. No ano de 2005 virou reserva Federal e atualmente é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

¹⁴ O nome do grupo foi em homenagem a Silvio Romero, crítico e historiador de literatura brasileira, natural da cidade de Lagarto-SE.



Figura 8. Alcateia do Grupo Escoteiro Silvio Romero. Fonte: Arquivo do Grupo Escoteiro Silvio Romero.

A cidade de Nossa Senhora do Socorro também fundou seu grupo de escoteiros. Situado no Conjunto Fernando Collor de Melo, o grupo foi fundado com o nome de “Grupo Escoteiro Sagrada Família”. Os fundadores foram Paulo Marcos Santos, o “chefe Paulo”, e Roberto Lima Silva, o “chefe Roberto”, os quais receberam o convite do padre Cristiano, da paróquia existente no Conjunto. Freqüentador assíduo da igreja, “chefe Paulo” chegou a conversar algumas vezes com o padre Cristiano, que viu neste projeto educativo uma possibilidade benéfica para a formação dos jovens da comunidade. A data de fundação do grupo é 05 de janeiro de 2006 e o mesmo iniciou suas atividades com aproximadamente quarenta meninos distribuídos entre os ramos lobinho e escoteiro. Foram formadas duas matilhas no ramo lobinho, a branca e a vermelha¹⁵, e quatro patrulhas escoteiras, que foram Pantera, Touro, Águia e Tigre. Posteriormente, quando os escoteiros mais velhos atingiram a idade de quinze anos, passaram para o ramo sênior, formando as patrulhas “Cruzeiro” e “Apus”. As reuniões acontecem aos domingos após a missa, nos prédios anexos à igreja.

¹⁵ Diferentemente das patrulhas escoteiras, representadas por nomes de animais, as matilhas do ramo lobinho são representadas por cores.



Figura 9. “Chefes Paulo e Roberto”, (da esquerda para a direita) fundadores do “Grupo Escoteiro Sagrada Família.”
 Fonte: Arquivo do Grupo Escoteiro Sagrada Família.

O mais recente grupo escoteiro do Estado até o momento iniciou suas atividades na cidade de Propriá, no ano de 2011. Criado inicialmente como uma extensão do “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, que foi seu padrinho, o grupo tornou-se autônomo a partir de 02 de janeiro de 2012. Seu chefe, Marquiceinei Pereira de Andrade, foi escoteiro do extinto grupo “Gumercindo Batista”. “Chefe Nei”, como é chamado, é locutor de rádio da cidade onde mora. Após alguns anos residindo no Estado do Paraná, onde foi morar quando atingiu a maioridade, graduou-se em Filosofia e não abandonou o desejo de se envolver novamente com o Escotismo na cidade de Propriá, onde se encontra agora na qualidade de Chefe-escoteiro.

“Chefe Nei” conheceu alguns grupos escoteiros na capital paranaense, fez os cursos preparatórios, que são três – preliminar, básico e avançado – para se tornar um chefe escoteiro e galgou o nível máximo, “Insígnia da Madeira.” O criador do Escotismo adestrou os primeiros chefes escoteiros. Baden-Powell tinha plena consciência da responsabilidade de ser um chefe escoteiro, mas nem por isso considerava que a figura do chefe deveria denotar alguém “acima do bem e do mal” ou saber de tudo. Ao chefe caberia ter mentalidade jovial, compreender os jovens nas suas distintas faixas etárias, orientando-os, individual e coletivamente (POWELL, 2000).

“Chefe Nei” retornou à terra natal, Propriá, e com apoio militante da sua esposa Raquel Andrade e do amigo Jorge Santos, também companheiro de Escotismo da época do “Gumercindo Batista”, lideram pouco mais de vinte jovens entre lobinhos, lobinhas e

escoteiros. O desafio maior relatou chefe Nei, está em conseguir apoio de instituições e do poder público, bem como conseguir adultos voluntários a participarem do grupo e abraçarem o Escotismo como projeto educacional salutar para a juventude. O grupo recebeu o nome da cidade, ou seja, “Grupo Escoteiro Propriá”.



Figura 10. Escoteiros e lobinhos do “Grupo Escoteiro Propriá.” Fonte: Arquivo do Grupo Escoteiro Propriá.

Todos os grupos escoteiros citados acima, no que diz respeito às suas denominações, não necessariamente tiveram os nomes de fundação ligados ao movimento escoteiro ou aos seus personagens. Há a abertura de se homenagear figuras importantes da cidade, do Estado, de uma região ou do país, a exemplo do grupo escoteiro de Propriá, que escolheu o professor Gumercindo Batista, que atuou naquela cidade ribeirinha, para compor o nome do grupo; o grupo escoteiro da cidade de Lagarto, que escolheu Silvio Romero, filho daquela cidade e figura ilustre na história cultural de Sergipe; o grupo escoteiro da cidade de Nossa Senhora da Glória, que escolheu o antigo nome da cidade, Boca da Mata, e o grupo escoteiro atual da cidade de Propriá, que também escolheu o nome da cidade para registrar o grupo. Há ainda os grupos que escolhem nomes ligados ao movimento escoteiro, a exemplo do grupo escoteiro da cidade de Aracaju, que elegeu o nome do fundador do Escotismo para registro do grupo. Escolhas à parte, cada grupo procura escolher nomes que se aproximam mais do contexto em que vivem e que naquele momento lhes dão mais identidade.

O fato de os grupos terem relações com instituições como igrejas, autarquias ou fundações, Exército, Marinha, dentre outros, por certo vem da possibilidade de apoio ou patrocínio econômico, logístico e material, fundamentais no desenvolvimento de um grupo escoteiro, cuja essência existencial é de associação voluntária e sem fins lucrativos. Não por acaso grupos escoteiros como o “Walter Franco”, da cidade de Aracaju, e “Gumercindo

Batista”, da cidade de Propriá, encerraram definitivamente suas atividades por lhes serem retirados o patrocínio ou apoio logístico que foram fornecidos quando de suas fundações, pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e pela sede do Exército Brasileiro (Tiro de Guerra 06-016), respectivamente.

O que se pode concluir é que, a partir da segunda metade da década de 1950, o movimento escoteiro em Sergipe passou a emergir sob a forma de associação voluntária, perdendo força estatal e afastando-se das instituições escolares. Vários grupos escoteiros foram fundados e intercalaram períodos de auge e decadência. Cada um desenvolvendo suas práticas educativas de forma peculiar, provocando o embate de ideias, por conta dos posicionamentos políticos diferentes de seus dirigentes, como revelam os relatos desta pesquisa. Em comum permaneceu o desejo de levar aos jovens a pedagogia da proposta de Baden-Powell, calcada na formação de caráter e desenvolvimento do autogoverno.

CAPÍTULO II – (EX) MEMBROS DO MOVIMENTO ESCOTEIRO SERGIPANO: MAPEAMENTO PROSOPOGRÁFICO

Para o delineamento da pesquisa fiz uso do método prosopográfico. No sentido etimológico do termo, prosopografia significa descrição das características externas de um corpo. Ela reúne dados da biografia de indivíduos que configuram um grupo de atores históricos que têm ou tiveram algo em comum, permitindo assim caracterizar um grupo social em seu conjunto. Christophe Charle, historiador da sociedade francesa, revela que o ‘princípio da prosopografia é simples:

[...] definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise (CHARLE, 2006, p. 41).

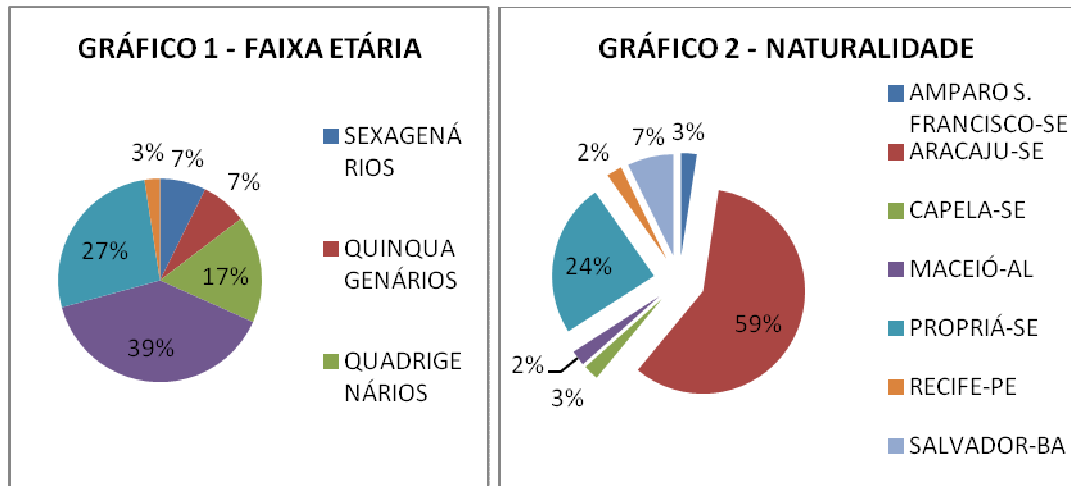
No caso do grupo aqui tratado, o Escotismo é o ponto em comum, sem exceção. O trabalho de localização, de busca e entrevista de (ex) membros do movimento escoteiro sergipano foi intermitente. Foram cerca de nove meses entre telefonemas, *emails*, indicações de amigos e familiares, encontros, desencontros e inúmeros adiamentos até se chegar ao quantitativo de quarenta e uma entrevistas realizadas. Os locais e horários das entrevistas foram variados: na residência do entrevistador, na residência do entrevistado, no local de trabalho do entrevistado e na sede de um dos grupos escoteiros ao qual pertencem alguns entrevistados. Aqui apresento os perfis biográficos de quarenta e um membros do movimento escoteiro sergipano entre 1958 e 2009, período correspondente à entrada no Escotismo do membro de maior idade e o de menor idade, respectivamente. As análises dos perfis dizem respeito às trajetórias de vida, cujos aspectos são aqui apresentados.

Origens

A biografia coletiva de integrantes do movimento escoteiro sergipano nos permite identificá-los quanto às origens e idade atual de cada um. Todos os integrantes entrevistados estavam vivos até a época da conclusão desta pesquisa. Esta foi uma decisão arbitrária, embora houvesse a possibilidade de incluir na amostra integrantes já falecidos. No

entanto, preferi deixar que estes personagens fossem contemplados em uma pesquisa posterior, pois o que queria era ouvi-los e fazer uso das suas memórias e lembranças, fazendo-os identificar as marcas escoteiras em suas respectivas trajetórias de vida. Foi o que fiz.

No gráfico 1 estão identificados os quarenta e um entrevistados por suas idades. Aqui temos uma ideia geral das distintas épocas em que participaram do movimento escoteiro, bem como as cidades onde nasceram, como mostra o gráfico 2.



De acordo com o gráfico 1, no que diz respeito à idade dos entrevistados da amostra, três são sexagenários, três são quinquagenários, sete são quadragenários, dezesseis são trigenários, onze têm idade entre 20 e 29 anos e apenas uma entrevistada tem idade inferior a 20 anos. É natural que os sexagenários constituíssem a menor porcentagem da amostra, dadas as dificuldades de localizá-los, seja em virtude do desconhecimento de que um dia foram escoteiros por parte daqueles que os conhecem e também dos próprios escoteiros, mais jovens, que não foram seus contemporâneos, ou porque parte desta faixa etária que fora do movimento escoteiro na infância já tenha falecido, mudado de estado ou região do país ou talvez ainda porque não somavam um quantitativo numeroso, conforme depoimento de **Eduardo**¹⁶ Antonio Conde Garcia: “O escotismo estava sendo criado, eu fui um dos primeiros escoteiros aqui”¹⁷ (GARCIA, 2012), referido-se ao ano que ingressou no escotismo (1958).

Quanto à naturalidade, apenas cinco entrevistados nasceram em outros estados brasileiros e migraram para o Estado de Sergipe acompanhando os familiares, em função do

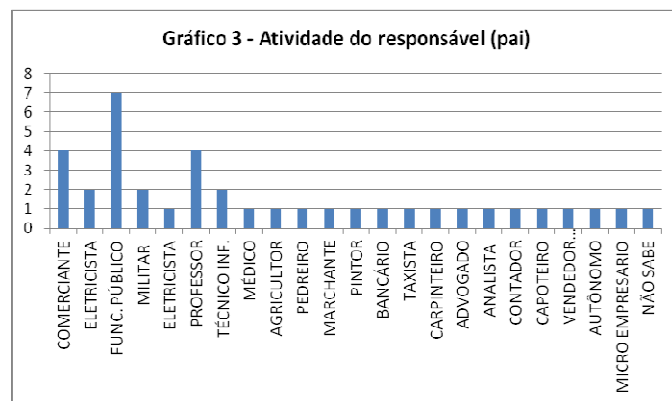
¹⁶ Os nomes em negrito eram como os escoteiros eram conhecidos no seu grupo, geralmente.

¹⁷ Conforme já citado neste texto, há registros de práticas do movimento escoteiro na década de 1920 no interior do Patronato Agrícola, na cidade de São Cristóvão (NERY, 2006).

trabalho do pai ou mesmo mudança da família inteira. É o caso de **Jorge** Carvalho Nascimento, cujo envolvimento com o movimento escoteiro aconteceu em sua infância e adolescência na capital sergipana. A maior parte dos entrevistados, o que correspondeu a 23 escoteiros, teve a capital Aracaju como cidade natal e 13 entrevistados nasceram em cidades do interior sergipano. O fato de a maioria ter nascido na cidade de Aracaju acabou por revelar mais adiante, no tópico que retrata a participação dos entrevistados nos distintos grupos escoteiros sergipanos, que a maior parte dos grupos dos quais pertenceram seus integrantes também é da capital sergipana.

Atividade dos pais ou responsáveis

Identificar a ocupação ou profissão de um indivíduo é importante porque permite compreender algumas dimensões do contexto em que vive esse indivíduo e a maneira pela qual provê a si e aqueles que dele dependem. Questionar sobre as atividades dos responsáveis dos entrevistados revelou, em um tópico mais adiante – o da profissão dos entrevistados – o quanto os segundos se diferenciaram ou não dos primeiros em relação ao tipo de profissão que exercem.



De acordo com o gráfico 3, a profissão que sobrepou as demais foi a de funcionário público, profissão caracterizada pela estabilidade e, via de regra, pela superioridade salarial em relação às outras categorias. Dentre os funcionários públicos, quatro têm a profissão de professor. Nóvoa (2012) enfatiza que o indivíduo que decide pela carreira docente, geralmente o faz por vocação, como é o caso de **Denise** Carvalho Garcia Moreno, uma das entrevistadas que corroborou tal assertiva: “[...] sou professora por formação, sou pedagoga, formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, por convicção

profissional e pessoal, adoro o que eu faço, escolhi ser professora, sou apaixonada pelo que escolhi fazer a minha vida inteira” (MORENO, 2012).

Aqueles que se enquadraram na categoria dos profissionais autônomos formaram uma parcela tão significativa quanto a categoria dos funcionários públicos. Ser comerciante é uma opção profissional que sugere algumas possibilidades por parte de quem a escolhe: Estar à frente do próprio negócio; ser patrão, não empregado; ser a opção possível por não lograr êxito em outro âmbito profissional, principalmente quando o ingresso se dá por concurso público; assumir o lugar deixado pelos pais; reconhecer-se com habilidades para o trato comercial; ser uma das poucas opções de trabalho do contexto geoeconômico em que está inserido; dentre outros. Conforme a Direção Nacional do Comércio, o perfil desse profissional é o seguinte:

- a) O Comerciante é o elo de ligação entre o Produtor (Comerciante Industrial) e o Consumidor;
- b) Embora introduza pouca ou nenhuma transformação física sobre os bens que vende, intervém no manuseamento, embalagem, selagem, afixação de preços, drenagem ou venda dos produtos;
- c) Presta serviço que se expressa na identificação das necessidades, no transporte dos bens, na localização, na proximidade do consumidor, no armazenamento, apresentação e exposição dos bens ao público, na criatividade da aproximação ao consumidor e sua alimentação equilibrada, na facilidade e na garantia de prestação de serviços ou assistência técnica pós-venda (DIREÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2012).

É possível que os comerciantes que aparecem neste foco da entrevista tenham escolhido esta profissão com base em algumas das suposições supracitadas, porém, existe a possibilidade que tenham se tornado comerciantes por outros fatores que não são de nosso conhecimento nesse momento. Analisando o quadro geral com todas as profissões discriminadas, percebi um equilíbrio entre profissionais do serviço público e profissionais autônomos, com uma pequena vantagem quantitativa para os primeiros, e que apenas uma das respostas revelou desconhecimento da profissão do pai. Estas informações revelaram, com apenas uma exceção, a necessidade do patriarca de sustentar sua família através de uma profissão que o caracterize como tal, seja qual for a profissão.

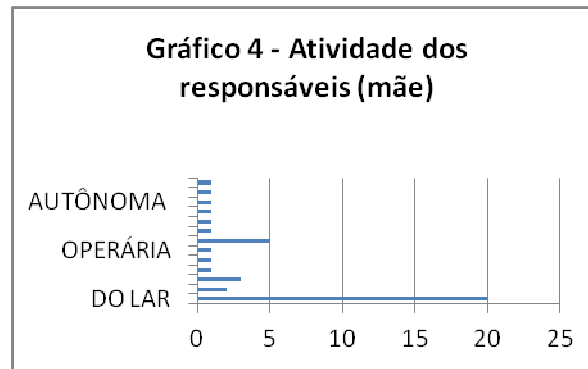
Outra análise a se fazer é a de que é possível que os pais dos entrevistados tivessem um posicionamento favorável à entrada ou permanência do filho no movimento escoteiro, por entender este como um meio de ocupação saudável para crianças e adolescentes, como é o caso dos pais de **Jorge** Carvalho do Nascimento e **Denise** Carvalho do

Nascimento Moreno, cujo pai era militar, **Felipe** Nascimento Garcia Moreno, **Rodrigo** Fernandes Correia Teles e **Tiago** Vinicius Alves dos Santos, que acreditaram no escotismo a ponto de se envolverem com o movimento e se tornarem chefes. No caso específico dos pais autônomos, talvez essa representação tenha se firmado também como um movimento extra-escolar que complementaria a formação familiar de seus filhos, um pouco prejudicada pela especificidade de suas profissões (geralmente sacrificando horas de lazer por trabalhar aos sábados, domingos e feriados, a depender do tipo de trabalho autônomo). É o caso de **Marquicinei** Pereira de Andrade, quando referiu-se ao pai:

Eu digo com convicção que foi através do grupo escoteiro que eu comecei a ter uma educação muito mais ampla, no campo afetivo, físico, intelectual. Foi através daí, com meus dez anos e meio, onze anos, que eu comecei a ter um lazer, uma diversão maior, até porque minha família era grande, **meu pai, meu pai era açougueiro**, minha mãe era dona de casa e tantos filhos, **a gente não tinha tanta oportunidade de tá participando de atividades**, de discussões, essas coisas, porque o custo era muito alto e família humilde não tem essa regalia (ANDRADE, 2011, grifo nosso).

Há de levar-se em consideração, também, a parcela de pais que eram profissionais liberais, representados pela profissão de médico, bacharel em direito e contador. O profissional liberal caracteriza-se por ter total liberdade para exercer sua função, constituindo empresa ou mesmo sendo empregado. Diferentemente do trabalhador autônomo, é registrado em uma ordem ou conselho profissional, é sempre de nível superior ou técnico e o único que pode exercer a atividade para a qual tem habilitação (GAZETA DO POVO, 2012). Os pais profissionais liberais, citados por seus filhos na pesquisa que ora apresento, certamente aprovavam a atuação dos filhos no movimento escoteiro. Comprovação disso é que um dos filhos em questão, **Eduardo** Antonio Conde Garcia, cujo pai era médico, envolveu-se a tal ponto de tornar-se chefe escoteiro. Inversamente, o profissional liberal **Reginaldo** Teles dos Santos, pai do lobinho **Rodrigo** Fernandes Correia Teles, é quem exerceu cargo de chefia após percorrer sua trajetória, iniciada como escoteiro.

Independente do enquadramento dos pais dos entrevistados como funcionários públicos, autônomos ou profissionais liberais, todos tiveram ou continuam a ter sua devida importância perante a sociedade, importância esta que se refletiu nas trajetórias escoteiras de seus filhos.



No tocante às atividades da mãe responsável, os dados do gráfico 4 apontam que vinte entrevistadas, parcela correspondente a 48,8 % dos casos, têm como ocupação as tarefas do próprio lar e o cuidar dos filhos, função típica e exclusiva das mulheres, resquício ainda do modelo da sociedade patriarcal brasileira do século XIX, onde a figura do homem, a frente da subsistência da família, ainda era suprema. À mulher cabia o “[...] bom desempenho do governo doméstico e na assistência moral à família, fortalecendo seus laços”. (SAMARA, 1983, p. 59). Exceção feita à profissão de professora, uma das primeiras ocupações profissionais conquistadas pelas mulheres e que no referido gráfico representa 12,20% das respostas, atrás apenas da ocupação “do lar”. A paulatina entrada da mulher no campo profissional docente, segundo Silva (2002, *apud* SANTOS e ALLAIN, 2009, p. 111)

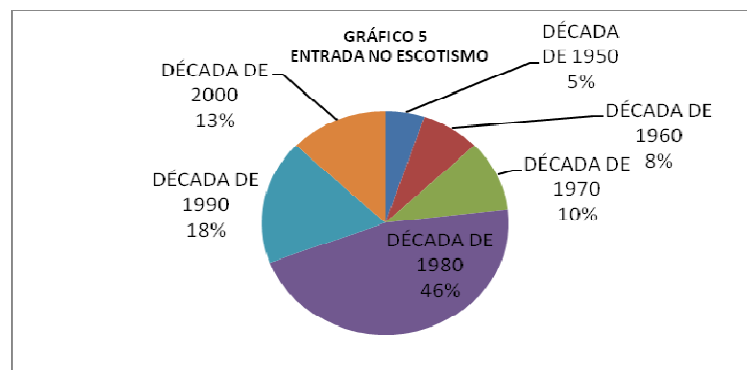
[...] se consolidou já nos primeiros anos do século XX, tanto no Brasil quanto em países da América e da Europa. Tentar entendê-lo não é tarefa fácil. Em cada país as características de inserção profissional da mulher contaram com ingredientes específicos que envolvem uma gama de aspectos que impulsionaram o desenvolvimento social [...]. (SILVA, 2002, p. 95-96 *apud* SANTOS e ALLAIN, 2009, p. 111).

Caso singular foi o do entrevistado **Odilon** Cabral Machado, cujo pai, bacharel em direito, também exerceu o ofício docente. Em nenhum dos outros casos houve coincidência de pai e mãe serem, concomitantemente, professores. Em relação às demais profissões, somadas à profissão de professora, representam exatamente o mesmo número de mães cuja profissão é ou foi “do lar”, existindo, no caso feminino, um equilíbrio total entre ter uma profissão ou se dedicar aos cuidados do lar, dos filhos e do marido. Embora não tenha a informação sobre a idade dessas mulheres, posso verificar que do final da década de 1950 (tempo em que o entrevistado com maior idade foi escoteiro) até a década de noventa, (quando nascia o entrevistado mais novo) há uma clara busca da mulher pela legitimação profissional, impulsionada pelo desenvolvimento social moderno.

Ao identificar as profissões dos responsáveis pelos escoteiros, percebi que do mosaico formado por funcionários públicos, profissionais liberais e profissionais autônomos, tivessem eles (pais) reconhecimento profissional destacado na vida pública ou se enquadrassem no quase anonimato mundo do trabalho autônomo, compartilharam em comum a experiência de suas concessões para que os filhos participassem de um tipo de educação externa à escola, o Escotismo, entendendo-o como uma ocupação de lazer e cunho educacional, que também complementaria a educação familiar.

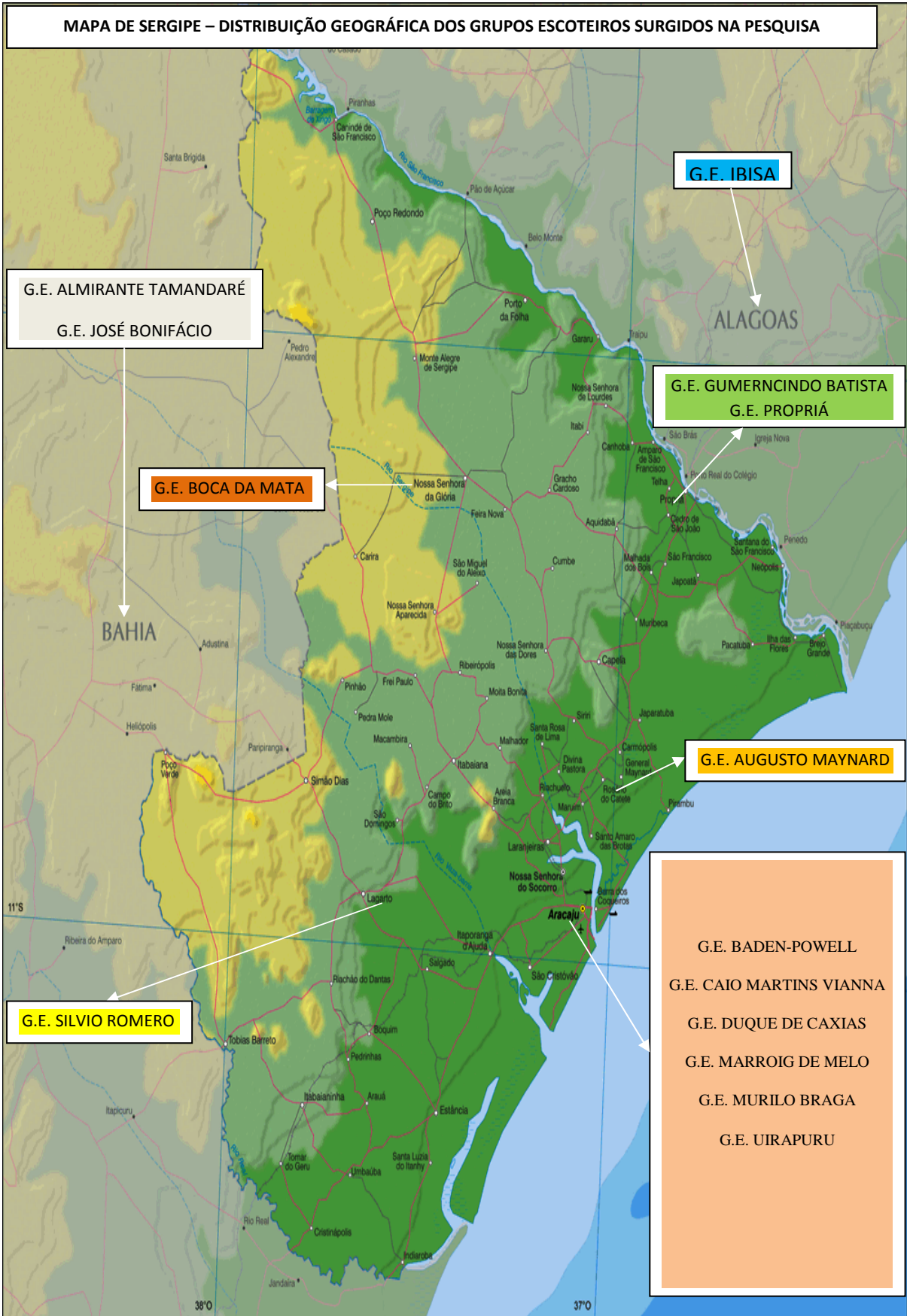
Ingresso e registro no Escotismo

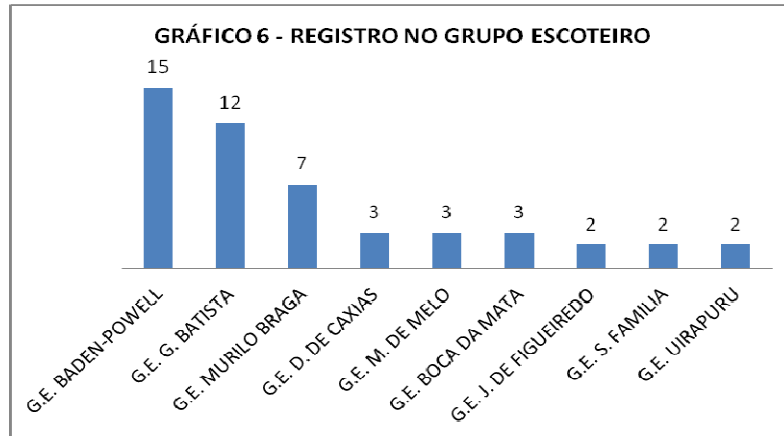
Como anunciado, em 15 de novembro de 1956 foi fundada a Região Escoteira de Sergipe, fato que se deu em solenidade realizada na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. À frente da Região Escoteira estava João Walter Dantas ou chefe Walter, como era chamado (MACHADO, 1998). A partir desta data, foram surgindo, ao suceder das décadas, grupos escoteiros na capital e no interior. A seguir veremos os momentos em que os entrevistados entraram no movimento escoteiro, bem como os respectivos grupos aos quais se registraram.



O período em que os entrevistados entraram para o movimento escoteiro e registraram-se nos grupos, de acordo com o gráfico 5, vai da década de 1950 à primeira década do século XXI. Os dados nos revelaram que a maior parte dos entrevistados, o que correspondeu a 46 %, entrou para o movimento escoteiro na década de 1980, especialmente após 1984, data que marca o fim do governo militar/ditatorial no Brasil. Seria pertinente que fossem realizados estudos sobre o movimento escoteiro em Sergipe no período em que perdurou a ditadura militar brasileira, no intuito de investigar-se, dentre outras coisas, a decadência (ou não) do Escotismo em face de possíveis influências do regime militar. Este

item da pesquisa não visou analisar um ou outro período em específico, mas compreender que a formação educativa dos grupos escoteiros aconteceu nas distintas gerações localizadas por mim. O fato de a maior parte dos entrevistados ter entrado para o movimento escoteiro na década de 1980 não necessariamente significa que esta época foi numericamente suprema em relação às demais, fora do âmbito da amostra, uma vez que os entrevistados foram selecionados através do ponto de saturação atingido (BERTAUX, 1980), já explicado na etapa introdutória desta pesquisa.





No tocante ao registro nos grupos escoteiros, o maior número de escoteiros entrevistados da amostra pertenceu ao “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, da cidade de Aracaju, como aponta o gráfico 6, seguido pelos integrantes que pertenceram ao “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, e por aqueles que se afiliaram ao “Grupo Escoteiro Murilo Braga”, também da capital sergipana. Ao verificar a quais grupos escoteiros pertenceram os entrevistados, percebi que o movimento escoteiro foi mais visível na capital sergipana, embora houvesse grupos nas distintas regiões interioranas, a exemplo do “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista” da cidade de Propriá, região norte do Estado; do “Grupo Escoteiro Silvio Romero”, da cidade de Lagarto, centro-sul do Estado; e do “Grupo Escoteiro Boca da Mata”, da cidade de Nossa Senhora da Glória, do semi-árido sergipano. Região conforme aponta o mapa da página 58.

Dos grupos citados nesta pesquisa, quatro já não existem mais: “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista” da cidade de Propriá¹⁸; “Grupo Escoteiro Boca da Mata”, da cidade de Nossa Senhora da Glória; “Grupo Escoteiro Jackson Figueiredo” e “Grupo Escoteiro Marroig de Melo”, ambos da capital. Alguns dos entrevistados tiveram passagem em mais de um grupo escoteiro, como é o caso de José **Orlando** dos Santos, **Roberto** Lima, **Jorge** Carvalho Nascimento, **Reginaldo** Teles dos Santos, Carlos Alberto **Nascimento**, **Denise** Carvalho do N. Moreno, **Paulo** Marcos Santos, **Marquicinei** Pereira de Andrade, **Luiz Alberto** Morato, Alexandre José Carlos de **Araujo** e **Felipe** Nascimento G. Moreno. Dentre os motivos da passagem por mais de um grupo estão: mudança de cidade; saída do grupo de origem para fundar outro grupo escoteiro; fechamento do grupo de origem e retorno ao movimento escoteiro, na idade adulta, na qualidade de escotista. O fato de se envolverem em outros

¹⁸ Desde o ano de 2011 entrou em funcionamento o “Grupo Escoteiro Propriá”, sob o comando do chefe Marquicinei Pereira de Andrade, que foi membro do extinto “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”.

grupos foi benéfico, uma vez que conheceram novos membros, firmaram novas amizades e conquistaram maior autonomia, como relatou José Orlando dos Santos, referindo-se à sua saída do “Grupo Escoteiro Murilo Braga” para fundar o “Grupo Escoteiro Baden-Powell”: “Chefe Adalberto ficou até magoado, pensando que a separação iria ser ruim, iria prejudicar o movimento escoteiro. Que nada, graças a Deus deu certo e o Grupo Baden-Powell está aí até hoje para contar história!” (SANTOS, 2012).

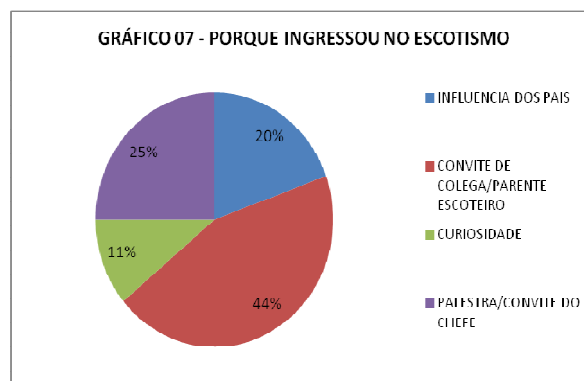
No tocante à capital, a proximidade da residência ou fácil acesso aos grupos escoteiros parecem ter sido os principais motivos para os entrevistados se registrarem. No caso do interior, a absoluta novidade de ter um movimento atraente e inovador para a maioria dos jovens, cujas opções de lazer eram restritas, foram as justificativas de entrada no Escotismo. Tanto na capital quanto no interior o Escotismo da época atual, onde alguns dos entrevistados são escotistas, chefes ou têm uma ligação mesmo que indireta com o movimento, parece entrar em decadência, em comparação à época em que foram membros juvenis, numericamente falando. É o que ressalta Denise Carvalho Nascimento Moreno, ao dizer: “o Escotismo em Sergipe é um quase defunto” (MORENO, 2012).

A responsabilidade pelo registro do membro escoteiro é do grupo ao qual está vinculado, que o faz, anualmente, à União dos Escoteiros do Brasil. Segundo os dados atuais desta instituição, cinco são os grupos sergipanos registrados ou regularizados no ano de 2012: “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, “Grupo Escoteiro General Maynard”, “Grupo Escoteiro Propriá”, “Grupo Escoteiro Silvio Romero” e “Grupo Escoteiro Uirapuru” (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012). Grupos que não estejam registrados/regularizados anualmente na União dos Escoteiros do Brasil não podem ter suas atividades burocrático-administrativas reconhecidas legalmente, atuando, portanto, de forma irregular ou clandestina.

Motivo de ingresso no Escotismo e lembranças marcantes

[...] pra quem vivia jogando bola descalço, no areal, na rua, num campinho cheio de lama, jogar numa quadra era algo assim... o sonho da vida! Era algo absolutamente diferente. E, curiosamente, eu posso afirmar que o que me atraiu para frequentar o movimento escoteiro junto com aqueles rapazes foi exatamente o fato de poder jogar bola na quadra. Fui ser escoteiro por causa disso. Gilberto e Carlinhos eram os nomes desses dois meninos (PITANGA, 2011).

Esta epígrafe faz parte do depoimento de **Sergio** Antonio Pitanga, e revela que o movimento escoteiro pode despertar o interesse de uma criança, de um adolescente ou mesmo de um adulto por diferentes motivos. As crianças mais jovens, principalmente, certamente não procuram o Escotismo por ver neste um espaço educacional e importante para seu desenvolvimento e importante para seu futuro, até mesmo por não terem maturidade para isso, como confirmou o depoimento do escoteiro **Sergio** Pitanga, no entanto, para além do “jogar bola na quadra”, o Escotismo proporciona um atrativo diferente da educação escolar tradicional, que é o aprendizado ao ar livre, acampando, excursionando, integrando-se à natureza.



De acordo com o gráfico 7, a maior parte dos entrevistados conheceu o Escotismo através de convite de amigos ou parentes que já eram do movimento escoteiro. Outro motivo que seduziu parte dos escoteiros entrevistados foram os convites dos chefes ou aspirantes a chefes escoteiros realizados nas escolas públicas, prática realizada desde a década de 1950, época em que **Eduardo** Conde Garcia, 68 anos, foi escoteiro, e corroborou a assertiva: “A juventude foi requisitada basicamente nos colégios[...]. O chefe Walter foi fazer uma palestra nos colégios, inclusive no colégio Jackson de Figueiredo, onde eu estudava. Eu assisti à palestra, fiquei muito interessado e resolvi me inscrever como escoteiro” (GARCIA, 2012).

Três décadas após, a estratégia de seduzir os jovens a entrarem para o movimento escoteiro pelo convite nas escolas onde estudavam continuava, como salientou **Marcelito** Trindade Almeida, de 34 anos: “Eu me lembro que na época, eu era primeira ou segunda série, chegou um pessoal na sala explicando ‘muito por cima’ o que seria um grupo de escoteiros, e eu me interessei. Aí fui, gostei e passei seis anos no movimento” (ALMEIDA, 2012,).

Os dados refletem que, embora mais relevantes os convites de colegas escoteiros, a curiosidade em conhecer o movimento escoteiro e a influência de pais que já foram ou conheciam o Escotismo sejam fatores que contribuíram para que os entrevistados nesta amostra ingressassem como escoteiros, lobinhos, seniores ou escotistas. A “propaganda” de um movimento extra-escolar, o Escotismo, dentro de instituições escolares foi uma estratégia relevante que obteve atração suficiente para entusiasmar, senão provocar a curiosidade de conhecer outra forma de educação que muitos nem conheciam, outros apenas tinham ouvido falar, a exemplo de **Rafael** Azevedo Vieira: “Eu via nos filmes americanos aquela imagem que todo mundo tem que o escoteiro fica dentro da selva, aquela coisa que para uma criança é muito sedutor” (A. VIEIRA, 2012).

Ramos percorridos e postos de liderança exercidos

Na primeira experiência em campo que teve, a qual culminou na oficialização do Escotismo, Baden-Powell aglomerou jovens que tinham entre sete e dezoito anos. Embora tenha considerado a realização das atividades um sucesso, constatou que havia necessidade de, posteriormente, propor atividades que se adequassem à faixa etária dos jovens. Então dividiu o movimento escoteiro em três ramos: o ramo lobinho (entre oito e onze anos), o ramo escoteiro (entre onze e dezesseis anos) e pioneiro (a partir dos dezessete anos) (NASCIMENTO, 2008, p. 60). Atualmente o movimento escoteiro está dividido da seguinte forma: lobinho (sete aos onze anos incompletos); escoteiro (onze aos quinze anos incompletos); sênior (quinze aos dezoito anos incompletos); pioneiro (dezoito aos vinte e um anos) e escotista (a partir dos vinte e um anos).



O ramo do qual a maioria dos entrevistados fez parte, conforme o gráfico 8, foi o escoteiro, com 36 entrevistados; seguido pelo ramo sênior, com 27; ramo pioneiro, com 13 e lobinho, com 3. A justificativa para estes dados pode estar em ser o movimento criado por Baden-Powell conhecido pela nomenclatura de um de seus ramos, que é o escoteiro. Embora não tenha sido perguntado, é provável que, antes de entrar no movimento escoteiro, os entrevistados só tenham ouvido falar do termo escoteiro ou Escotismo, desconhecendo em parte ou por completo os demais ramos. Apenas dois dos entrevistados foram apenas lobinhos e oito foram somente escoteiros, os demais, tiveram experiências em mais de um ramo. Doze entrevistados fizeram parte dos ramos escoteiro e sênior. Dos quarenta e um entrevistados, somente dois, percorreram todos os ramos, de lobinho a escotista. É o caso de **Tiago** Vinicius Alves dos Santos e **Felipe** Nascimento Garcia Moreno. Ambos têm pais que fizeram e/ou fazem parte ativamente do movimento escoteiro. Por isso, nasceram e cresceram no seio do movimento escoteiro, como revelam, primeiro Felipe, ao dizer: “Eu nasci no movimento escoteiro”, a mãe de Felipe e o próprio Tiago, respectivamente:

Do meu casamento com chefe Garcia primeiro nasceu Felipe, que já na maternidade ganhou um fardamento de escoteiro e quando ele completou um mês de nascido eu levei ele para o primeiro acampamento. É evidente que minha mãe e minha sogra, na época, quase me matam, mas eu levei carrinho, banheira, todos os acessórios que uma mãe precisa levar. E aí Felipe nasceu escoteiro, participava de tudo, ia para todas as coisas, chegava nos acantonamentos¹⁹ e não queria levar vantagem em nada, ele queria entrar na fila como os outros lobinhos, e aí foi se disciplinando, aprendendo essas coisas e que a gente pratica até hoje em casa (MORENO, 2012).

A todo o momento eu via meu pai e minha mãe uniformizados indo para o grupo escoteiro até antes dos meus seis anos, porque com seis anos foi quando eu me registrei no grupo, mas antes de seis anos eu já frequentava por que eu tinha que ir, não podia ficar em casa sozinho. Mas aí eu acredito que foi uma questão de sangue, já tá no sangue, eu, a minha irmã, a família inteira (A. SANTOS, 2012).

Embora **Denise** Carvalho do Nascimento Moreno, mãe de Felipe, não tenha sido oficialmente registrada como lobinha e escoteira, apesar de acompanhar e realizar as atividades junto com os meninos no “Grupo Escoteiro Duque de Caxias”, pois segundo ela não havia coeducação no Escotismo sergipano até aquele momento (década de 1970 e início de 1980), atuou junto às irmãs como assistentes e chefes dos lobinhos por vários anos. Apesar

¹⁹ Atividades onde os membros do movimento escoteiro, principalmente os lobinhos, dormiam em alojamentos como escolas, por exemplo, ao contrário dos acampamentos, onde se dorme em barracas montadas pelos jovens.

de afastar-se²⁰, por motivos pessoais, do movimento escoteiro, nunca perdeu o contato com o Escotismo, atuando como assistente “virtual”, como ela mesma diz, de um grupo de escoteiros do estado da Bahia. Aos poucos direciona seu tempo a colaborar com cursos para adultos no movimento escoteiro sergipano, atualmente.

Dentre os entrevistados, outra mulher, **Aldenise** Cordeiro Santos, só não foi lobinha porque a idade não lhe permitiu (inclusive esta é uma frustração revelada ao ser entrevistada), mas percorreu todas as fases a partir do ramo escoteiro, permanecendo até a data atual, como “Aquelá” (chefe dos lobinhos). Os cargos de liderança existentes no Escotismo até o fim do ramo sênior são: “primo” e “segundo”, para o ramo lobinho; “monitor” e “submonitor”, para os ramos escoteiro e sênior. Para os adultos há os cargos de chefes e subchefes de seção, tropa ou grupo. São funções exercidas de forma individualizada com o intuito de desenvolver o espírito do líder ou ser seu auxiliar e substituto, quando necessário. No seu mais célebre livro, “Escotismo para rapazes”, Baden-Powell escreveu uma nota especial dedicada ao escoteiro monitor, o qual considera o braço direito do chefe:

Quero que vocês, Monitores, entrem em ação e adestrem suas patrulhas inteiramente sozinhos e à sua moda, porque para vocês é perfeitamente possível pegar cada rapaz da patrulha e fazer dele um bom camarada, um verdadeiro homem. De nada vale ter um ou dois rapazes admiráveis o resto não prestando para nada. Vocês devem procurar fazê-los todos positivamente bons. Para conseguir isso a coisa mais importante é o próprio exemplo, porque, o que vocês fizerem, os seus Escoteiros também farão. Mostrem a todos eles que vocês sabem obedecer às ordens dadas, sejam elas ordenas verbais, ou sejam regras que estejam escritas ou impressas; e que vocês cumprem ordens, esteja ou não o Chefe Escoteiro presente. Mostrem que conseguem conquistar distintivos de especialidades, e, com um pouco de persuasão, os seus rapazes seguirão o seu exemplo. Mas lembrem-se que vocês devem **guiá-los** e não **empurrá-los** (POWELL, 2006, p. 54, grifo do autor).

O gráfico 9 revelou que, dentre os entrevistados, apenas três não tiveram a experiência de ser “primo”, “segundo”, “monitor” ou “submonitor”. Nove deles foram “submonitor” e “monitor”. Experiências em cargos somente como “submonitor” foram sete, e somente como “monitor” foram seis. Aqueles que exerceram cargo de liderança enquanto membro juvenil e cargo de liderança enquanto adulto representaram 25%, maior percentual em relação à experiência em mais de um cargo de liderança. Essas experiências à frente de

²⁰ Quando se separou do seu marido, o “chefe Garcia”, ela optou por “separar-se” também do movimento escoteiro, por entender que só conseguiria realmente separar-se do matrimônio com chefe Garcia se também se afastasse do movimento escoteiro.

patrulhas, seções, grupos ou região escoteira, certamente tiveram sua importância no passado e no presente de alguns entrevistados que hoje ocupam ou ocuparam cargos de liderança importantes e de destaque na sociedade da qual fazem parte, já identificados neste estudo.

O movimento escoteiro permite aos seus integrantes progredirem num sistema de graduação de desenvolvimento de habilidades que os qualifica em distintos níveis e em todos os ramos. Os níveis máximos possíveis de serem alcançados são: lobinho primeira estrela, escoteiro lis de ouro, sênior escoteiro da pátria, pioneiro insígnia de B-P e chefe escoteiro. De acordo com o gráfico 10, identifiquei que todas as graduações máximas estavam presentes entre os quarenta e um entrevistados, conquistadas em diferentes etapas da trajetória de cada um. Antes de atingir o nível máximo, o escoteiro, por exemplo, deve conquistar as seguintes etapas: Noviço, 2ª classe, 1ª classe, Cordão verde-amarelo e Cordão vermelho e branco. Todas essas etapas são compostas por um conjunto de tarefas que contemplam sete temáticas, a saber: 1) fraternidade escoteira; 2) segurança; 3) comunidade; 4) ar livre; 5) técnicas escoteiras; 6) comunicação e 7) valores. São tarefas que desafiam o jovem em distintas áreas do conhecimento, levando-o, gradualmente, a percorrer desafios e superá-los, situando-o dentro de um contexto diverso no que diz respeito à dimensão cultural, econômica e geográfica de onde se situe. Aprender a lidar com essa dinâmica social faz parte, de modo geral, das competências impostas aos jovens pelas tarefas acima. As dificuldades das tarefas aumentam com a progressão de nível do escoteiro (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

Com relação aos níveis máximos, cinco integrantes, **Lucas** da Hora Mendonça, **Rafael** Azevedo Vieira e Alexandre José Carlos de **Araujo**, pelo “Grupo Escoteiro Baden-Powell”; **Aldenise** Cordeiro Santos, pelo “Grupo Escoteiro Uirapuru”; e **Marcelito** Trindade Almeida, pelo “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, conquistaram o título de “Escoteiro Lis de ouro”, um integrante conquistou todas as etapas para ser Escoteiro da Pátria (ramo sênior) e um integrante chegou a ser Pioneiro Insígnia de B-P. Três integrantes conquistaram o mais alto grau do Chefe Escoteiro que é a Insígnia da Madeira²¹. Sete dos entrevistados não conquistaram nenhum tipo de graduação, seja por iniciarem e não concluírem todas as atividades, seja por não despertarem interesse por estas conquistas, que eram simbolizadas com um distintivo específico, como foi o caso de **Felipe** Nascimento Garcia Moreno, ao afirmar seu desinteresse nesta esfera: “Eu tentei mas nunca fui muito fã de ter o ombro cheio

²¹ “B-P escolheu o nome Insígnia de Madeira (Wood Badge, em inglês) por ser algo simples, sem valor financeiro, mas ligado às coisas da terra, à natureza, às artes mateiras, etc. O nome ‘de madeira’ assinalava o regresso dos homens à vida no campo, centro das atividades escoteiras”. (BOULANGER, 2012).

de distintivos, apesar de saber fazer as coisas. Como eu era filho do chefe Garcia, todo mundo achava que eu deveria ter o ombro cheio de distintivos”. (G. MORENO, 2012). Diferentemente de Felipe, **Lucas da Hora Mendonça** relata com entusiasmo as conquistas destas etapas:

Lembro que era um orgulho, conquistando aquilo, porque assim, comecei como todo mundo, sem nada no uniforme. Depois já estava com um distintivo aqui, outro ali, cheguei ao ponto de a farda todinha estar cheia de distintivos e mais ninguém ou pouca gente no grupo tinha. E eu estar recebendo aquele cordão verde-amarelo, aquele cordão vermelho e branco, me enchia de gás, e eu dizia: vou conquistar mais ainda, vou até o final. Recebi o prêmio, o título de Lis de ouro, do Presidente da União dos Escoteiros do Brasil em um Jamboree nacional e, com certeza, isso é pra poucos, me emocionei bastante (MENDONÇA, 2011).



Lucas da Hora Mendonça recebendo o título de “Escoteiro Lis de Ouro” das mãos do então Presidente da UEB, Paulo Salamuni, no dia 16 de julho de 2003, no II Jamboree Nacional de Caucaia – CE. Fonte: Revista Baden-Powell (2004).

Os demais entrevistados que não conquistaram o grau máximo, oscilaram entre as conquistas intermediárias, o que, de certa forma, não deixa de conferir ao lobinho, ao escoteiro ou ao sênior, certo *status* e experiência técnica perante aqueles que não as tem. Essas experiências de liderança e graduações são fundamentais no processo de autoeducação proposto por Baden-Powell e certamente importantes nas vivências fora do Escotismo. Foi desejo do criador do Escotismo que seus escoteiros procurassem se graduar assim que

estivessem aptos, ou seja, após a “Promessa Escoteira”, como frisou em “Escotismo para rapazes”:

Depois de você ter sido investido como Escoteiro, poderá prosseguir na direção da graduação seguinte, a de Escoteiro de Segunda Classe. Para isso aprenderá os rudimentos de vários assuntos muito úteis [...]. Nenhum Escoteiro quererá permanecer na Segunda Classe muito tempo, e portanto, logo que possível você deverá se tornar um Escoteiro de Primeira Classe. Para conseguir isto terá muito trabalho, pois terá que aprender sinalização, leitura de mapas, jornada, primeiros socorros, e várias outras coisas [...] (POWELL, 2006, p. 49-50)

Prêmios e castigos recebidos no Escotismo

Sobre premiações, Baden-Powell fez uso de um sistema de graduação a ser atingido por etapas, como já revelado na página 51, no tópico “níveis alcançados”. As etapas conquistadas pelo jovem são tidas por ele como um prêmio alcançado por ter realizado todas as tarefas exigidas para determinada graduação. Além desse sistema de graduação, houve, por parte de Baden-Powell, um estímulo à competição sadia entre as patrulhas, por meio de jogos e atividades de campo, exemplo que ele trouxe do primeiro acampamento escoteiro realizado em 1907, na Inglaterra (BOULANGER, 2000). No entanto, percebi, através das narrativas dos entrevistados, que outras práticas de “premiação” foram incorporadas em alguns grupos escoteiros como reveladas a seguir. Para além das etapas de graduação propostas pelo fundador do Escotismo, os entrevistados evidenciaram outras percepções sobre prêmios. Nos moldes atuais, o Conselho de Administração Nacional (CAN) confere as seguintes recompensas e condecorações, regidas pelo estatuto da União dos Escoteiros do Brasil:

Art. 2º - As recompensas e condecorações escoteiras distribuem-se nas seguintes categorias:

I - Elogios

II - Diplomas de Mérito

III - Condecorações

Art. 3º - Os Elogios, sempre por escrito, são utilizados como recompensa aos procedimentos ou realizações dignos de destaque e que não constituem valor meritório para a concessão de Diploma de Mérito ou de Condecoração.

§ 1º - Considera-se também como Elogio o “Reconhecimento pela Compreensão e pelo Apoio” a cônjuges e/ou companheiros(as) com mais de 10 (dez) anos de vida em comum com escotistas, dirigentes e outros adultos da UEB, que contribuem com o Escotismo há mais de 20 (vinte) anos.

§ 2º - Os Elogios podem ser concedidos pelo Conselho de Administração Nacional, pela Diretoria Executiva Nacional, pelas Diretorias Regionais e Locais, conforme o nível do órgão escoteiro beneficiado.

Art. 4º - Os Diplomas de Mérito destinam-se a recompensar entidades ou pessoas que tenham prestado serviços, concedido excepcionais facilidades para realização de grandes atividades escoteiras, oferecido valores em bens materiais ou que tenham cedido instalações para sedes, em proveito de órgãos escoteiros.

Parágrafo Único - O Diploma de Mérito pode ser concedido pelo Conselho de Administração Nacional, pela Diretoria Executiva Nacional, pelas diretorias Regionais e Locais, conforme o nível do órgão escoteiro beneficiado pela ação meritória.

Art. 5º - As Condecorações destinam-se a premiar pessoas do quadro social da UEB por feitos realmente meritórios, acima do mero cumprimento do dever, no exercício de funções ou cargos no Movimento Escoteiro. Destinam-se também a recompensar órgãos escoteiros que se destaquem por feitos semelhantes e a homenagear pessoas e entidades não vinculadas à UEB, por atitudes especialmente relevantes assumidas em favor do Escotismo.

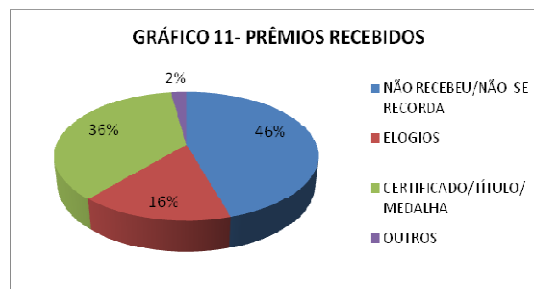
Parágrafo único - As Condecorações escoteiras são as seguintes:

I - Condecorações de Agradecimento:

a) Medalha de Gratidão nos graus: Bronze, Prata e Ouro,

b) Cruz de São Jorge;

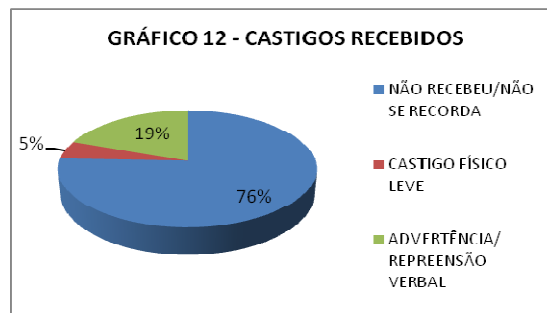
c) Medalha da Fraternidade Mundial. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).



No que diz respeito aos prêmios recebidos no movimento escoteiro, a maior parte dos entrevistados afirmou não ter recebido ou não se lembrar deste item, como apontou o gráfico 11. De acordo com os dados do gráfico 11, 16% consideram como prêmios os elogios verbais, normalmente feitos pelos chefes e geralmente frente aos demais membros do grupo escoteiro ou da patrulha, fato que aconteceu com **Reginaldo** Teles dos Santos, ao receber um elogio em público do seu chefe, como ressalta o entrevistado: “E por eu ser loiro, magrinho e cumprido, fez a observação [o “Chefe Adalberto”] que eu parecia com o escoteiro padrão do Brasil, Caio Viana Martins²². Isso serviu, inclusive, de estímulo para mim, para minha trajetória dentro do movimento escoteiro” (T. SANTOS, 2012).

²² Caio Viana Martins foi um escoteiro de Minas Gerais que morreu heroicamente num acidente de trem em 19 de dezembro de 1938, quando viajavam integrantes do seu grupo escoteiro rumo à uma excursão em São Paulo. É muito lembrado entre os escoteiros brasileiros por negar ajuda dos socorristas após o referido acidente e dizer: “um escoteiro caminha com suas próprias pernas”. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

Sete entrevistados consideraram como prêmios recebidos os títulos de graduação máxima, os distintivos de especialidades e os distintivos de eficiências das patrulhas, conquistados por eles. Nove entrevistados afirmaram que as medalhas ou certificados que receberam por algum destaque individual são tidos como prêmio, a exemplo da medalha de gratidão que recebeu **Jorge** Carvalho Nascimento da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) pela publicação de um livro sobre o Escotismo intitulado “A escola de Baden-Powell: Escotismo de Estado, associação voluntária e escotismo escolar” (NASCIMENTO, 2012).



O gráfico 12 evidenciou que, com relação a castigos recebidos no movimento escoteiro, a maioria absoluta não recebeu ou não se recorda. Ser impedido de participar de atividades e sofrer pequenos castigos físicos foi a resposta de quatro entrevistados. Seis entrevistados recordaram-se de terem sofrido advertências ou repreensões verbais. Assim, foi possível constatar que a formação educativa escoteira dos entrevistados utilizou muito mais o sistema de elogios e muito pouco os castigos ou punições. É possível dizer que o número reduzido deste tenha sido influenciado pelo significativo número daquele. As ideias de Baden-Powell sobre este tema, por certo, estavam mais atreladas à ideia do autogoverno, levando os jovens a crer que dos seus atos viriam as consequências, boas ou ruins. Sobre este aspecto, **Jorge** Carvalho Nascimento ressaltou: “Você receberá os prêmios e castigos pelos atos que decide praticar e que ninguém é responsável por isto a não ser você mesmo”.

A resolução Nº 09/2009 do Conselho de Administração Nacional, da União dos Escoteiros do Brasil, regulamentou a possibilidade de mediação de conflito em casos que gerem processo disciplinar, antes da instauração deste ou mesmo em seu decurso. O intuito é priorizar o diálogo e a reflexão como base para mediação e solução de conflitos gerados no seio do movimento escoteiro. Essa resolução, ao fundamentar-se na mediação de conflito, levou em consideração:

- a) Que a vivência da fraternidade deve ser uma constância no Movimento Escoteiro;
- b) Que a busca do entendimento entre os membros da UEB é importante em uma organização que preconiza os valores contidos na Lei e na Promessa Escoteiras;
- c) Que muitas das denúncias que vêm sendo apresentadas dizem respeito a problemas de relacionamento ou situações de conflito que podem ser equacionadas pelos envolvidos através de mediação;
- d) Que o processo disciplinar nesses casos mais aprofunda do que resolve questões pessoais e inibe um ambiente de colaboração na abordagem do problema;
- e) Que a mediação possibilita a resolução rápida, flexível e eficaz de processos disciplinares, reduzindo o desgaste emocional pela facilitação da comunicação entre envolvidos;
- f) Que a mediação permite sanar o conflito na medida em que este é tratado a fundo e de acordo com os critérios valorizados pelas partes, e não por normas estabelecidas exteriormente;
- g) Que a mediação abre a possibilidade de efetiva reparação pessoal, uma vez que são as partes que criam responsavelmente a solução para o problema (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

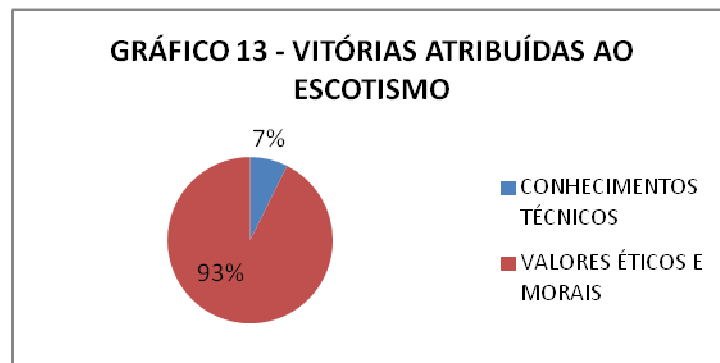
Ao compreender que as práticas de premiação e castigos existentes em alguns grupos visam estimular os jovens que recebem esses prêmios a continuarem em busca por recebê-los e aqueles que não os receberam sejam aguçados a recebê-los. O objetivo, no fundo, é entusiasmar os jovens a cumprirem com seus deveres autonomamente, da melhor forma possível. No caso do estímulo à prática da competição coletiva proposta por Baden-Powell, esta se estendeu das patrulhas aos grupos e, no caso do Brasil, foi oficializada pela União dos Escoteiros do Brasil, onde os grupos podem ser congratulados com os títulos de Grupo Padrão²³, na modalidade Ouro, Prata ou Bronze, a depender da pontuação obtida pelo cumprimento das exigências da entidade citada (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

Vitórias e fracassos/frustrações no Escotismo

Este item da pesquisa revelou a intensidade com que o Escotismo marcou a vida dos entrevistados, pois atribuir vitórias pessoais em diferentes dimensões da vida ao movimento escoteiro significa dizer que, assim como a família, instituição primária de qualquer indivíduo, cujas marcas são carregadas para toda uma vida, o Escotismo também o fez nas trajetórias dos integrantes analisados deste estudo. E são narrativas, em sua maioria,

²³ A certificação de Grupo Padrão é um prêmio de reconhecimento anual para os Grupos Escoteiros que alcancem um padrão mínimo de qualidade nas áreas de Administração, Crescimento de Efetivo, Formação de Adultos, Aplicação do Método Escoteiro, participação na Comunidade, Divulgação do Movimento Escoteiro e realização de atividades (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

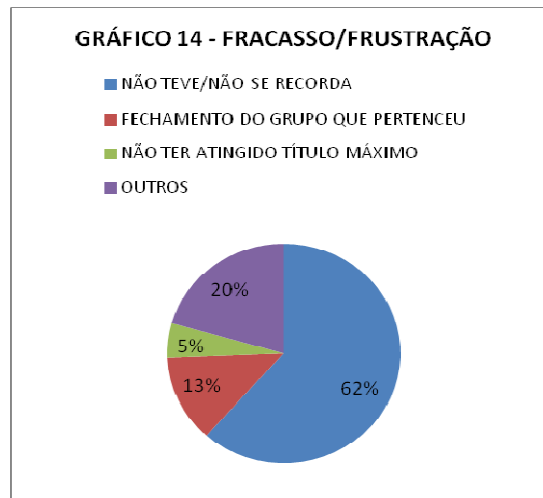
de homens, mulheres, pais e mães de família, com percurso profissional e familiar bem delineados, de distintas origens, credos e convicções pessoais.



A proposta de Baden-Powell era instigar nos jovens o desenvolvimento individual e coletivo, a partir da inculcação de valores éticos e morais, bem como o aprendizado de técnicas e atividades práticas realizadas ao ar livre. Com base no gráfico 13, a supremacia dos valores é notória em relação aos conhecimentos técnicos. Todos os valores citados pelos entrevistados são considerados vitórias adquiridas em suas vidas, por extrapolarem a esfera do cotidiano escoteiro. É o exemplo de **Adriano Santos Araujo**, ao narrar o que considerou uma vitória: “Aprendi a lidar com as pessoas, porque eu era muito tímido, muito, muito tímido mesmo. E também o grupo de teatro formado dentro do grupo escoteiro me ajudou muito. Quando eu comecei a receber textos, personagens, do primeiro não parou mais...” (ARAÚJO, 2012).

Constatarei, nos relatos sobre este item, a incorporação do que Baden-Powell quis transmitir nos jovens há pouco mais de um século. Além dos conhecimentos técnicos, aquisição de valores benéficos para a vida do jovem escoteiro e, por conseguinte, benéficos para o contexto que o cerca (pois a ideia é disseminá-los e não guardá-los), foi uma tônica do fundador do Escotismo, através de seus escritos (“Escotismo para rapazes” e “Caminho para o sucesso” são exemplos disso) e de suas ações. Esta simbiose aparece nos relatos dos entrevistados, expressa sobre a definição de vitórias atribuídas ao Escotismo.

Os dados mostraram o quanto os valores propostos na Lei Escoteira, já citada, foram inculcados e apreendidos pela maioria absoluta dos entrevistados. Em meio a um mundo atual marcado pelo individualismo e esquecimento ou indiferença aos valores, como os contidos no projeto de Baden-Powell, a formação educativa do movimento escoteiro sergipano revelou-se eficiente e eficaz neste quesito. Constituir família, estabelecer-se profissionalmente e progredir nos estudos podem ser considerados outros tipos de vitórias conquistadas pelos escoteiros da amostra desta pesquisa e que serão reveladas mais adiante.

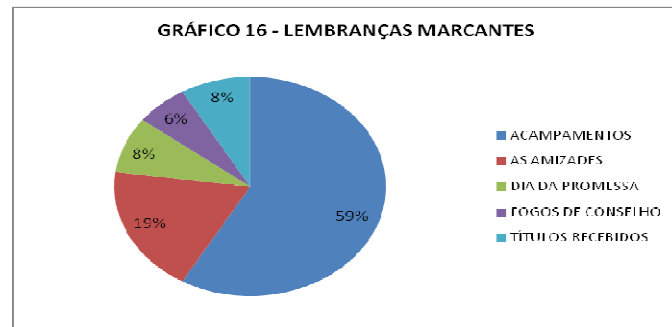


Os dados do gráfico 14 revelaram que mais da metade dos entrevistados não consideraram que tiveram fracassos ou frustrações, ou mesmo não se recordam deste item. Para sete dos entrevistados as respostas tiveram relação com o coletivo. Cinco destes fizeram menção ao sentimento de frustração pelo fechamento do grupo escoteiro a que pertenciam. O grupo citado foi o “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá. Após seis anos de fundado, o grupo acabou sucumbindo à saída de seu líder, o chefe Furtado, que teve de mudar de cidade/estado por conta de sua transferência profissional, já que era militar do Exército Brasileiro. Um depoente fez referência ao fato de ver membros de grupos escoteiros em desunião. Este argumento foi notado na fala de vários membros durante as suas entrevistas, porém, somente um caracterizou este momento como frustração.

O outro entrevistado cuja frustração teve sentido coletivo referiu-se a um caso de pedofilia no interior do grupo que fez parte. Sua frustração, além de presenciar o episódio, foi não contar com o apoio da maioria do grupo para denunciar o acontecimento, o que o deixou extremamente frustrado e indignado. O fato, segundo o depoente, foi discutido e resolvido internamente entre os membros do grupo, para sua insatisfação. Além de infringir a Lei, o fato narrado feriu valores morais defendidos por Baden-Powell, como “honra” e “amizade”.

A outra parte dos entrevistados teve relatos cujas frustrações foram individuais e por diferentes motivos, entre eles a frustração de **Aldenise** Cordeiro Santos, em não ter sido lobinha. Ela entrou para o movimento escoteiro no ano de 1988, como escoteira, devido à sua idade, e percorreu todos os ramos posteriores, permanecendo até a data atual, como chefe de

responsabilidade de ajudar a contemplar a necessidade do outro, ao invés de esperar comisseração e a caridade que pode vir lhe ajudar. Ou seja, não fique imóvel esperando, faça acontecer (NASCIMENTO, 2011, grifo nosso).



Quando perguntados sobre as lembranças marcantes que tiveram no movimento escoteiro, a maioria absoluta não titubeou em responder que foram os acampamentos, como revelou o gráfico 16. Com exceção dos lobinhos, que não acampam e sim acantonam²⁴, uma das maiores alegrias de um escoteiro, de um sênior, de um pioneiro e por que não, de um chefe, é ir acampar. Esta atividade é considerada a principal na vida dos integrantes do movimento escoteiro, pois é no acampamento que se pode pôr em prática muitas coisas que os chefes ensinam. Os acampamentos podem ser realizados entre patrulhas, somente, ou com todo o grupo. Há os acampamentos locais, regionais, nacionais e internacionais. A possibilidade de conhecer vários lugares é proeminente na fala de **Sergio** Antonio Pitanga: “[...] Quem me apresentou o Brasil, do ponto de vista “prático”, foi o movimento escoteiro”. (PITANGA, 2011, grifo do autor). A vida ao ar livre e os conhecimentos da natureza materializam-se no acampamento. Pelo fato de ser realizada longe das cidades, este tipo de atividade ganhava atenção de muitos pais, como revelou José **Ricardo** Freitas Nunes, ao referir-se sobre a “tensão” que ocorria entre seus pais em véspera de acampamento: “Pelo meu pai, era pra viajar mesmo, eu tinha que me misturar, ir pro mundo. Já minha mãe, não. Tinha receio, achava perigoso, porque nós usávamos faca, facão, pra montar a fogueira, armar as barracas, era tudo muito artesanal”. (NUNES, 2011). Poderia citar aqui parte dos depoimentos apaixonados dos entrevistados sobre o entusiasmo pelos acampamentos, como podem atestar todos os depoimentos em anexo. **Odilon** Cabral Machado narrou, entusiasmado, acerca dos acampamentos que participou: “O que eu quero destacar é que nesses acampamentos havia uma movimentação muito grande de atividades. Nós tínhamos

²⁴ Alojamos-se em prédios escolares e/ou sede de grupos escoteiros, geralmente, para realizarmos suas atividades.

atividades de jogos, nós tínhamos atividades de percursos, de seguir pistas” (MACHADO, 2012). O entusiasmo presente nos depoimentos dos escoteiros entrevistados também é notório nas palavras de Baden-Powell, sobre este momento ímpar na vida dos membros do movimento escoteiro:

Acampar é a parte mais alegre da vida de Escoteiro. Viver neste ar livre que Deus nos deu, entre colinas e árvores, pássaros e animais, junto ao mar e aos rios, isto é, viver com a natureza, tendo sua pequena casa de lona, preparando sua própria comida e explorando os arredores – tudo isso traz saúde e felicidade, num grau que nunca se consegue obter entre os tijolos e a fumaça da cidade (POWELL, 2006, p. 35).

Além dos acampamentos, as amizades construídas no seio do movimento escoteiro também foram frisadas. É uníssono entre os entrevistados que as amizades que construíram nos seus respectivos grupos escoteiros viraram duradouras para além do Escotismo. Num mundo atual estigmatizado pelo individualismo exacerbado, relações profissionais e amizades superficiais, manter elos de amizade desde a infância não é um objetivo fácil de ser conquistado e pode ser considerado importante porque demonstra o quanto este tipo de valor é benéfico para aqueles que o mantêm. É o caso de **Eduardo Antonio Conde Garcia**, ao frisar que “[...] Tudo isso foi muito interessante, sobretudo, porque criamos uma irmandade entre os escoteiros da época que perdurou durante esses anos todos, esses mais de cinquenta anos depois do escotismo” (GARCIA, 2012).

O dia da Promessa Escoteira foi lembrado como lembrança marcante por 8% dos entrevistados. É um dia especial na vida de um membro do movimento escoteiro, uma vez que é nesse dia que o lobinho, escoteiro ou escotista compromete-se consigo mesmo, com Deus e com a pátria a ser um ser humano melhor. A Promessa do escoteiro é a seguinte: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para cumprir com meus deveres para com Deus e a minha pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei escoteira”. A lei escoteira é composta por dez itens, eleitos por Baden-Powell:

- 01 – “O escoteiro tem uma só palavra; sua **honra** vale mais que a própria vida.” Valor cujo significado denota que o escoteiro é digno de confiança e cumpre com aquilo a que se propõe.
- 02 – “O escoteiro é **leal**.” O escoteiro deve ser fiel a sua pátria, aos seus pais, aos seus chefes, aos seus subordinados.

- 03 – “O escoteiro está sempre alerta para **ajudar** o próximo e praticar diariamente uma boa ação.” Sempre estar disposto a prestar ajuda, mesmo que seja preciso fazer renúncias individuais.
- 04 – “O escoteiro é **amigo** de todos e **irmão** dos demais escoteiros.” Aceitar as pessoas como elas são e tratar os demais escoteiros, ainda que não os conheça, com irmandade.
- 05 – “O escoteiro é **cortês**.” Ser educado com todos é um dever para o escoteiro, especialmente com mulheres, crianças e idosos.
- 06 – “O escoteiro é **bom** para os animais e as plantas.” Não deve maltratá-los e nem matá-los sem necessidade, uma vez que são criaturas de Deus. Pelo contrário, deve protegê-los.
- 07 – “O escoteiro é **obediente** e **disciplinado**.” As ordens que lhes são dadas devem ser cumpridas, ainda que não lhe agradem, entendendo que é um dever cumpri-las.
- 08 – “O escoteiro é **alegre** e sorri nas dificuldades.” Isto quer dizer que ele deve manter o senso de humor e não reclamar à toa das coisas que lhes oferecem obstáculos.
- 09 – O escoteiro é **econômico** e respeita o bem alheio. Economizar para si ou para poder ajudar os outros em caso de necessidade.
- 10 – “O escoteiro é **limpo** de corpo e alma.” Deve procurar livrar-se de pensamentos e atitudes impuros (POWELL, 2006, p. 25-26, grifo nosso).

Outra lembrança marcante frisada pelos entrevistados são os fogos de conselhos. Este é um tipo de atividade que acontece sempre na última noite dos acampamentos, como evidenciou **Odilon** Cabral Machado, ao lembrar-se desses momentos: “O que eu quero destacar é que nesses acampamentos havia uma movimentação muito grande de atividades. E eu quero destacar, sobretudo, os fogos de conselho, aquelas reuniões belíssimas frente à fogueira” (MACHADO, 2012). Ao redor de uma fogueira, os membros do movimento escoteiro cantam, dançam, encenam peças teatrais a partir de temáticas escolhidas previamente e se despedem calorosamente uns dos outros, em círculo e de mãos entrelaçadas. **Aldenise** Cordeiro Santos ressalta que o fogo de conselho ia além do divertimento e do conagração:

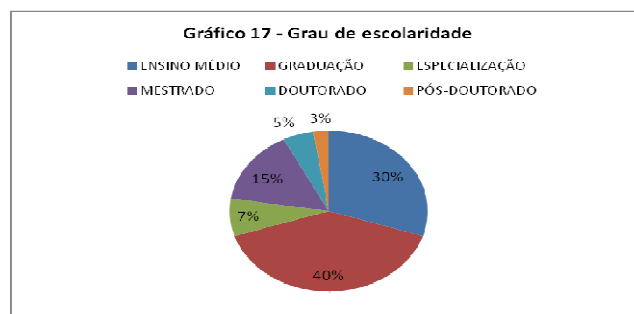
O fogo de conselho é o ponto máximo do acampamento. É um ponto que a gente apresenta várias peças teatrais, danças, dependendo do tema do acampamento, e eu acho que é um ponto de reflexão, sobre a nossa atuação enquanto escoteiro, sobre a atuação do chefe. É um ponto de se pensar o acampamento, como as atividades estão se desenvolvendo, eu acho que é um pouco disso que Baden-Powell quis passar pra gente (C. SANTOS, 2011).

O item “lembranças marcantes” por certo foi o mais marcante também para mim, entrevistador, por uma razão bem simples: solicitar às pessoas que narrem fatos marcantes em determinadas etapas de suas vidas é pedir para que, usando a metáfora do baú, “revirem” aquilo que há lá no fundo, guardado, empoeirado e talvez esquecido, não “mexido” ou há muito não “remexido” (grifo nosso). E narrar lembranças marcantes do Escotismo, para quem foi ou é escoteiro, não é diferente, uma vez que “[...] Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes, fragmentos que ficariam esquecidos no tempo” (NOGUEIRA *et al*, 2008, p. 170).

Esta foi a parte mais desafiadora da entrevista, primeiro porque foi a mais emocionante: não raro, ao narrar momentos que marcaram alegrias, tristezas e saudosismo, os entrevistados vinham às lágrimas. Segundo, porque entrou em cena o meu desafio de pesquisador: ser “frio” sem demonstrar indiferença e “emocionar-me” sem deixar tomar-me pela emoção provocada “pelo outro.” Um exemplo claro foi o depoimento de **Denise** Carvalho do Nascimento Moreno, que foi às lágrimas, ao narrar a sua ida para a cidade de Brasília, financiada por uma amiga, fazer a última etapa do curso para chefes. Esta etapa revelou o quanto um movimento de educação extra-escolar, como é o caso do Escotismo, pode ser significativo para os que dele fazem ou fizeram parte.

Nível escolar e atuação profissional

O grau de escolaridade de um indivíduo quase sempre tem influência direta na sua profissão ou carreira profissional. Em tempos de globalização e tecnologias de ponta, quanto maior o nível de escolaridade de um indivíduo, maior a probabilidade de uma melhor colocação no mercado de trabalho.



Os dados do gráfico 17 demonstraram que os entrevistados têm, majoritariamente, formação em nível superior. Para este grupo, o reconhecimento/legitimação profissional

(local, regional, nacional e internacional) é mais notório. Sobre este argumento, Souza e Oliveira (2006) afirmam que

[...] o esforço do trabalhador para atingir maiores níveis de qualificação profissional possibilitaria ganhos tanto individuais quanto globais. Em termos pessoais, a educação do trabalhador representa mobilidade social e ganhos salariais; no nível macroeconômico, ela eleva a produtividade e o volume da produção total do país (SOUZA e OLIVEIRA, 2006, p. 212).

É o caso, por exemplo, dos entrevistados **Eduardo** Antônio Conde Garcia, **Jorge** Carvalho Nascimento e **Marcelito** Trindade Almeida, profissionais com nível superior na área docente, e com atuações em cargos diretivos importantes, a saber: Reitor da Universidade Federal de Sergipe (1984) – (Eduardo Antonio Conde Garcia); Secretário Municipal de Educação de Aracaju (1985 e 1997), Secretário de Governo (1998), Superintendente Estadual de Turismo e Secretário adjunto de Turismo (2007), Acessor de gabinete do Governador (2009) e Presidente da Serviços Gráficos de Sergipe (outrora Diário Oficial de Sergipe) (2011) – (Jorge Carvalho Nascimento); Coordenador do curso de História – Educação à distância – da Universidade Tiradentes (José Ricardo de Freitas); Diretor geral do Instituto Federal Baiano, *campus* de Teixeira de Freitas – BA (2010) – (Marcelito Trindade Almeida). Estes são exemplos típicos onde o nível de escolaridade (superior) está sempre presente nos currículos dos ingressantes para investidura nos citados cargos. No entanto, para além da escolaridade, Baden-Powell fez uma colocação pertinente aos fundamentos do Escotismo, ao referir-se sobre cargos diretivos ou cargos altos:

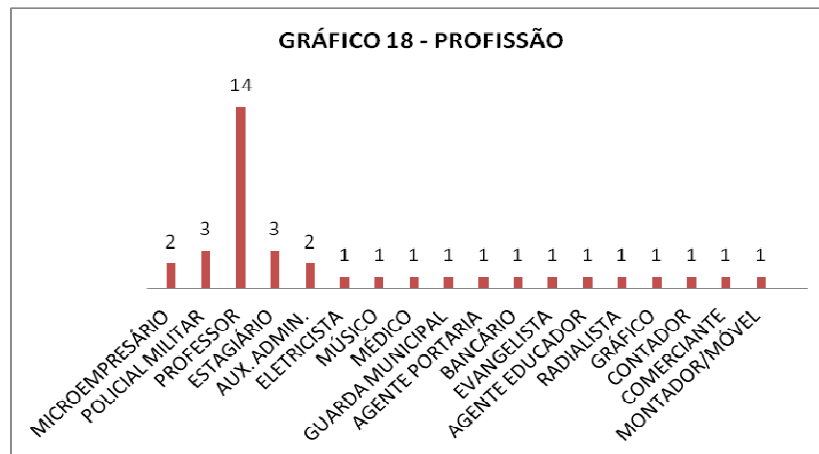
O conhecimento e a experiência do trabalho são levados em conta, mas para uma promoção aos cargos mais altos é essencial caráter, isto é, ser totalmente digno de confiança, ter um absoluto tato, e ter uma energia inesgotável de trabalho. Isto se aplica praticamente a qualquer negócio ou profissão (POWELL, 1984, p. 150).

No que diz respeito àqueles que têm o ensino médio como grau de escolaridade, o que equivale a doze entrevistados, a maioria vislumbra cursar o nível superior e, ainda que não tenham assumido cargos diretivos de destaque na esfera profissional pública ou privada, todos têm sua independência profissional, sejam autônomos ou não. Dentre eles, embora o

cargo não se enquadre na esfera profissional, ressalto o nome de **Roberto** Lima Silva, atual presidente da Região Escoteira de Sergipe.

Ao analisar os dados do gráfico 17, verifiquei que a maioria absoluta dos entrevistados galgou níveis de escolaridade que refletem uma seleta distinção em relação à totalidade da população brasileira, e à Região Nordeste em particular. Conforme apontam os dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos últimos dez anos houve um aumento, na Região Nordeste, de 2,3% para 4,7%, daqueles que têm nível superior, o que representa mais de 100% de aumento. Em um universo cuja população nordestina é de 51.871.449, estar entre os 4,7%, isto é, entre os 2.437.958 indivíduos daquele total, significa compor uma parcela “diferenciada” da população (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012).

Baden-Powell não fez referência, em suas obras, ao empenho que o membro juvenil de Escotismo deve ter para atingir o maior nível possível nos estudos ou buscar a formação de nível superior como obrigatoriedade para ascensão em sua vida. Fez referência, na verdade, ao estímulo do desenvolvimento da autonomia para buscar adquirir conhecimentos e valores necessários à formação de um cidadão, consciente de seus direitos e deveres. Conhecimentos e valores úteis aos distintos tipos de trabalhos, necessitem eles de formação educacional superior ou não.



Quanto à ocupação profissional, o gráfico 18 revelou que a categoria mais homogênea, com catorze entrevistados, foi a de professor, englobando as esferas municipal, estadual, federal e privada. Destes, cinco atuam no ensino universitário, dois no ensino básico e tecnológico (Institutos Federais), cinco atuam na educação básica (estadual ou municipal) e um na rede privada. Todos os entrevistados estavam empregados e legitimados em suas funções profissionais ou iniciando este processo. A autoeducação para o mundo do trabalho,

também, é uma das vertentes do Escotismo (POWELL, 1984). Ou seja, a responsabilidade, a disciplina, a liderança e a obediência são valores apreendidos na formação educativa escoteira e necessários ao mundo do trabalho.

Além dos valores ético-morais incentivados a serem desenvolvidos pelos jovens, no presente e no futuro (inclusive o profissional), como lealdade, cortesia, bondade, amizade, disciplina, sustentabilidade, espiritualidade e higiene, há o incentivo ao desenvolvimento de técnicas, comumente empregados nos acampamentos, ao ar livre (POWELL, 2006). Essas técnicas, cujas atividades direcionam o jovem escoteiro ou sênior a serem especialistas em distintas áreas do conhecimento, muitas ligadas ao mundo do trabalho, como por exemplo: especialidades de cozinheiro, de primeiros socorros, de atleta, de amigos dos animais, dentre tantas outras, como ressalta **Eduardo** Antonio Conde Garcia, que conquistou especialidades:

Prestei provas de enfermeiro, eu tinha o distintivo de habilidade de enfermagem, o que já despontou a minha vocação para o campo da Medicina, que de fato acabei me formando em Medicina tempos depois e, enfim, várias provas de especialidades que aprendíamos [...] (GARCIA, 2012).

Além das especialidades, os integrantes do movimento escoteiro aprendem outros tipos de conhecimentos como, por exemplo, os diversos tipos de nós, utilizando cordas dos mais diferentes tamanhos e diâmetros. Os nós escoteiros são utilizados principalmente nos acampamentos, onde são construídas as pioneiras (mesas, bancos, cadeiras e suportes construídos com madeira e amarrados com nós específicos), necessárias à realização das outras atividades. Embora possa parecer coisa simples, um nó pode salvar uma vida. Baden-Powell foi bem direto quanto à habilidade de fazer nós: “Todo Escoteiro deve ser capaz de fazer nós. Fazer um nó parece uma coisa simples, entretanto, há maneiras certas e erradas de fazê-los, e os Escoteiros devem saber qual a maneira certa. De um nó bem feito pode depender uma vida” (POWELL, 2006, p. 113). A aprendizagem e o manuseio dos nós escoteiros também podem ter sua funcionalidade no mundo do trabalho, como enfatiza, novamente, Eduardo Antonio Conde Garcia:

[...] até hoje utilizo conhecimentos que aprendi no Escotismo, como os diversos tipos de nós que me foram extremamente interessantes... porque depois eu me formei em Medicina e fui cirurgião geral, fiz também cirurgia vascular, e aproveitei meu **adestramento** com nós que aprendi no Escotismo para usar nas habilidades de

cirurgião, naturalmente incorporando os nós cirúrgicos, que é uma outra família de laçadas que se usa normalmente em cirurgias (GARCIA, 2012, grifo nosso).



Figura 11: Nós Direito, Escota e Pescador. Fonte: Baden-Powell (2006)

O entendimento de adestramento a que se refere **Eduardo** Antonio Conde Garcia é correlato à década de 1950, época em que foi escoteiro, e, portanto, diferente do entendimento que se tem hoje do termo. Para corroborar esta ideia, evoco **Denise** Carvalho Garcia Moreno, a qual frisou: “[...] naquela época se entendia que adestramento era uma forma de educar, não tinha o sentido pejorativo que ele tem hoje, de adestrar animais, de colocar em ordem, de fazer a coisa assim tão limitada” (MORENO, 2012).

Ao se referir a este tipo de habilidade que adquiriu nas experiências que teve enquanto escoteiro, Eduardo Conde Garcia nos revela que construiu um tipo de habilidade que, no campo da aprendizagem motora, denomina-se habilidade motora fina, muito desenvolvida no ambiente escolar, especialmente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Estas habilidades requerem bastante precisão, envolvendo geralmente as mãos e requisitando músculos pequenos quando acionadas. PELLEGRINI et al. (s/d) ressalta que o contexto da aprendizagem é muito importante para que haja aquisição dessas habilidades. Embora o espaço escolar seja um espaço muito utilizado para desenvolver este tipo de habilidade, vimos pelo exemplo citado por **Eduardo** Conde Garcia que o Escotismo, como forma de educação extra-escolar (THOMÉ, 2006), também é um espaço de aprendizagens úteis à vida em sociedade. Assim como ele, outros entrevistados evocaram os aprendizados, a exemplo de **Aldenise** Cordeiro dos Santos:

O Escotismo me deixou muito curiosa e criativa, me possibilitou ser curiosa e criativa. Essa curiosidade eu trago hoje como pesquisadora [do Mestrado em

Educação], por exemplo. Desde cozinhar uma coisa básica, fui aprendendo os temperos, as comidas, hoje em dia eu estou super bem na cozinha. Embora eu tivesse meus pais pra cozinhar, eles nunca pararam para me ensinar a fazer um arroz. Eu aprendi no Escotismo, e experimentando. Então nessas experiências, nessas vivências do Escotismo eu ia levando pra minha vida. Por exemplo, arrumar a mala. Arrumar a mala era uma coisa! Hoje em dia eu faço as coisas, arrumo tudo direitinho e tal, aí todo mundo diz: Ah, só podia ser escoteira! Outra coisa é primeiros socorros. Outro dia um lobinho meu foi abaixar a cabeça e outro lobinho foi abaixar também, aí o dente dela bateu na testa dele e foi sangue pra todo lado e todo mundo meio que desesperado, e eu dizendo ‘calma gente, vamos estancar o sangue, vamos lavar, fazer um curativo, um falso curativo’. Mas isso eu aprendi lá [no Escotismo]. A gente aprende essas coisas pra que, caso ocorra, a gente esteja pronto pra fazer! (C. SANTOS, 2011).

Em relação à aprendizagem dos conhecimentos construídos no movimento escoteiro e utilizados no mundo do trabalho, julguei pertinente o depoimento de **Denise Carvalho do Nascimento Moreno**, quando esta disse que: “[...] fui entendendo que a coletividade nos dava uma gama de conhecimentos muito grande sobre o relacionamento humano e tudo isso eu penso que foi o movimento escoteiro que me veio trazendo”. E afirmou ainda:

Fui assimilando algumas coisas que hoje eu vejo refletida na minha vida profissional. Quando, mais tarde, eu dirigi algumas escolas, meus alunos falavam assim: “Lá vem o general!”. Ou diziam: “É porque ela foi escoteira, por isso dá ordens desse jeito!”. [...] Eu sempre soube que na minha **vida profissional** eu trazia uma bagagem muito significativa do movimento escoteiro. Eu sempre achei que isso era um diferencial das outras pessoas, por conta do que eu trouxe do movimento escoteiro (MORENO, 2012, grifo nosso).

As demais profissões discriminadas no gráfico 18 somaram 41%, porém, diferentes umas das outras, não formando grupos homogêneos, como foi o caso específico da profissão de professor, por exemplo. Importa ressaltar, excetuando-se três entrevistados que somente estudam e ainda moram e dependem financeiramente dos pais, nenhum dos outros trinta e oito entrevistados afirmou não ter ocupação profissional. Este é um dado importante, uma vez que, no ano de 2008, o Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda apontou que em Sergipe havia cerca de cem mil desempregados, o que correspondia a uma taxa de 9% da população economicamente ativa (SISTEMA PÚBLICO DE EMPREGO, TRABALHO E RENDA, 2012).

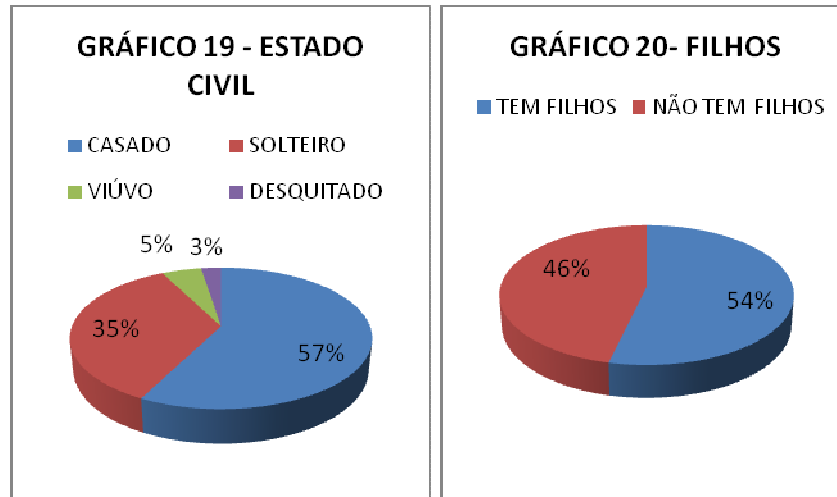
Dados mais atuais, do ano de 2010, retratam que Sergipe tinha um número de

empregos formais de 369.579, o que corresponde a 0,8% proporcionalmente ao Brasil como um todo. O fato de um grupo de trinta e oito indivíduos, heterogêneo no tocante à idade – 18 a 68 anos – e homogêneo, ao ter algo em comum – foram escoteiros – não estar incluído nos primeiros dados (desempregados), mas estarem incluídos nos segundos dados (empregos formais) é um ponto relevante creditado aos entrevistados, em particular, e ao Escotismo de forma geral.

Dos quarenta e um entrevistados, dez acabaram por escolher a mesma profissão de um de seus pais, o que correspondeu a 24,4%. É o caso de **Amanda** Carolina S. Santana (professora); **Eduardo** Conde Garcia (médico e professor universitário); **Jameson** Ricardo S. Santana (professor); **Luiz Alberto** Morato (bancário); **Sergio** Antonio Pitanga (professor) e **Tiago** Vinicius Alves dos Santos (autônomo), que seguiram a profissão dos pais. Já aqueles que seguiram a profissão de suas mães foram: **André** Augusto Andrade (professor); **Denise** Carvalho do N. Moreno (professora); **Jorge** Carvalho Nascimento (professor) e **Odilon** Cabral Machado (professor). Esses dados mostram que de alguma forma os pais ainda são referência ou contribuem na escolha da profissão dos filhos. No caso do Escotismo, filhos cujos pais foram chefes acabaram aderindo ao movimento. Se viam no pai ou na mãe (ou em ambos) o modelo da responsabilidade e liderança no seio familiar, certamente atribuíam estas imagens ao pai-chefe ou à mãe-chefe, conseqüentemente despertando a vontade de seguir o modelo de seus pais, entrando para o movimento escoteiro.

Estado civil e religião

Em sua obra “Caminho para o sucesso”, Baden-Powell abordou com muita franqueza temas pertinentes à religião, entre as quais: a irreligião, o conhecimento da natureza, o ser humano e o divino. Falou também sobre as responsabilidades do jovem ao escolher uma moça para se casar, sobre a importância de manter um casamento feliz e duradouro, bem como emitiu opiniões sobre as responsabilidades em criar filhos. Obviamente dirigiu seus pensamentos e suas observações, principalmente, aos membros do movimento escoteiro.



De acordo com o gráfico 19, a maior parte dos entrevistados é casada. A maioria deles também tem filhos, conforme nos mostra o gráfico 20. Embora tenha casado tarde, aos cinquenta e cinco anos, Baden-Powell, fundador do Escotismo, sempre prezou pela constituição da família e não se omitiu em dizer o que pensava sobre a escolha da futura esposa para um homem, sobre os deveres do homem ao se casar e sobre as responsabilidades da paternidade. Em sua obra “Caminho para o sucesso” (1984), acredita que para atingir com sucesso as responsabilidades de ser pai, um homem deve considerar que:

Um grande passo nesta direção, e que está ao seu alcance como pai, é fazer de seu garoto um homem melhor do que você, ensinando-lhe tudo o que você sabe, o que deve almejar, e o que deve evitar. Ele vai precisar da ajuda de seus conselhos, muito especialmente quando se aproximar da Varonilidade. Pense no muito ou no pouco, que seu pai fez por você, e faça um pouco melhor por seu filho (POWELL, 1984, p. 153).

Alguns dos entrevistados casados e com filhos pequenos afirmaram que mal podem esperar para ver seus pupilos como lobinhos, a exemplo de Carlos Alberto Nascimento, Tiago Vinicius Alves dos Santos e Sergio Antonio Pitanga, embora não fossem inquiridos sobre isso. Coincidentemente, descobri no decorrer das narrativas que os conjugues de alguns entrevistados também são do movimento escoteiro. Curiosamente, Baden-Powell também teceu considerações a esse respeito, vendo com “bons olhos” a união entre dois membros do Escotismo. A este respeito, sua opinião era a seguinte:

Considero isto muito promissor. As esposas escolhidas desse modo podem ser melhores companheiras, porque possuem o mesmo entusiasmo pelo campismo e a

vida ao ar livre, com toda a necessária habilidade e iniciativa, saúde e bom gênio que tal vida exige. Tenho certeza de que se mais tarde, depois de o rapaz que ficar noivo ter-se casado, fosse visitá-lo no seu lar, encontraria não só um lar feliz, mas um lar limpo; isto porque, tratando-se de acampadores, acostumados a deixar os locais de acampamento tão limpos como os encontraram, não iriam amontoar pilhas de latas, ferro velho e outras sujeiras que são a desgraça dos nossos quintais e terrenos baldios (POWELL, 1984, p. 150-151).

As palavras de Baden-Powell, acrescidas do tempo em que os membros do movimento escoteiro passam juntos, parecem ter surtido efeito e entusiasmado a união de membros do movimento escoteiro. Dentre os nossos entrevistados, **Denise** Carvalho Garcia Moreno, cujo conjugue também foi membro do movimento escoteiro, corrobora as palavras do fundador do Escotismo, ao comentar sobre a sua união conjugal:

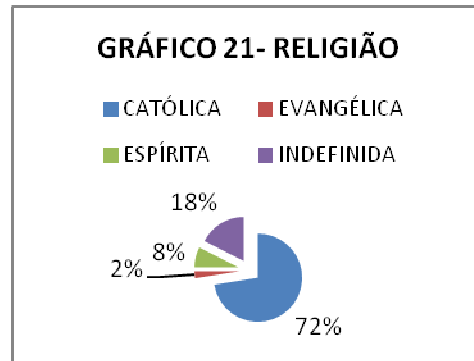
[...] Conheci chefe Garcia, com quem casei em 1986. Nós nos conhecemos e nos casamos fazendo parte do movimento escoteiro. Éramos assim dois loucos pelo Escotismo, apaixonados que não ligávamos pra mais nada além do movimento escoteiro. [...] Fui casada com Garcia durante dezessete anos e durante todo esse tempo nunca lavei uma cueca de Garcia e nem fiz uma bainha de calça dele porque ele aprendeu a fazer essas coisas. E a gente foi aprendendo a dividir as tarefas domésticas, administrar a casa juntos e isso a gente passou para nossa vida pessoal (MORENO, 2012).

Outro membro entrevistado que faz parte dessa estatística é **Sergio** Antonio Pitanga, casado e pai de dois filhos, narrou com entusiasmo o fruto de sua união matrimonial:

Minha primeira namorada foi no movimento escoteiro! Então veja, está tudo lá dentro [do movimento escoteiro]. É curioso como a minha vida se entrelaçou com a vida do movimento escoteiro... Falando de amores, a minha primeira noiva, conheci aonde? No movimento escoteiro! A pessoa com quem estou casado conheci aonde? No movimento escoteiro! Você vê como o movimento escoteiro foi me dando esses retornos, sempre constantes, sempre presentes (PITANGA, 2011).

Dentre os solteiros, 35% dos entrevistados, embora não tenha sido perguntado, constatei que uma delas tem o parceiro pertencente ao movimento escoteiro, embora sejam de grupos diferentes, como aconteceu com **Denise** Carvalho Garcia Moreno e seu companheiro, chefe Garcia, antes de se casar. O fato de uma parcela razoável dos entrevistados serem solteiros deve-se, provavelmente, ao fato de ainda serem muito jovens, alguns ainda iniciando

as trajetórias acadêmica e profissional. Casados, solteiros, viúvos ou desquitados, os entrevistados parecem ter compreendido os pensamentos de Baden-Powell, seja na busca de constituir uma família ou aplicar competências para administrá-la o melhor possível.

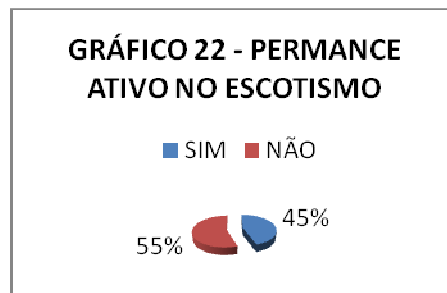


Os dados do gráfico 21 revelaram que a maioria absoluta dos entrevistados é católica. Em seguida, vêm aqueles que afirmaram não terem religião definida. Destes, nenhum confirmou ser ateu. Uma minoria é espírita e apenas um entrevistado disse ser evangélico. Baden-Powell frisou a importância de o membro escoteiro ter seus deveres para com Deus, inclusive estando este dever contido na Promessa Escoteira: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir com meu dever para com Deus e a minha pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião, obedecer à Lei do Escoteiro” (POWELL, 2006, p. 24). Não fez apologia a uma religião específica, mas foi contundente ao firmar sua oposição ao ateísmo, ao dizer: “O lado negro desta rocha é o perigo do ateísmo e da irreligião. O lado iluminado é a compreensão e o conhecimento de Deus e a prática do serviço aos irmãos-homens. Para isso o estudo da Natureza dá um auxílio direto” (POWELL, 1984, p. 205). Como já mencionado, embora haja 18% dos entrevistados que afirmaram não terem religião definida, isso não significou distanciamento ou não reconhecimento dos deveres para com Deus, como corroborou **Jorge** Carvalho do Nascimento: “[...] eu não sou ligado a nenhuma igreja, mas tenho a clareza exata do papel que a fé exerce na vida dos homens” (NASCIMENTO, 2011). Todos os outros entrevistados, de acordo com os dados, seguem as orientações de Baden-Powell desde a época de membros juvenis do Escotismo.

Permanência ativa no movimento escoteiro

Alguns são os motivos que podem influenciar na resposta a este item, pois perpassam pela dedicação às atividades profissionais e/ou acadêmicas e familiares, bem como

à inexistência ou localização geográfica dos grupos escoteiros, dentre outros motivos possíveis.



Observando os números contidos no gráfico 22, é possível verificar uma aproximação e/ou equilíbrio entre os que permanecem ou não permanecem ativamente no movimento escoteiro. Participar ativamente significa fazer parte de atividades que envolvem o cotidiano escoteiro: reuniões e assembleias de grupo ou de região escoteira, congressos, cursos e acampamentos, dentre outros. A disponibilidade dos entrevistados para atuação no movimento escoteiro pode variar bastante em função de motivos já elencados anteriormente. E esta variação, por certo, interfere na quantidade de eventos que se pode participar e que configuram o cotidiano escoteiro ou mesmo impedir, por completo, a atuação do indivíduo.

Ao olharmos os dados pela ótica do mundo moderno, onde as pessoas correm freneticamente para trabalhar (às vezes com dois ou três empregos) e estudar (exigência cada vez maior do mercado de trabalho), é possível compreender que o número de entrevistados que continuam ativos no movimento escoteiro, 41%, é relativamente alto, face ao exposto e também porque o Escotismo, já revelado, é essencialmente voluntário. Indicador de que fazem sacrifícios para isso porque acreditam que é recompensador o tempo e os esforços demandados em prol de uma educação “diferente” de crianças e adolescentes, como definiu o entrevistado **Jailton** Martins Santos, ao se referir sobre o que aprendeu no Escotismo (M. SANTOS, 2012).

Assim, os dados deste capítulo nos forneceram elementos que permitissem identificar os perfis de membros do movimento escoteiro sergipano e as principais etapas do conjunto que abarcou os itinerários de vida, configurando o método prosopográfico de Charle (2006). A seguir, apresento as análises dos dados aqui revelados.

CAPÍTULO III – AS MARCAS DA FORMAÇÃO EDUCATIVA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO SERGIPANO: UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO?

“Você é escoteiro não só no sábado ou no domingo. Você é escoteiro todos os dias, porque no sábado e no domingo você é escoteiro uniformizado e durante os outros dias você é escoteiro durante suas ações”. (PITANGA, 2011).

O depoimento de **Sergio** Antonio Pitanga responde, de forma individual, à pergunta que dá título a este último capítulo. Contudo, como o método que norteou esta pesquisa foi o prosopográfico (CHARLE, 2006), é o perfil de conjunto que se revela primordial para compreender a configuração do “coletivo”, através do “produto” gerado. Colocar em evidência o singular serve para salientar o plural, como é o caso da citação acima. A partir do depoimento de Pitanga, dou início à etapa final do estudo, qual seja, as análises sobre a formação educativa do movimento escoteiro sergipano e suas possíveis ligações com as distintas etapas das trajetórias de vidas investigadas, mediadas pelos conceitos análise eleitos “Educação não-formal” de Coombs e Ahmed (1977 apud INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS, 1980) e “apropriação”, de Chartier (1990).

O que busquei com a escuta das trajetórias de vida dos 41 entrevistados foi identificar como e de que forma os ideais de Baden-Powell foram apropriados pelos membros do movimento escoteiro sergipano. Foi ouvindo-os que pude captar a atmosfera que os envolvia e os envolve quando o assunto é Escotismo. Foi perguntando que entendi como eles se compuseram, bem como ao movimento. Foi entendendo os seus silêncios e esquecimentos que adentrei no que de significativo foi o movimento escoteiro para cada um daqueles que foram/são escoteiros. Foi assim, ou seja, escutando as lembranças e os olvidos que identifiquei as marcas, tão bem fincadas do movimento criado por Baden-Powell. Deste mosaico, compreendi que “[...] o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual revela-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade” (SOUZA, 2008, p. 90).

Foi atendendo ao “alerta” aquele que ao ser ouvido, representa um chamado que os “lobinhos, escoteiros, seniores e pioneiros” falaram de si e do movimento e cujas essências

aqui exponho na tentativa de revelá-las como fruto de uma educação extra-escolar que, somada à escolar, não só compõe suas vidas mas as orienta e os fazem “sempre alerta” ao que de ruim/mal/perigoso/desconhecido possa surgir.

Sobre suas vidas e participações no movimento escoteiro, exponho tais sínteses:

Adrian Santos Araujo – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nascido na cidade de Salvador – BA em 24 de outubro de 1987, 24 anos de idade, é filho de José Eraldo Araujo dos Santos, representante comercial, e Claudiana Santos Araujo, dedicada ao lar. Entrou para o movimento escoteiro no ano de 1997, influenciado pelo pai, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, da cidade de Aracaju, cujo chefe é José Orlando dos Santos. Foi lobinho, escoteiro, sênior e pioneiro, e exerceu a função de monitor nos ramos escoteiro e sênior. Como escoteiro, galgou o nível de Segunda Classe e, como sênior, atingiu o nível Eficiência Um. Sobre o cotidiano no movimento escoteiro afirma ter aprendido técnicas de salvamento e de sobrevivência no campo, primeiros socorros, além de responsabilidade, dignidade e a ser “uma pessoa melhor”. Considerou que os elogios que recebeu, bem como os ensinamentos no Escotismo, foram prêmios. Não se recorda de ter sofrido castigos ou punições no movimento escoteiro. Influenciou o irmão a entrar para o mesmo grupo escoteiro e teve como lembrança mais marcante as amizades que construiu no Escotismo, por se tornarem duradouras. Lamenta não ter tempo disponível para participar mais ativamente do movimento escoteiro, em função de suas atribuições profissionais e acadêmicas. Católico, solteiro e sem filhos, cursa Economia e trabalha como auxiliar administrativo.

Adriano Santos Araujo – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Irmão do também escoteiro Adrian Santos Araujo, nasceu em 01 de julho de 1982, também na capital baiana. Entrou para o movimento escoteiro no mesmo ano que Adrian, em 1997, influenciado pelo pai e pelo irmão, no mesmo “Grupo Escoteiro Baden-Powell” de Aracaju. Por causa da idade, entrou como sênior e foi ainda pioneiro e escotista. Foi submonitor na sua patrulha sênior e atuou como escotista voluntário no ramo lobinho. Galgou o primeiro nível como sênior, o estágio probatório. Sobre o cotidiano no movimento escoteiro afirma ter aprendido falar em público, a ter opinião crítica, liderança, realizar trabalhos em grupo e ajudar o próximo. Considerou que os elogios que recebeu no Escotismo foram prêmios e não se recordou de ter sofrido castigos ou punições no movimento escoteiro. Influenciou alguns amigos a entrarem para o mesmo grupo escoteiro e teve como lembrança mais marcante as amizades que construiu no Escotismo e os acampamentos que participou. Não considerou que teve fracassos ou frustrações ligados ao movimento escoteiro. Aprendeu a superar a timidez e considerou isso uma vitória creditada ao Escotismo. Católico, solteiro e sem filhos, completou o ensino médio e hoje cursa Técnico em Segurança do Trabalho, além de trabalhar como auxiliar administrativo.

Aldenise Cordeiro Santos – Grupo Escoteiro Uirapuru



Nascida na cidade de Aracaju, em 29 de março de 1988, é filha de Carlos Alberto Santos, motorista da Secretaria da Saúde, e Maria Valdenice Cordeiro Santos, dedicada ao lar. Entrou para o movimento escoteiro em 1998, no então “Grupo Escoteiro Universal”, hoje “Grupo Escoteiro Uirapuru”, sob o comando de Carlos Alberto Nascimento. Entrou como escoteira, foi guia, pioneira e atualmente é escotista do ramo lobinho. Como escoteira, galgou o nível mais alto do ramo, o Lis de Ouro, sendo a primeira mulher do movimento escoteiro sergipano a conquistar este título. Sobre o cotidiano no movimento escoteiro, afirma ter

aprendido valores morais, patriotismo, ajudar o próximo, autogoverno, aguçar a curiosidade, criatividade, gosto pela aventura, jogar xadrez, costurar e fazer pioneira. Considerou os elogios recebidos como prêmios e não se recordou de ter sofrido castigos ou punições no movimento escoteiro. Teve como lembrança mais marcante a conquista do título Escoteira Lis de Ouro. Sua frustração foi não ter sido lobinha, em virtude da idade. Acredita em Deus, está solteira e não tem filhos. Licenciada em História, faz mestrado em Educação, sendo professora da educação básica.

Alexandre José Castro de Araujo – Grupo Escoteiro Baden-Powell

Natural de Recife – PE, nasceu em 10 de janeiro de 1978. Filho de pai comerciante e mãe assistente social do Instituto Nacional do Serviço Social (INSS) entrou para o movimento escoteiro em 12 de maio de 1990, no “Grupo Escoteiro Murilo Braga” de Aracaju. Fez parte ainda do “Grupo Escoteiro Ibis”, no estado de Alagoas, e posteriormente do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” de Aracaju, onde permanece atualmente. Foi escoteiro, sênior, pioneiro e escotista. Exerceu a função de monitor escoteiro e galgou o grau máximo, Lis de Ouro. Como sênior atingiu o grau Eficiência Um e fez o curso preliminar para chefe. Formação de caráter e responsabilidade foi o que afirma ter aprendido no Escotismo. Considerou que os elogios que recebeu no escotismo foram prêmios e não se recordou de ter sofrido castigos ou punições no movimento escoteiro. Suas lembranças mais marcantes são os acampamentos internacionais que participou nos países do Chile, Bolívia e Inglaterra. Influenciou os filhos de seus primos a entrarem para o movimento escoteiro. Católico, solteiro e sem filhos, possui graduação e pós-graduação em Direito e atualmente exerce a função de analista judiciário do Tribunal Regional de Alagoas.

Amanda Carolina dos Santos Santana – Grupo Escoteiro Boca da Mata

Nascida em Aracaju no dia 14 de abril de 1987, filha de Joel Santana, professor, e Maurina dos Santos Santana, dedicada ao lar, entrou para o Escotismo no ano de 1994 no “Grupo Escoteiro Boca da Mata”, da cidade de Nossa Senhora da Glória, sob o comando do chefe Ruseo. Foi lobinha e entrou por influência de amigas que já eram do

movimento. A boa ação diária foi o que aprendeu a fazer enquanto lobinha. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição. Os acampamentos e as reuniões do grupo, estas aos sábados, aconteciam na praça pública da cidade e são as lembranças mais marcantes que carrega consigo. Católica, solteira e sem filhos, faz o curso de Dança pela Universidade Federal de Sergipe e trabalha como professora na mesma área.

Ana Carolina Oliveira Santos – Grupo Escoteiro Caio Viana Martins

Nasceu na cidade de Gararu-SE no dia 11 de fevereiro de 1994. Filha de pai eletricitista e mãe técnica em enfermagem, Ana foi a entrevistada que mais recentemente entrou para o movimento escoteiro, em 2009, no “Grupo Escoteiro Caio Vianna Martins”, de Aracaju, sob o comando dos chefes Junior e Williams. Foi seduzida para o Escotismo por conta de amigos que viviam falando o quão bom era estar no movimento escoteiro. Foi escoteira, guia e atualmente está como escotista voluntária. Teve a experiência de ser submonitora e monitora de patrulha e galgou os níveis de Eficiência no ramo sênior. Aprendeu com o Escotismo a lidar com vida de forma mais responsável e considerou que a participação no movimento lhe trouxe como prêmios os amigos e irmãos escoteiros. Com relação às vitórias e fracassos, diz que o Escotismo lhe ensinou a comemorar as vitórias e aprender e evoluir com os fracassos. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e considera que os acampamentos com suas noites longas e animadas são as lembranças marcantes do Escotismo. Católica, solteira e sem filhos, cursa o último ano do ensino médio e trabalha como estagiária do Tribunal de Justiça de Sergipe.

André Augusto Andrade – Grupo Escoteiro Silvio Romero

Natural de Maceió – AL, nasceu no dia 07 de fevereiro de 1978. Filho de José Luiz Andrade, militar aposentado do exército e professor, e Maria José da Conceição Andrade, professora, entrou para o movimento escoteiro no final da década de 1980 no “Grupo Escoteiro Silvio Romero” da cidade de Lagarto. Foi do ramo escoteiro e exerceu a função de submonitor, aprendendo no Escotismo valores como honestidade, fazer o bem, ajudar o próximo, além de ter aprendido técnicas de sobrevivência em campo, localização

espacial e segurança no que faz. Recordou-se que sofreu algum tipo de punição do tipo fazer flexão de braço e uma frustração que teve foi não conseguir apresentar a patrulha ao chefe escoteiro. Os acampamentos foram as suas lembranças mais marcantes. Católico, casado e com uma filha, tem graduação em Educação Física e faz mestrado em Educação, além de atuar como professor da educação básica e da educação superior.

Ancelmo Melquíades dos Santos – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Nasceu em 15 de julho de 1974, na cidade de Amparo do São Francisco – SE. Filho de Lídio Bispo dos Santos, carteiro, e Iolanda Melquíades do Nascimento, funcionária pública estadual aposentada. Entrou para o movimento escoteiro no final da década de 80, na cidade de Propriá, após receber o convite, na escola onde estudava, de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro e sênior, exercendo as funções de submonitor e monitor da patrulha gavião e submonitor sênior. Galgou o nível de Segunda Classe enquanto escoteiro e afirma ter aprendido valores como disciplina, autogoverno, formação de caráter, laços de amizade duradouros, a cozinhar e noções de primeiros socorros. Quanto aos elogios que recebeu, considera-os como prêmios e não se recorda de ter sofrido castigo ou punição no Escotismo. As lembranças mais marcantes são os acampamentos, os fogos de conselho, os laços de amizade e a liderança como monitor. Credita ao movimento escoteiro a redução de sua timidez e considera isso uma vitória pessoal. Católico, solteiro e sem filhos, tem o ensino médio completo e trabalha como montador de móveis.

Carlos Alberto Nascimento – Grupo Escoteiro Murilo Braga, Grupo Escoteiro Baden-Powell e Grupo Escoteiro Uirapuru



Natural de Aracaju – SE, nasceu no dia 24 de agosto de 1963. Filho de pai microempresário do ramo de material de construção e mãe professora de corte e costura, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1976, no “Grupo Escoteiro Murilo Braga” de Aracaju, sob o comando de Adalberto Rodrigues, o chefe Adalberto. Entrou para o movimento escoteiro após entusiasmar-se com a leitura de “Escotismo para rapazes”, na casa de um tio. Iniciou como escoteiro e seguiu como sênior, pioneiro, escotista e chefe do “Grupo Escoteiro Uirapuru.” Galgou os níveis de escoteiro Primeira Classe, sênior Escoteiro da Pátria (não registrado, segundo ele) e pioneiro Insígnia de B-P. Em 1979, por conta de uma dissidência, saiu do “Grupo Murilo Braga” junto com outros membros escoteiros e fundou um novo grupo, o “Baden-Powell”. Já como adulto, saiu do “Grupo Baden-Powell” e fundou o “Grupo Escoteiro Universal”, que mais tarde mudaria para o nome para “Grupo Escoteiro Uirapuru”. Como aprendizagem do cotidiano escoteiro adotou a Lei Escoteira na sua vida, especialmente a lealdade. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e considera que a superação de sua timidez e o ganho de autonomia são vitórias que atribui ao Escotismo. Influenciou colegas e a própria irmã a entrarem para o movimento escoteiro. Afirmou que suas lembranças mais marcantes foram a Promessa Escoteira, o Jamboree Mundial no Chile, a conquista da patrulha raposa do “Grupo Uirapuru” em um ELO²⁵ regional na cidade de Estância e a conquista do título de Insígnia da Madeira. Católico não praticante, casado e pai de uma filha, tem graduação em Direito e mestrado em Gestão de Políticas Culturais e Desenvolvimento. Atualmente atua profissionalmente na Coordenação de Marketing da Secretaria de Turismo do Estado.

Denise Carvalho do Nascimento Moreno – Grupo Escoteiro Duque de Caxias (SE), Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré (BA)

²⁵ Acampamento regional cuja sigla significa Escoteiros locais em organização.

Nasceu em Aracaju no dia 07 de março de 1962. Filha de Antonio Ferreira do Nascimento, militar do Exército, e Maria Ivanda Carvalho do Nascimento, professora, entrou para o Escotismo em 1978, quando seus pais faziam parte da diretoria do “Grupo Escoteiro Duque de Caxias” da cidade de Aracaju, sendo seus pais membros fundadores do grupo junto com o “Frei Juvenal.” Entrou oficialmente para o grupo como assistente de alcateia dos lobinhos, embora viesse acompanhando as atividades desde a época da adolescência e, conforme disse, não havia ainda meninas no movimento escoteiro, fato que somente foi acontecer na primeira metade da década de 80. Galgou o nível máximo dos cursos para chefe, o título de Insígnia da Madeira, sendo a primeira mulher do movimento escoteiro sergipano a conquistar esta etapa, como também a primeira mulher a ser chefe de um grupo escoteiro em Sergipe, fatos que se tornaram marcantes em sua memória. Do cotidiano escoteiro trouxe a aprendizagem da amizade e da responsabilidade, creditando ao Escotismo a vitória de ter superado gradativamente a timidez que possuía. Uma frustração vivida no movimento escoteiro foi quando recebeu o título de chefe Insígnia da Madeira na cidade de Brasília, longe do marido, chefe Garcia, do Chefe Carlos, do seu grupo e do Chefe Roque que a acompanhou na sua trajetória escoteira, além dos seus familiares, uma vez que toda a família fazia parte do Escotismo. Acredita que ter sido uma das primeiras mulheres no movimento escoteiro sergipano, influenciou diretamente outras mulheres a querer conhecer o Escotismo. De religião indefinida, viúva, mãe de dois filhos, tem curso de nível superior em Pedagogia e pós-graduação em Educação Especial. Professora, atualmente está requisitada para a Secretaria Municipal de Educação de Aracaju.

Edinaldo Oliveira Melo – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista



Natural da cidade de Propriá, nasceu no dia 20 de julho de 1974. Filho de pai comerciante e mãe dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro em 1988 no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, na cidade de Propriá-SE, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Entrou no Escotismo pela curiosidade, pois viu os colegas participando do grupo. Foi escoteiro da patrulha “Falcão”, onde exerceu a função de monitor e atingiu o nível de Segunda Classe, e também foi sênior. Aprendeu no cotidiano do movimento escoteiro conhecimentos técnicos e boa educação. Não sofreu castigos ou

punições, mas recordou-se de algumas repreensões verbais dadas pelo chefe. Chegou a convidar vários colegas para fazer parte do grupo e a grande frustração que sofreu foi ver o seu grupo escoteiro acabar após a saída prematura do chefe Furtado. As lembranças marcantes que tem são o dia em que fez a Promessa, os acampamentos e os acantonamentos. Católico, casado, pai de dois filhos, cursou o ensino médio, é músico e também funcionário público, onde exerce a função de vigilante.

Edson Lucas Monteiro Vieira – Grupo Escoteiro Baden-Powell

Nasceu em 03 de junho de 1990 na cidade de Aracaju – SE. Filho de Edson Vieira dos Santos, vendedor autônomo, e Maria do Carmo Monteiro Santos, funcionária pública estadual, entrou para o movimento escoteiro por convite de um primo escoteiro, em 2004, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell” de Aracaju. Entrou como escoteiro e seguiu sua trajetória como sênior, pioneiro e hoje é escotista. Foi submonitor e monitor escoteiro da patrulha “Búfalo”, onde atingiu o nível de Segunda Classe. Foi submonitor sênior da patrulha Aperipê. Não se recorda de ter sofrido nenhum castigo ou punição. Destacou do seu aprendizado no cotidiano escoteiro a influência do chefe escoteiro como pessoa íntegra, os conhecimentos técnicos, falar em público, ajudar o próximo diariamente e a formação de caráter. Incentivou amigos e familiares a entrarem para o movimento e como frustração guarda a lembrança de não ter galgado níveis maiores de graduação enquanto escoteiro. As lembranças marcantes apontam os acampamentos. Considera como vitórias pessoais atribuídas ao Escotismo: desenvoltura, não ter inimizades, respeito próprio e respeito ao próximo. Católico, solteiro e sem filhos, cursa Educação Física pela Universidade Tiradentes e ainda não exerce atividade profissional.

Eduardo Antonio Conde Garcia – Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo

Natural da cidade de Aracaju nasceu em 07 de julho de 1944. Filho de Antônio Garcia filho, médico e professor universitário, e Waldette Conde Garcia, do lar, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1959, no primeiro grupo de escoteiros fundado após a criação da Região Escoteira de Sergipe. O grupo em questão foi o “Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo”, sob o comando de Walter João Dantas, o chefe Walter, que foi pessoalmente na escola Jackson de Figueiredo fazer o convite aos alunos, dentre eles Eduardo Garcia, que se entusiasmou com a palestra e resolveu aceitar o convite. Segundo Eduardo, a juventude foi requisitada para o Escotismo basicamente nos colégios. Foi escoteiro da patrulha “Leão” e continuou sua trajetória até tornar-se chefe do referido grupo. Não se recorda de ter sofrido punição ou castigo enquanto escoteiro. Aprendeu habilidades manuais, entre elas os vários tipos de nós que mais tarde lhe foram úteis na vida profissional, bem como valores sociais. Das lembranças marcantes ficaram os acampamentos e as amizades, estas até hoje mantidas. Católico, casado e pai de dois filhos, formou-se em Medicina e conquistou o título de Doutor e PhD em Biofísica. Atua como médico e professor pesquisador da Universidade Federal de Sergipe, aonde chegou a ser Reitor no ano de 1984.

Elton Hugo Araujo Santos – Grupo Escoteiro Baden-Powell

Nasceu em Aracaju – SE, no dia 22 de março de 1992. Filho de pai técnico em informática e mãe dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro no ano de 2001, a convite de um primo escoteiro, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell de Aracaju”, sob o comando de Jose Orlando dos Santos, o chefe Orlando. Foi lobinho e escoteiro e exerceu as funções de primo, no lobinho, e submonitor escoteiro. Galgou o nível de lobinho Primeira Estrela. Das atividades do cotidiano escoteiro guardou como aprendizagem o melhor relacionamento com as pessoas e as atividades sociais realizadas. Não se recorda de ter sofrido punição ou castigo enquanto escoteiro e suas lembranças marcantes foram a promessa como lobinho e como escoteiro, o primeiro ELO Nacional como lobinho, o Jamboree Nacional como escoteiro e as amizades construídas. Credita ao movimento escoteiro a disciplina e o grau de competitividade que conquistou. Convenceu amigos e a irmã a entrarem para o Escotismo. Católico, solteiro e sem filhos, tem o curso de técnico em Química e cursa Química Industrial na Universidade Federal de Sergipe. Não desempenha atividade profissional no momento.

Felipe Nascimento Garcia Moreno – Grupo Escoteiro Duque de Caxias

Natural de Aracaju-SE nasceu em 19 de outubro de 1988. Filho de Anatólio Perez Garcia, autônomo, e Denise Carvalho do Nascimento Moreno, professora, ambos chefes escoteiros, Felipe entrou para o movimento escoteiro ainda na maternidade, quando seus pais lhe deram de presente um mini uniforme escoteiro. Desde então, cresceu no movimento escoteiro, sendo registrado oficialmente como lobinho aos sete anos, no “Grupo Escoteiro Duque de Caxias”, de Aracaju. Participou também de outros grupos escoteiros – “Murilo Braga” e “Cruzeiro do Sul” (Aracaju), “Boca da Mata” (Nossa Senhora da Glória), “Jose Bonifácio” (Salvador-BA) – em virtude da mudança dos pais para Salvador e posterior retorno e processo de expansão do Escotismo por parte de seus pais quando assumiram o comando da Região Escoteira de Sergipe. Percorreu todos os ramos escoteiros até chegar a escotista responsável pelo ramo lobinho. Exerceu as funções de segundo e primo, como lobinho, submonitor e monitor, como escoteiro e sênior. Curiosamente não galgou níveis de graduação por não sentir atração pelos distintivos, embora soubesse realizar as atividades práticas. Preferia os distintivos por participação em acampamentos. Embora fosse filho dos chefes fazia questões de não ter prioridades em nada e, muitas vezes, tomou advertências e sofreu repreensões verbais. Do cotidiano escoteiro trouxe como aprendizagem conhecimentos práticos como cozinhar, lavar, passar, além de valores como perseverança e perspicácia. Considera como vitória pessoal a inculcação de valores como companheirismo e lealdade. As lembranças marcantes são dos acampamentos, dos amigos e dos pais que eram chefes, em especial seu pai, já falecido. Sem religião definida, solteiro e sem filhos, cursa Engenharia Civil pela Faculdade Pio X, além de estagiar na Secretaria Municipal de Educação.

Geilton Araujo de Jesus – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Nasceu no dia 04 de maio de 1977, na cidade de Propriá-SE. Filho de Gildásio Alves de Jesus, funcionário público federal aposentado, e Maria Jose Araujo de Jesus, dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro em 1988, na cidade de Propriá, no Grupo Escoteiro Gumercindo Batista, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro, submonitor da patrulha “Gavião” e galgou o nível de Segunda Classe. Entrou para o grupo de escoteiros influenciado pelo irmão e pelo primo, já escoteiros. Do cotidiano escoteiro trouxe como bagagem a responsabilidade, o ajudar ao próximo e as

técnicas de sobrevivência em campo. Não se recorda de ter sofrido castigos ou punições e suas lembranças marcantes foram os acampamentos e quando o grupo saía nas ruas cantando as canções escoteiras, atraindo a atenção do público. Católico, casado e pai de duas filhas, cursa Tecnologia da Informação e atua como policial militar.

Gilner Araujo de Jesus – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Irmão do escoteiro Geilton Araujo de Jesus, Gilner nasceu no dia 10 de janeiro de 1976, também na cidade de Propriá-SE. Entrou para o movimento em 1986, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro, monitor da patrulha “Falcão” e atingiu o nível de Segunda Classe. Do cotidiano escoteiro aprendeu a ajudar o próximo, companheirismo, união, cidadania, ser competitivo e técnicas de sobrevivência em campo. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e suas lembranças marcantes foram dos acampamentos e das amizades. Casado, católico e pai de duas filhas, cursou o ensino médio e atua como guarda municipal.

Jailton Martins Santos – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Natural da cidade de Propriá-SE, nasceu no dia 09 de junho de 1974. Filho de Ailton Martins e Maria José Santos, agricultores, entrou para o movimento escoteiro por convite de um primo que já era lobinho, no ano de 1987, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, em Propriá, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro e submonitor da patrulha “Falcão”, onde galgou o nível de Segunda Classe. Foi também sênior. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e suas lembranças marcantes foram as reuniões do grupo aos sábados. Do cotidiano escoteiro trouxe como aprendizagem cidadania, ajudar ao próximo e os ensinamentos do chefe. Uma grande frustração foi o grupo ter acabado após a saída do chefe. As amizades construídas no Escotismo são como vitórias em sua vida. Casado, sem filhos e acreditando em Deus, cursou ensino médio e atua como agente de portaria e bombeiro civil.

Jameson Gouveia Novais – Grupo Escoteiro Murilo Braga

Nasceu no dia 22 de fevereiro de 1967, na cidade de Aracaju-SE. Filho de Edvaldo Messias de Novais, funcionário público federal do Ministério da Educação e Cultura (MEC), e Geisa Gouveia de Novais, dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro em 1978 no “Grupo Escoteiro Murilo Braga”, de Aracaju, sob o comando de Adalberto Rodrigues, o chefe Adalberto. Foi escoteiro, sênior e pioneiro. Foi escoteiro Primeira Classe e sênior Segunda Classe e exerceu as funções de submonitor e monitor. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição mas tem algumas lembranças frustrantes quanto à seleção dos escoteiros para algumas atividades, sentia-se um pouco discriminado. Percebeu uma falta de fundamentação na prática pedagógica dos chefes e a desunião entre grupos escoteiros e as políticas existentes dentro deles. Aprendeu no cotidiano escoteiro valores como lealdade, fraternidade e responsabilidade. Recorda-se dos elogios em público que recebeu por autoridades nas campanhas de apoio aos necessitados que participou. Influenciou alguns filhos de colegas a entrarem para o Escotismo e suas lembranças marcantes foram o respeito e a união entre os colegas escoteiros. Católico, casado e pai de um filho, cursou Educação Física e é mestrando em Educação. Atua como professor do Instituto Federal de Educação Básica e Tecnológica de Sergipe.

Jameson Ricardo dos Santos Santana – Grupo Escoteiro Boca da Mata

Irmão de Amanda Carolina dos Santos Santana, nasceu na cidade de Aracaju-SE, no dia 01 de outubro de 1983. Entrou para o movimento escoteiro no ano de 1996, no “Grupo Escoteiro Boca da Mata”, na cidade de Nossa Senhora da Glória, sob o comando do chefe Ruseo. Entrou por influência da irmã, que já era lobinha. Foi escoteiro, mas não se recordou se galgou algum nível de graduação. Do cotidiano escoteiro aprendeu sobre respeito ao próximo e responsabilidade. Ter perdido a timidez foi uma vitória que credita ao escotismo. Os acampamentos e o cultivo da horta no grupo, bem como a venda das hortaliças para arrecadar fundos para o grupo foram as lembranças marcantes. As disputas entre as patrulhas também foram lembradas com extremo saudosismo. Recorda-se de um castigo que sofreu que foi capinar a área onde ficava a horta. Ainda sem religião definida, porém prestes a se tornar evangélico, é casado, sem filhos e cursa Educação Física pela Universidade Tiradentes. Atua como professor da modalidade handebol, na cidade de Nossa Senhora da Glória.

Jario Nascimento Barros – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista



Natural da cidade de Propriá, nasceu no ano de 1976. Filho de pai pedreiro e mãe dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro em 1988, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista” da cidade de Propriá, sob o comando de Avelino Furtado Santana, o chefe Furtado. Foi lobinho e escoteiro, submonitor da patrulha “Pantera”, onde galgou o nível Segunda Classe. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e sua frustração foi ver o grupo acabar após a saída do chefe. Do cotidiano escoteiro ficou a aprendizagem das ações sociais que o grupo realizava. Agradece ao Escotismo o fato de ser cobrado quanto aos estudos escolares, fato que o fez empenhar-se mais tarde em estudar e passar em um concurso público. Influenciou alguns amigos a entrarem para o grupo escoteiro. Suas lembranças marcantes foram os acampamentos. Católico, porém simpático ao espiritismo, é solteiro, sem filhos e cursou o ensino médio. Atua como funcionário público municipal na Secretaria de Ação Social.

Jorge Carvalho Nascimento – Grupo Escoteiro Duque de Caxias, Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nasceu em Salvador-BA, no dia 28 de agosto de 1956. Irmão de Denise Carvalho do Nascimento Moreno, também escoteira, entrou para o movimento escoteiro em 1967, por convite dos chefes Ernani de Jesus Santos, Gilson Santos e Wilman Andrade, no “Grupo Escoteiro Duque de Caxias” da cidade de Aracaju. Após ler “Escotismo para rapazes”, ficou muito entusiasmado e seguiu sua trajetória como escoteiro, sênior, pioneiro e escotista. Exerceu a função de monitor e participou ainda como membro da direção regional de Escotismo de Sergipe. Galgou os níveis de escoteiro Primeira Classe e sênior Segunda Classe. Do cotidiano escoteiro trouxe para sua vida o aprendizado do autogoverno, servir ao próximo,

ter respeito às regras de convívio social, aos padrões morais de comportamento e aos padrões éticos. Considerada uma lembrança marcante e ao mesmo tempo um prêmio, destacou o recebimento de uma medalha de gratidão concedida pela União dos Escoteiros do Brasil em um evento comemorativo pelos cem anos do Escotismo, referente à publicação de seu livro “A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado”. Atualmente é escotista e membro da diretoria do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” da cidade de Aracaju. Até hoje recomenda o Escotismo para jovens e adultos. Casado, pai de duas filhas e sem religião definida, estudou Direito e cursou Pedagogia pela Faculdade Pio X. Fez curso de Especialização em Desenvolvimento e Relações Internacionais e em Administração Pública, Mestrado e Doutorado em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor do departamento de História e do mestrado e doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Atuou em cargos públicos importantes como Secretário de Educação Municipal de Aracaju, Secretário de Governo, Superintendente Estadual de Turismo, Secretário Adjunto de Turismo e Acessor de Gabinete do Governador. Atualmente é Presidente da Segrase (Serviços Gráficos de Sergipe), outrora “Diário Oficial de Sergipe”.

José Orlando dos Santos – Grupo Escoteiro Murilo Braga, Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nasceu em 15 de novembro de 1951, na cidade de Aracaju-SE. Filho de pai marchante e Maria Joana dos Santos, feirante, entrou para o movimento escoteiro com dezessete anos no “Grupo Escoteiro Murilo Braga”, sob o comando de Adalberto Rodrigues, o chefe Adalberto. Ficou encantado ao ver pela primeira vez escoteiros fardados numa praça pública de Aracaju, mas foi desiludido pela mãe, pois esta considerava na época que “aquilo era coisa pra rico”. Acabou por realizar seu sonho alguns anos mais tarde ao ser sênior, submonitor e monitor da patrulha “Serigy” e subchefe do grupo. Após uma dissidência, saiu do “Grupo Murilo Braga” e fundou o Grupo Escoteiro Baden-Powell, tornando-se o líder até a data atual. Atuou ainda como Comissário Regional de Sergipe. Do cotidiano escoteiro adotou a Lei Escoteira para sua vida pessoal, a humildade e reconhecer erros cometidos. Trouxe para o Escotismo a esposa, os dois filhos e alguns amigos. Dentre as inúmeras lembranças

marcantes estão os acampamentos internacionais no Chile e Bolívia, além do “passamento” (termo por ele frisado para indicar falecimento) do chefe Adalberto. Recebeu de autoridades públicas inúmeros elogios e certificados por bons serviços prestados à sociedade sergipana. É o membro escoteiro vivo de Sergipe com mais tempo de atividade ininterrupta, 44 anos. Espírita, viúvo e com dois filhos, cursou até o nono período em Contabilidade na então Faculdade Tiradentes. Funcionário público estadual aposentado, atuou na Secretaria de Saúde como arquivista. Atualmente é microempresário do ramo de informática junto com o filho.

José Ricardo Freitas Nunes – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista



Natural da cidade de Aracaju, nasceu no dia 21 de fevereiro de 1977. Filho de pai e mãe comerciantes, entrou para o movimento escoteiro em 1988, por convite do amigo Marcelito, já escoteiro, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro e submonitor da patrulha “Caxinguelê”, onde galgou o nível de escoteiro Segunda Classe. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado sobre o respeito à hierarquia, aos compromissos, o amor aos valores das instituições família, escola e sociedade. Credita ao Escotismo a disciplina, a sistematização das coisas e o perfeccionismo que desenvolveu, o que considera isso uma vitória. Sua lembrança marcante foi uma jornada de quinze quilômetros que os escoteiros do seu grupo tiveram que fazer para retornar para a cidade em função do veículo que os conduziria ter quebrado. Casado, católico e pai de um filho, é licenciado em História e fez Mestrado em Educação pela Universidade Tiradentes, onde atua profissionalmente como professor.

Lázaro Bispo dos Santos – Grupo Escoteiro Marroig de Melo

Natural da cidade de Aracaju-SE, nasceu no dia 24 de julho de 1967. Filho de Reginaldo Bispo dos Santos, pintor, e Maria Tereza Santos, lavadeira, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1978, por curiosidade, ao ver um vizinho com o uniforme escoteiro. Entrou para o “Grupo Escoteiro do Mar Marroig de Melo”, da cidade de Aracaju, sob o comando do chefe Abílio, grupo situado na sede da Marinha Brasileira. Foi escoteiro, sênior, pioneiro e escotista. Foi escoteiro da patrulha “Cisne Branco” e galgou o nível de Segunda Classe e sênior Eficiência Dois. Exerceu as funções de chefe do ramo sênior e subchefe de grupo. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado de técnicas de sobrevivência em campo e dos valores morais. Não se recordou de ter sofrido punição ou castigo, mas sim de ter recebido um prêmio em um festival de canção escoteira e também um prêmio como destaque escoteiro em um ELO nacional no Rio de Janeiro. Atribuiu ao Escotismo o que considerou ter sido a formação para a vida. Teve como frustração um registro de pedofilia no grupo, que acabou não vindo à tona. As lembranças marcantes foram as caminhadas realizadas pelo grupo. Católico, desquitado, tem uma filha e é licenciado em Educação Física, com especialização em esportes coletivos. Atua como professor de capoeira e é policial militar.

Lucas da Hora Mendonça – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nasceu em 26 de outubro de 1988, na cidade de Aracaju-SE. Filho de pai microempresário do ramo de supermercado e mãe dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro no ano de 2001, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, da cidade de Aracaju, sob o comando de José Orlando dos Santos, o chefe Orlando. Foi escoteiro e sênior e exerceu as funções de submonitor e monitor. Galgou o nível mais alto do ramos escoteiro, o Lis de Ouro. Do cotidiano escoteiro trouxe a responsabilidade, o compromisso com o próximo e consigo mesmo, os valores morais, a liderança e como se inserir no contexto social. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e, além do título de Escoteiro Lis de Ouro, recebeu também o título de Escoteiro Padrão do grupo. As lembranças marcantes foram receber o título de Escoteiro Lis de Ouro pelo presidente da União dos Escoteiros do Brasil, os acampamentos e

os ensinamentos do chefe. Influenciou alguns amigos a entrarem para o Escotismo. Católico, solteiro e sem filhos, cursou Petróleo e Gás e está cursando Geologia pela Universidade Federal de Sergipe. Não exerce ainda atividade profissional.

Luiz Alberto Morato – Grupo Escoteiro Silvio Romero, Grupo Escoteiro Baden-Powell

Nasceu em 21 de agosto de 1975, na cidade de Aracaju-SE. Filho de pai bancário aposentado e mãe dedicada ao lar, entrou para o Escotismo em 1988, no “Grupo Escoteiro Silvio Romero”, da cidade de Lagarto. Foi escoteiro, sênior e atualmente é escotista do “Grupo Escoteiro Baden-Powell” de Aracaju. Exerceu as funções de submonitor e monitor. Como escoteiro, galgou o nível de Segunda Classe e, como sênior, foi Eficiência Um. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e o que trouxe do cotidiano escoteiro como aprendizagem foi a integração com as pessoas, falar em público e os valores para formação do caráter. Sua frustração foi não ter conseguido chegar aos níveis de Escoteiro Lis de Ouro e sênior Escoteiro da Pátria. Credita ao movimento as marcas em assumir responsabilidades e cumpri-las, respeito e comprometimento com o próximo, o que considera isso uma vitória em sua vida. As lembranças marcantes foram os acampamentos e as festas realizadas pelos grupos que integrou. Casado, pai de quatro filhos e de religião indefinida é graduado e especialista em Administração e mestre em Meio ambiente. Atua profissionalmente como bancário e professor universitário.

Marcelito Trindade Almeida – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Nasceu em 24 de agosto de 1976, na cidade de Propriá-SE. Filho de Manuel Lito Almeida, taxista aposentado, e Márcia Trindade Almeida, dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro em 1987, na cidade de Propriá, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Recordou-se que recebeu o convite para entrar para o grupo de escoteiros na escola, onde foi realizada uma palestra sobre o Escotismo pelos futuros fundadores do grupo. Foi lobinho e escoteiro, onde exerceu as funções de submonitor e monitor da patrulha “Caxinguelê”. Galgou o nível máximo do escoteiro, o Lis de Ouro, e trouxe do cotidiano escoteiro a aprendizagem de ter responsabilidade muito cedo, companheirismo e respeito ao próximo. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e sua grande frustração foi o fechamento do grupo após a saída do

chefe. Convidou vários amigos a entrarem para o movimento escoteiro e suas lembranças marcantes foram a Promessa, os acampamentos, principalmente os de patrulha, o dia em que o chefe foi embora e o dia em que recebeu o título de escoteiro Lis de Ouro. Casado, sem filhos e católico, é graduado em Química, especialista e mestre em Educação Agrícola. Atua como professor do Instituto Federal Baiano, onde exerce atualmente a função de Diretor Geral do campus de Teixeira de Freitas-BA.

Marcelo de Sousa – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista

Nasceu na cidade de Propriá no dia 23 de fevereiro de 1975. Filho de pai funcionário público aposentado, perdeu sua mãe ainda criança. Entrou para o movimento escoteiro em 1988, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Foi escoteiro, submonitor da patrulha “Leão”, e sênior, onde galgou o nível de Eficiência Um. Do cotidiano escoteiro trouxe para sua vida o aprendizado da disciplina, do autogoverno e do trabalho em equipe. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e tem nos acampamentos as lembranças marcantes. Casado, evangélico e pai de três filhas, cursou o ensino médio, já foi ajudante de produção, agente de segurança e hoje atua como evangelista.

Mario Jorge dos Santos

Nasceu no dia 22 de junho de 1973, na cidade de Propriá-SE. Filho de pai carpinteiro e mãe dona de casa, entrou para o movimento escoteiro em 1987, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. Recordou-se que recebeu o convite para entrar para o grupo de escoteiros na escola, onde foi realizada uma palestra sobre o Escotismo pelos futuros fundadores do grupo. Foi escoteiro e sênior. Exerceu as funções de submonitor e monitor e galgou o nível de escoteiro Cordão Verde-amarelo. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado de uma educação diferente, o respeito ao próximo e o aprender a sobreviver. Credita ao movimento escoteiro como vitória na sua vida a lição de ajudar as pessoas. Além de fundar também ser um dos membros fundadores do recém criado (2011) “Grupo Escoteiro Propriá”, onde atuou como chefe dos lobinhos, é escotista voluntário do “Grupo Escoteiro

Baden-Powell” da cidade de Aracaju. Católico, casado e pai de quatro filhos, cursou o ensino médio e hoje atua como agente educador da Universidade Tiradentes em Propriá-SE.

Marquicinei Pereira de Andrade – Grupo Escoteiro Gumercindo Batista, Grupo Escoteiro Propriá



Natural da cidade de Propriá, nasceu no ano de 1974. Filho de Manoel Pereira de Andrade, açougueiro, e Gildete Pires de Souza, cuidadora do lar, entrou para o movimento escoteiro em 1987, no “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, sob o comando de Avelino Furtado de Santana, o chefe Furtado. O convite partiu do então chefe Furtado que na ocasião fazia compras na banca de carne do seu pai, onde sempre o ajudava e estava presente naquele dia marcante. Foi escoteiro e submonitor da patrulha “Gavião”, além de sênior. Galgou o nível de escoteiro Cordão Verde-amarelo e conquistou o título de chefe Insígnia da Madeira, pelo “Grupo Escoteiro São Luiz de Gonzaga”, no Paraná. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado da formação de caráter, disciplina, deveres para com Deus, para com a pátria e com o próximo, viver os princípios do movimento escoteiro, além dos esportes, acampamentos e gincanas. Participou da corte de honra do grupo, como castigo, por tirar notas baixas na escola e teve como lembrança frustrante a reprovação na prova de especialidade para locutor. Porém, a sua maior frustração foi o grupo ter acabado, após a saída do chefe. Levou amigos para o movimento escoteiro, enquanto membro juvenil, e hoje o faz enquanto chefe escoteiro do “Grupo Propriá”, recém fundado (2011). Casado, católico e prestes a ser pai, graduou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e não desistiu do seu sonho profissional, atuando atualmente como locutor de rádio na cidade de Propriá, área em que não logrou êxito enquanto jovem escoteiro.

Odilon Cabral Machado – Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo

Natural da cidade de Capela-SE, nasceu no dia 17 de julho de 1947. Filho de pai Bacharel em Direito e mãe professora, entrou para o movimento escoteiro em 1958, no “Grupo Escoteiro Jackson de Figueiredo”, primeiro grupo escoteiro criado após a fundação da Região Escoteira de Sergipe, sob o comando de Walter João Dantas, o chefe Walter. Foi escoteiro e sênior. Exerceu a função de monitor da patrulha “Leão”, onde galgou o nível de escoteiro Segunda Classe. Aprendeu no cotidiano a ser escoteiro nos atos e nas ações e credita ao movimento a vitória de ter se tornado um ser humano de bem. Suas lembranças marcantes foram os acampamentos, muitos na chácara do chefe Walter, e também os desfiles em que participavam os escoteiros. Não teve nenhuma frustração no movimento escoteiro. Casado, católico e pai de três filhos, nenhum deles foi escoteiro, uma vez que não os influenciou, por considerar que na época o Escotismo estava em decadência. Graduado e especialista em Química, atuou como professor até aposentar-se, na Universidade Federal de Sergipe, onde recebeu o título de Professor Emérito.

Paulo Marcos Santos – Grupo Escoteiro do Mar Marroig de Melo, Grupo Escoteiro Sagrada Família



Nasceu em 17 de junho de 1967, na cidade de Aracaju-SE. Filho de mãe operária aposentada, entrou para o movimento em 1982, no “Grupo Escoteiro Marroig de Melo”, da cidade de Aracaju, sob o comando dos chefes Bira e Lázaro. Convidado por dois colegas que já eram escoteiros, foi escoteiro e sênior, trazendo do cotidiano do movimento o aprendizado do respeito aos mais velhos. As lembranças mais marcantes foram os acampamentos e as canções. Foi um dos membros fundadores do “Grupo Escoteiro Sagrada Família”, da cidade de Nossa Senhora do Socorro, onde hoje atua como chefe do ramo escoteiro e é vice-presidente da Região Escoteira de Sergipe. Considera uma vitória pessoal creditada ao movimento escoteiro o repasse dos valores do Escotismo para seus filhos. Casado, católico e pai de dois filhos, cursou o nível médio e atua profissionalmente como gráfico.

Rafael Azevedo Ferreira – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nasceu na cidade de Aracaju, no dia 03 de abril de 1992. Filho de pai analista de sistema e mãe fiscal da prefeitura, entrou para o movimento escoteiro no ano de 2003, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, da cidade de Aracaju, sob o comando de José Orlando dos Santos, o chefe Orlando. Foi escoteiro, sênior e hoje é pioneiro. Foi monitor da patrulha “Lobo”, no ramo escoteiro, e monitor da patrulha “Serigy”, no ramo sênior. Trouxe do cotidiano escoteiro o aprendizado sobre lealdade, ajudar ao próximo e cuidar do meio ambiente. Considera uma vitória pessoal, creditada ao Escotismo, a dedicação e perseverança adquiridas. As lembranças marcantes são do grupo de teatro do qual fazia parte. Católico, solteiro e sem filhos, cursa Publicidade e atua como estagiário na mesma área.

Reginaldo Teles dos Santos – Grupo Escoteiro Murilo Braga, Grupo Escoteiro Baden-Powell



Natural da cidade de Aracaju nasceu em 20 de maio de 1962. Filho de Antonio Teles dos Santos, comerciante, e Ana Francisca Santos, dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1973, no “Grupo Escoteiro Murilo Braga”, da cidade de Aracaju, sob o comando de João Adalberto Rodrigues, o chefe Adalberto. Foi escoteiro, sênior e pioneiro e exerceu as funções de monitor escoteiro, subchefe e chefe de tropa. Saiu do grupo “Murilo Braga” por conta de uma dissidência e foi um dos membros fundadores do “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, da cidade de Aracaju. Do cotidiano escoteiro, trouxe o aprendizado de atividades práticas e técnicas como cozinhar, fazer pioneiras e primeiros socorros, além dos valores morais como honra e lealdade, trazendo para sua vida pessoal o bom escoteiro que procurou ser. As lembranças marcantes foram as festas de fim de ano do

grupo, quando enchia de orgulho o pai, ao receber certificados de escoteiro-padrão, além dos acampamentos e de um em especial, quando seu filho, à época lobinho, pediu para fazer a oração final do acampamento quando todos estavam reunidos. Convidou os dois filhos para entrarem no movimento escoteiro, o que acabou se concretizando. Casado, espírita e pai de dois filhos, cursou nível superior em Contabilidade na Faculdade Tiradentes e atualmente exerce a profissão como contador.

Roberto Lima Silva – Grupo Escoteiro Sagrada Família



Nasceu na cidade de Aracaju, em 02 de fevereiro de 1969. Filho de Ronaldo Silva, eletricista aposentado, e Josefa Lima Silva, cuidadora do lar, entrou para o movimento escoteiro no final da década de 60, por convite de amigos, num grupo de escoteiros cujo nome não lembrou. Foi lobinho e dessa época trouxe o aprendizado de valores como a lealdade e o companheirismo. Foi repreendido verbalmente por querer trapacear num jogo e aprendeu com isso. Mais tarde, já adulto, foi um dos membros fundadores do “Grupo Escoteiro Sagrada Família”, na cidade de Nossa Senhora do Socorro, onde já convidou vários jovens a ingressarem no movimento escoteiro, no que teve êxito. Atualmente exerce a presidência da Região Escoteira de Sergipe e atribui ao Escotismo significativa contribuição na sua formação de caráter. Casado, católico e pai de dois filhos, cursou o nível médio. Atua como comerciante da área de material de construção.

Rodrigo Fernandes Correia Teles – Grupo Escoteiro Baden-Powell

Natural da cidade de Aracaju, nasceu no dia 11 de novembro de 1991. Filho de Reginaldo Teles dos Santos, contador, também entrevistado nesta pesquisa, e de mãe bancária, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1996, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell”, sob o comando de Jose Orlando dos Santos, o chefe Orlando. Foi lobinho e o que trouxe como aprendizado dessa época foi o trabalho em equipe e o exercício da liderança. Cooperação foi um valor que credita ao movimento escoteiro e que considera como vitória na sua vida. Suas lembranças marcantes foram as brincadeiras educativas que os lobinhos

faziam. Solteiro, sem filhos e de religião indefinida, cursa o nível superior em Engenharia Civil e ainda não atua profissionalmente.

Sandro Soares Oliveira – Grupo Escoteiro do Mar Marroig de Melo

Nasceu em 17 de agosto de 1971, na cidade de Aracaju-SE. Filho de Manoel Caetano Soares, capoteiro, e Valdeci Soares de Oliveira, professora, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1982, no “Grupo Escoteiro do Mar Marroig de Melo”, da cidade de Aracaju, sob o comando dos chefes Alencar, Abílio e Bira. O fato de a sede do grupo ser na Marinha do Brasil o atraiu bastante. Foi escoteiro e exerceu as funções de submonitor e monitor, galgando o nível de escoteiro “Cordão Verde-amarelo”. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado sobre camaradagem, disciplina, vivacidade e, sobretudo, respeito ao próximo. As lembranças marcantes foram dos acampamentos, especialmente os nacionais, onde se reuniam escoteiros de distintos lugares e culturas. Chegou a ser proibido de participar de alguns acampamentos, como castigo, por tirar notas baixas na escola, o que o fez redobrar a atenção aos estudos. Como prêmio, recebeu medalha de escoteiro modelo e alguns prêmios coletivos com sua patrulha. Casado, católico e pai de um filho, cursou o nível superior em Administração, além de possuir formação técnica em Controle de qualidade de ensaios não destrutivos em soldagem e inspeção. É sargento da Polícia Militar de Sergipe.

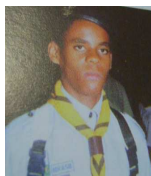
Sergio Antonio Pitanga – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Natural da cidade de Aracaju-SE, nasceu no dia 09 de setembro de 1970. Filho de Antonio Francisco Pitanga Filho, professor de Educação Física, e Maria Laudelina Pitanga, dedicada ao lar, entrou para o movimento escoteiro no ano de 1982, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell” da cidade de Aracaju. Seduzido pela possibilidade de jogar bola na quadra do Sesi, onde funcionava o grupo de escoteiros, entrou para não mais sair do movimento. Foi escoteiro, sênior, pioneiro e atua hoje como escotista responsável pelos lobinhos. Exerceu a função de monitor e galgou os níveis de escoteiro Primeira Classe e sênior Eficiência Um. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado das aventuras, das jornadas, dos acampamentos, do

conhecer pessoas novas e de diferentes lugares, dos conhecimentos técnicos e de ser independente. Não se recorda de ter sofrido castigo ou punição e sua frustração é até hoje não ter participado de um acampamento em outro país. Valores como lealdade, amizade, dignidade, respeito e fraternidade são marcas impregnadas na sua trajetória escoteira e consideradas como vitórias pessoais. As lembranças marcantes até hoje foram acampar na serra de Itabaiana, os fogos de conselhos e ouvir o então Vice-Presidente da República, José Alencar, justificar a perseverança que tinha na luta contra sua doença, com um artigo da Lei Escoteira: “O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.” Casado, católico e pai de dois filhos, tem ensino superior incompleto e atua profissionalmente como professor de informática.

Tiago Vinicius Alves dos Santos – Grupo Escoteiro Baden-Powell



Nasceu no dia 28 de setembro de 1980, na cidade de Aracaju. Entrou para o movimento escoteiro no ano de 1986, com seis anos de idade, no “Grupo Escoteiro Baden-Powell” da cidade de Aracaju, sob o comando de José Orlando dos Santos, que além de chefe é o seu pai. Chefe Orlando é funcionário público estadual aposentado e divide com ele uma microempresa do ramo de informática. A mãe, Maria Dilma Alves dos Santos, já falecida, também foi funcionária pública estadual. Entrou como lobinho e percorreu todos os ramos. Atualmente atua como escotista do ramo lobinho. Exerceu as funções de lobinho primo, submonitor e monitor escoteiro. Galgou os níveis de lobinho Primeira Estrela, escoteiro Segunda Classe e sênior Estágio Probatório. Embora filho do chefe, sofreu várias repreensões verbais por ser muito “ativo”, segundo ele. Do cotidiano escoteiro trouxe o aprendizado sobre disciplina, saúde, primeiros socorros, práticas culinárias e o seguimento da Lei Escoteira. Considera-se vitorioso pelo ser humano que é hoje, graças à sua família, à sua orientação religiosa e ao Escotismo. Sua frustração é ver os membros de grupos escoteiros em desunião. Suas lembranças marcantes foram o acampamento mundial no Chile e os acampamentos nacionais no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Espírita, casado e pai de um filho, tem o ensino médio incompleto e atua como microempresário, junto com o pai, no ramo de informática.

Perfil de um conjunto: as marcas da formação educativa do movimento escoteiro em análise

Como já anunciado, de acordo com a Organização Mundial do Movimento Escoteiro, são três os princípios do Escotismo: 1) Dever para com Deus; 2) Dever para com os outros; 3) Dever para consigo próprio (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012). Além dessa tríade, o estímulo ao desenvolvimento físico, desenvolvimento moral e desenvolvimento intelectual formam o *corpus* instrumental almejado por Baden-Powell, operacionalizado por meio de atividades “atraentes e desafiadoras” a exemplo das jornadas, dos acampamentos, dos sinais de pista espalhados na floresta, do preparar a própria alimentação de forma rústica, da orientação pelos astros, das competições entre patrulhas, dentre outras. Esta estratégia tinha seu poder de sedução inegável, como destacou **Eduardo Antonio Conde Garcia** ao lembrar que:

Na minha juventude nós éramos muito citadinos e a idéia de aprender as coisas do campo, não só na parte de agricultura, mas também das técnicas de viver em matas, tudo isso era tratado no Escotismo. Então foi uma maneira de criar desafios e a criança gosta de desafio. Acho que o Escotismo é muito **desafiador** para o jovem (GARCIA, 2012, grifo nosso).

Os desafios propostos por meio das atividades mais variadas operacionalizam-se principalmente nos acampamentos, eventos aguardados com muita ansiedade pelos membros do movimento escoteiro. Como foi revelado no capítulo II, os acampamentos são as lembranças mais marcantes dos escoteiros sergipanos, justamente por agregar teoria e prática, possibilitar a vivência em: cozinhar, usar nós, natação, primeiros socorros, regras de segurança, orientação espacial, transmissão de sinais, estudo da natureza, além da reunião entre membros de distintos grupos escoteiros, regiões e países diferentes. Em se tratando de um perfil de conjunto, há registros nos depoimentos de praticamente todas essas práticas propostas pelo fundador do Escotismo e que, apropriadas de forma singular por cada um, tornaram-se aprendizagens úteis ao cotidiano dos entrevistados, como revelou **Reginaldo Teles dos Santos**, ao referir-se à culinária que conheceu e solidificou no Escotismo: “[...] O que você pensar eu sei fazer: de preparar uma arraia a uma moqueca de peixe” (T. SANTOS, 2011).

A prática dos princípios que caracterizam o Escotismo foi idealizada por Baden-Powell e desencadeou no “método escoteiro” que o caracteriza como uma pedagogia extra-escolar que se configura em cinco etapas: Aceitação da Lei e da Promessa Escoteira, é feita voluntariamente com o objetivo de vivenciá-las; aprender fazendo, ou seja, o incentivo de fazer e aprender com o erro é fundamental no desenvolvimento de habilidades e gostos pessoais; vida em equipe, exercitada pelo convívio nos pequenos grupos ou patrulhas, onde se compartilham momentos de liderança e cooperação; atividades progressivas e variadas, vivenciadas em conformidade com as diferentes faixas etárias inerentes aos ramos escoteiros; desenvolvimento pessoal com orientação individual, acompanhado pelo chefe escoteiro, responsável por identificar qualidade e deficiências e orientar o jovem no melhor caminho para o desenvolvimento de suas potencialidades (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, 2012).

O “método escoteiro” acima delineado revela-se, assim, como um sistema de progressão em que os desafios são crescentes de acordo com os ramos, como já anunciado. Ele foi pensado para ser operacionalizado em sinergia com as práticas que envolvem o cotidiano dentro e fora do movimento, uma vez que a visão que se têm do ser humano é integral, como frisou **Denise** Carvalho do Nascimento Moreno: “Acho que o movimento escoteiro faz um efeito na vida da gente que, se todo mundo conseguisse entender a essência que é ajudar no desenvolvimento do jovem, **como uma pessoa inteira**, a gente teria uma juventude mais sadia” (MORENO, 2012, grifo nosso); A clareza com que Baden-Powell esquadrinhou e esquematizou este método fez com que o tornasse eficiente, eficaz e duradouro.

Quanto aos nossos entrevistados, o método escoteiro foi identificado no conjunto de depoimentos, uma vez que: aceitaram a Lei Escoteira através da promessa que fizeram; aprenderam técnicas as mais variadas – de cozinhar a salvar vidas por meios dos primeiros socorros –; criaram elos de amizade através do sistema de patrulhas e suas atividades cooperativas; aproveitaram o tempo inerente a cada ramo, como salientou **Rafael** Azevedo: “Eu acho que todos os ramos foram muito bons em cada fase, quando fui escoteiro, sênior e pioneiro” (AZEVEDO, 2012). Corroborou com este pensamento **Jorge** Carvalho Nascimento, ao dizer que: “Cada ramo desses, com seu conjunto de atividades, é **pensado para contemplar a faixa etária** na qual o indivíduo se encontra e contempla, efetivamente” (NASCIMENTO, 2011, grifo nosso). E, por fim, tiveram o apoio e as devidas orientações de

seus chefes. Sobre a figura do chefe, no papel de guia do jovem, alertou Pereira acerca dos preceitos de Baden-Powell:

[...] não deve se colocar no papel de controlador nem dirigir suas ações, deve antes, manter a posição de colaborador empenhado e demonstrando total confiança na capacidade do jovem e servir de exemplo de respeito aos valores instituídos no Movimento Escoteiro, de modo que o jovem busque atingir os objetivos educacionais propostos para que sua faixa etária perceba sua progressão” (PEREIRA, 2004, p. 28 *apud* NASCIMENTO, 2008, p. 80).

Foram quarenta e um entrevistados nesta pesquisa. Como já revelado, o entrevistado mais novo tem dezoito anos e o mais velho sessenta e oito anos de idade. A maior parte foi integrante de apenas um grupo escoteiro, exceção feita a alguns que migraram para outros grupos, por dissidência ou mudança de cidade. Foram identificados, nos depoimentos, membros dos seguintes grupos escoteiros: G.E. Walter Franco, G.E. Murilo Braga, G.E. Duque de Caxias, G.E. Baden-Powell, G.E. Uirapuru, G. E. Marroig de Melo, G.E. Boca da Mata, G.E. Gumercindo Batista, G.E. Sagrada Família, G.E. Propriá, todos de Sergipe, além de membros do G.E. Almirante Tamandaré (BA), G.E. José Bonifácio (BA) e do G.E. Ibisa (AL).

Os motivos que levaram os entrevistados a ingressarem no movimento escoteiro oscilaram da simples curiosidade, por verem escoteiros fardados em atividades públicas, convites recebidos por amigos que já pertenciam ao movimento ou convites de Chefes escoteiros e a leitura da literatura escoteira e conseqüente entusiasmo por conhecer, na prática, o Escotismo. A aprovação dos pais quanto à entrada dos filhos no movimento escoteiro é marcante na fala de maior parte dos entrevistados. No entanto, em alguns depoimentos, foi constatada a resistência de alguns pais em permitir o acesso do filho ou filha ao grupo de escoteiros, a exemplo da mãe de José **Orlando** dos Santos, que disse ao filho: “[...] isso é coisa pra rico!”. Ou, outra mãe, ao alertar a **Aldenise** Cordeiro Santos, filha: “[...] isso é perigoso, lá tem atividades que você vai encontrar cobras, ficar no mato!”.

Quase todos os entrevistados tiveram experiências em mais de um ramo do movimento escoteiro (Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro), o que significa que permaneceram por mais de cinco anos dedicando-se ao projeto de Baden-Powell. Alguns permanecem até hoje, ora como Chefes de seção ou Dirigentes de Escotismo. O escotista, ou membro adulto, em atividade com mais tempo de Escotismo em Sergipe é José Orlando dos Santos, com mais de quatro décadas militando ativamente, o que o torna credor das gerações escoteiras que lhe sucedem, haja vista sua participação, independentemente de possíveis

desentendimentos, dá identidade ao movimento no Estado. Outros continuam como escotistas voluntários, colaborando com o grupo escoteiro a que pertencem sempre que podem, por conta de exercerem outras atividades de cunho profissional e acadêmico e que por vezes coincidem com os horários das atividades escoteiras.

Quanto ao sistema de graduação e especialização criado para o movimento escoteiro, os entrevistados galgaram diferentes níveis. Boa parte atingiu níveis iniciais como ser escoteiro de Segunda Classe e/ou ser Estágio Probatório, como sênior/guia. Uma parcela de sete escoteiros dos que compõem a amostra conseguiu galgar um nível intermediário de graduação, como ser escoteiro de Primeira Classe e/ou ser sênior/guia Eficiência Um. Poucos conseguiram atingir o grau máximo de graduação, que é o Escoteiro Lis de Ouro, Escoteiro da Pátria para sênior/guia e Insígnia de B-P para pioneiro. Há ainda aqueles que não atingiram ou não buscaram o nível inicial de graduação, foram exatamente sete, ou seja, a minoria. O sistema de graduação do Escotismo foi projetado para possibilitar ao jovem uma trajetória ascendente de conquistas de conhecimentos específicos que o tornasse especialista em determinadas atividades e adquirisse *status* superior em relação aos membros novíços.

Todos os entrevistados tiveram a experiência de exercer algum cargo de liderança em um ou mais ramos pelos quais passaram, desde submonitor de patrulha a Comissário Regional de Escotismo, em alguns casos, a exemplo de Denise Carvalho do Nascimento Moreno, José Orlando dos Santos e Roberto Lima Silva, atual Presidente da Região Escoteira de Sergipe. Foram experiências as quais foi delegada a confiança para exercer a direção de uma patrulha, uma seção, um Grupo Escoteiro ou uma Região Escoteira. Sobre estímulo à liderança, escreveu Baden-Powell, referindo-se ao cargo de monitor, o qual a maior parte dos entrevistados exerceu:

Em todos os setores da vida, há necessidade de jovens que possam merecer confiança para assumir responsabilidades e exercer a chefia. Portanto, o Monitor que for bem sucedido em sua patrulha tem maior probabilidade de ser bem sucedido na vida prática, quando ingressar na realidade do mundo (BADEN-POWELL, 2006, p. 55).

É o caso daqueles que, embora não continuem ativos no movimento escoteiro sergipano, exercendo cargos de liderança, hoje são dirigentes nos cargos que ocupam profissionalmente e creditam o sucesso profissional à experiência de liderança e autogoverno que tiveram no Escotismo, como é o caso de **Eduardo** Antonio Conde Garcia, **Denise**

Carvalho do Nascimento Moreno, **Jorge** Carvalho do Nascimento e **Marcelito** Trindade Almeida, atualmente ocupando cargos de direção.

No que diz respeito à formação educativa que vivenciaram cotidianamente nos grupos escoteiros por quais passaram e que trouxeram para a vida fora do Escotismo, os entrevistados são unânimes em destacar os valores morais como lealdade, fraternidade, honestidade, honradez, determinação, autogoverno. Além de valores, fez-se referência aos conhecimentos “práticos” como técnicas de salvamento, noções de primeiros socorros, orientação espacial, aprender a cozinhar, nadar, costurar, arrumar a mala de viagem de forma compacta. Toda essa aprendizagem foi extremamente importante e se continua fazendo uso dela na vida pessoal.

Lázaro Bispo dos Santos também se referiu às técnicas aprendidas, ao citar os primeiros socorros utilizados em um colega escoteiro, picado por uma cobra em uma atividade do grupo (SANTOS, 2012). A exaltação aos Chefes Escoteiros de seus respectivos grupos, no que diz respeito ao estímulo que estes empenharam a desenvolver uma formação educativa calcada nos valores e conhecimentos citados, foi uma tônica na fala dos entrevistados, em maior parte do “G.E. Baden-Powell”, referindo-se ao chefe Jose **Orlando** dos Santos.

Os acampamentos dos quais participaram os entrevistados foram de distintas naturezas. Houve acampamentos de uma patrulha apenas, onde monitor e submonitor são os responsáveis pela organização e realização das atividades; acampamentos entre duas ou mais patrulhas, cujas atividades realizam-se em forma de competição; acampamentos do grupo escoteiro, com um ou mais ramos, tendo a presença do Chefe; acampamentos regionais, onde participam grupos escoteiros diferentes; acampamentos nacionais, com grupos de vários estados do país e, por fim, acampamentos mundiais, os chamados *Jamborees*, com grupos escoteiros de países diferentes. Nestes, tiveram a oportunidade de ir, José **Orlando** dos Santos, **Tiago** Vinícius Alves dos Santos e Alexandre José Carlos de **Araujo**, todos do “Grupo Escoteiro Baden-Powell.” Foram nos acampamentos, relataram vinte e oito entrevistados, que ocorreram as melhores aventuras de suas trajetórias escoteiras.

Os desafios vividos nas matas, no mar, nos rios, nas montanhas, por certo serviram para instrumentalizá-los sobre o aprendizado da vida ao ar livre, concepção de Baden-Powell evidenciada nas diversas obras bibliográficas que propôs. Ainda sobre os acampamentos, o fundador do Escotismo finaliza: “O homem que tem que se virar fazendo mil coisas, como acontece com o Escoteiro no acampamento, verifica, ao voltar para a

civilização, que é mais fácil para ele obter um emprego, pois está pronto para qualquer espécie de trabalho que apareça” (BADEN-POWELL, 2006, p. 75). Sobre isso afirma **Eduardo** Antonio Conde Garcia: “No Escotismo, aprendi coisas de utilidade para a vida, para o dia a dia, que quem sabe, naturalmente, se destaca” (GARCIA, 2012).

Além dos acampamentos, fatos marcantes como o dia da Promessa Escoteira e dia de recebimento de títulos, a exemplo de “Escoteiro Lis de Ouro”, “Escoteiro da Pátria”, “Insígnia de B-P”, “Insígnia da Madeira”, bem como elogios perante a tropa foram evidenciados nas narrativas. Os laços de amizade construídos durante o tempo em que permaneceram no movimento escoteiro foram considerados lembranças marcantes por nove entrevistados, elencando-os como “duradouros”. Os laços de amizade ora frisados ganharam dimensão para além da irmandade escoteira, a exemplo de Jose Orlando dos Santos que se tornou padrinho de batismo de Alexandre José Carlos de **Araujo** e **Luiz Alberto** Morato.

Com exceção de três entrevistados, que somente estudam, os demais entrevistados têm uma vida profissional definida, sendo poucos os que ainda estão por galgar uma profissão. Neste caso, especificamente, estão os mais jovens, preparando-se por meio dos estudos técnicos ou acadêmicos. Como já revelado no gráfico 18 (p.79) dentre os que solidificaram seus trajetos profissionais estão: professores das redes públicas estaduais e federais, policiais, funcionários públicos estaduais e federais, microempresários, jornalistas, vigilante, auxiliares de escritórios, advogados. Alguns já exerceram ou exercem cargos de prestígio político e social como Secretário de Educação Municipal, Coordenador de Marketing da Secretaria Estadual de Turismo, Chefe de Redação de Jornais. Há os que têm livros acadêmicos publicados e prestígio científico reconhecido pela comunidade acadêmico-científica, enquadrando-se no perfil de “intelectual criador”, a exemplo de **Jorge** Carvalho do Nascimento, conforme Sirinelli (1996). Outros podem ser identificados como homens engajados por dedicarem boa parte de sua existência a uma causa. A estes me refiro sobre a causa que abraçaram, o Escotismo, a exemplo de José **Orlando** dos Santos e Carlos Alberto **Nascimento**.

Em linhas gerais, este foi o pensamento que norteou os relatos de todos os entrevistados: o Escotismo foi ou ainda é uma presença marcante em suas vidas. Seja pela incorporação de valores apreendidos no seio do movimento escoteiro, como autogoverno, honestidade, lealdade, amizade, cortesia, honradez, dentre outros, seja pela aprendizagem de saberes “práticos” como acampar, cozinhar, orientação por bússola e por astros naturais, técnicas de salvamento ou desenvoltura teatral, os ensinamentos propostos por Robert Baden-

Powell há mais de cem anos continuam a ser apreendidos e aparecem nos diferentes itinerários de vida daqueles que buscaram ou continuam a buscá-los.

No que diz respeito ao problema de estudo, ou seja, quais características são (in)comuns nas trajetórias de vida de (ex)escoteiros sergipanos, verifiquei que os valores contidos na promessa escoteira, já citados em parágrafo anterior, foram, em sua maioria, identificados nos depoimentos dos entrevistados sob a forma de apropriação e incorporação. O historiador francês Roger Chartier ressalta-nos que “[...] A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”. (CHARTIER, 1990, p. 26). A apropriação desses valores nas distintas etapas das trajetórias de vida foi uma tônica nos discursos e práticas analisados. Como exemplo, trago à tona o valor “honra”, na trajetória de **Reginaldo** Teles dos Santos, ao narrar um fato oriundo de seu envolvimento em um acidente de trânsito:

O rapaz da oficina chegou e disse: rapaz você foi um homem da p...! - Como assim? – É que vocês bateram [o carro], ele veio na frente e você veio depois [refere-se ao fato do escoteiro ter batido no carro de outra pessoa e não ter fugido a responsabilidade de levá-lo a oficina]. Você poderia ter ido embora. Aí eu disse: - mas não é assim que a coisa funciona. Meus princípios não me permitem fazer isso (T. SANTOS, 2011).

No citado exemplo, ambas as partes haviam combinado em ir para a oficina, cada um no seu veículo, fato logo estranhado pelo funcionário ao observar a chegada somente daquele que bateu no carro e que, sob sua ótica poderia ter fugido à responsabilidade de pagar o prejuízo. O escoteiro não somente pagou a conta, como chegou primeiro do que o dono do outro carro. Ficou evidente a apropriação da primeira Lei escoteira, que diz: “O escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que a própria vida” (BADEN-POWELL, 2006). Assim como este testemunho, outros lhe sucederam nas composições das narrativas escutadas, como pode ser visto e ouvido nos anexos.

Destarte, os valores éticos e morais que compõem a “Lei escoteira” acabaram por se configurar com maior veemência nos depoimentos dos entrevistados. A justificativa para essa “predominância” nas narrativas encontrou respaldo, também, em números importantes que dizem respeito à reputação ilibada de um indivíduo, uma vez que, dos quarenta e um membros do movimento escoteiro sergipano, apenas três entraram em conflito com as leis penais, o que

ocorreu na fase adulta de suas vidas e não mais tem débito com a Justiça atualmente. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE, 2012). Isto significa dizer que, hoje, todos os membros do movimento escoteiro sergipano, citados nesta pesquisa estão “de acordo” com os ditames legais e mantêm sua idoneidade moral perante a sociedade, o que denota um reflexo da inculcação de valores pregados por Baden-Powell, apreendida por seus escoteiros.

Por certo, o intuito de Baden-Powell foi instrumentalizar o jovem com um cabedal técnico que o credenciasse a estar sempre preparado para agir. O lema do escoteiro criado originalmente é *Be prepared* ou esteja preparado, no Brasil foi definido como “sempre alerta”. **Reginaldo** Teles dos Santos novamente nos dá um exemplo de como incorporou o lema à sua trajetória de vida: “Meus meninos me chamam de MacGyver.²⁶ Tudo isso por conta dessa vivência, dessa perspicácia em tentar resolver as coisas” (T. SANTOS, 2011).

A partir dos depoimentos colhidos pude identificar e extrair aquilo que denominei de “marcas escoteiras”, caracterizadas como a “essência da pedagogia escoteira”, qual seja, o exercício do autogoverno, a proficiência técnica, isto é, o aprender fazendo, a apropriação de valores éticos e morais, o estímulo à coletividade e a integração e o respeito pela natureza. Embora cada indivíduo tenha “apreendido” de forma singular os elementos dessa pedagogia, percebi que o “produto” dela ficou enraizado nos percursos de vida de cada membro do movimento escoteiro sergipano, independente da época em que foram escoteiros e dos grupos a que pertenceram. Almejar e desenvolver-se nas graduações escoteiras, projetar um horizonte profissional e/ou nele crescer e se estabelecer, demarcando seu próprio território, percorrer caminhos variados direcionados para os estudos escolares, acadêmicos e profissionais, romper o cordão umbilical dos pais a fim de “caminhar com as próprias pernas”, como diria o escoteiro Caio Viana Martins, constituir família e dela prover suas necessidades, foram atitudes identificadas em comum que culminaram nas “marcas” dos quarenta e um escoteiros sergipanos com o exercício do autogoverno.

Aprender a montar um acampamento e nele construir pioneiras, utilizando os diversos tipos de nós, cozinhar com e sem utensílios, seguir sinais de pista, orientar-se pela bússola e pelos astros naturais, tocar, escalar montanhas, observar e detalhar o ambiente a sua volta, exercitar técnicas de salvamento, utilizar os primeiros socorros com vítimas de

²⁶ Personagem de um famoso seriado de TV da década de 1980, chamado “Profissão Perigo”, em que o protagonista enfrentava situações adversas que teria de contornar e dar solução, usando de muita perspicácia e conhecimentos técnico-científicos.

afofamento, de desmaio, de fraturas (leves e expostas), de envenenamento, além de gerenciar economias pecuniárias, liderar e obedecer aos líderes foram experiências que “marcaram” os quarenta e um escoteiros sergipanos porque “aprenderam fazendo”.

As brincadeiras educativas compartilhadas nas matilhas do ramo lobinho, o exercício das decisões deliberadas democraticamente nas reuniões de fim de semana, os planejamentos para gerir as atividades de campo e as competições nas atividades de acampamento das patrulhas escoteiras e seniores, bem como o envolvimento dos pioneiros com ações sociais em comunhão com as diversas comunidades carentes, deixaram impregnadas nos quarenta e um escoteiros as “marcas” da coletividade, do “trabalho em equipe”, exercitados hoje em seus lares, em seus círculos de amizades, nos espaços profissionais ou de estudos que fazem parte.

Desde os sete anos de idade, faixa etária iniciante do menino ou menina que entra para o ramo lobinho, perpassando pelos demais ramos – escoteiro, sênior e pioneiro –, o membro do movimento escoteiro se envolve diretamente no contato com a natureza, aprendendo a respeitá-la e usufruí-la sabiamente, ou seja, de maneira consciente a evitar desperdícios e degradações ao ecossistema. Edson **Lucas** Monteiro Vieira evidenciou em sua narrativa, por meio de um exemplo do seu cotidiano, como esses conhecimentos foram inculcados e apropriados por ele, advindo do movimento escoteiro: “A consciência com o meio ambiente sempre nos foi ensinada. E não era só pra ficar nos ensinamentos, era pra colocar em prática! Papel de bala? Sempre voltei para casa com os bolsos cheios... Isso é só um pequeno exemplo” (M. VIEIRA, 2012). O exemplo de **Lucas**, agregado às ações realizadas pelos quarenta e um escoteiros, baseadas na premissa de que “o escoteiro é bom para os animais e plantas”, são “marcas” que configuram suas trajetórias de vida, cujas raízes foram plantadas por Baden-Powell há mais de cem anos.

A pesquisa, fundamentada no método prosopográfico, revelou que o processo de formação educativa vivenciado nos diversos grupos escoteiros no Estado de Sergipe desde 1958, apesar de terem uma base comum – o método escoteiro – reverbera de forma “singular plural” nas trajetórias de vida aqui analisadas. “Singular plural” porque as experiências que viveram, por mais que fossem semelhantes, são únicas a cada indivíduo, assim como os usos advindos delas. Porém, pertencentes a um grupo social em seu conjunto: os escoteiros, que independente da quantidade de anos que tenham vivido no Escotismo, se afastando ou não do seu exercício ativo, levam suas marcas para a vida.

Destarte, a partir das fontes a que tive acesso, somadas às análises das distintas etapas das trajetórias de vida de quarenta e um membros do movimento escoteiro sergipano, apreendidas dos depoimentos a mim concedidos sem qualquer tipo de restrição por parte dos entrevistados, constatee que a formação educativa escoteira a que tiveram acesso entre 1958 e 2009, perpassando os distintos grupos escoteiros, estabelecidos nos mais diferentes espaços geográficos do Estado, plantou raízes educacionais extra-escolares que germinaram, desenvolveram-se e se espalharam, ou seja, foram “apropriadas” e consolidam a pedagogia escoteira nas histórias de vida de cada um, como lembrou **Odilon Cabral Machado**:

O ideal escotista é uma tentativa de crescimento do ser. E o ser, a vida inteira ele está em construção. Ele se constrói justamente quando se norteia por pensamentos benéficos. E eu acho que o pensamento escoteiro foi, sobremaneira, benéfico na minha vida. Eu acho que ele me fez errar menos (MACHADO, 2012).

Assim, com base nas reflexões geradas pelas análises já reveladas, posso concluir, respondendo à pergunta sugerida como título deste capítulo, que, embora possa haver, em meio à amostra pesquisada, escoteiros com habilidades técnicas mais apuradas que outros ou que tenham incutido e apropriado os valores éticos e morais mais disciplinadamente, e ainda que alguns não tenham mais militância no movimento escoteiro, não há, do ponto de vista conotativo, argumentos para caracterizar os entrevistados como “escoteiros” e “ex-escoteiros.” Assim, a resposta mais apropriada que encontrei foi baseada em um “chavão” muito comum no seio do movimento escoteiro e que preferi revelá-lo parafraseando Fernando Sabino, escoteiro e importante escritor mineiro do século XX, que escreveu uma crônica chamada “Uma vez escoteiro”. Disse ele: “[...] alguma coisa ficou é verdade: aprendi a seguir uma trilha, a estar sempre alerta, fui escoteiro – e uma vez escoteiro, sempre escoteiro.” Como escoteiro que sou, o considero apropriado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consolidado como uma prática pedagógica de natureza extra-escolar, o Escotismo, fundado na Inglaterra por Robert Baden-Powell em 1907, rapidamente disseminou-se pelos distintos países. Contemporâneo das pedagogias ativas do século XX, destacou-se por seu método simples de conduzir o jovem a aprender fazendo, individualmente e também sob o regime de patrulhas ou trabalho coletivo, atividades manuais que despertassem o potencial artístico, o amor pela natureza e o desenvolvimento do autogoverno. Além disso, associou princípios religiosos e preceitos éticos e morais que normatizassem a conduta do jovem perante a sociedade.

No Brasil o movimento escoteiro se desenvolveu, nas duas primeiras décadas do século XX, sob a forma de Escotismo escolar, sob a égide estatal. Em Sergipe, os estudos de Nascimento (2008) e Nery (2006) corroboraram a prática do Escotismo na metade da década de 20 sob a forma escolar, especificamente no Patronato Agrícola de Sergipe, na cidade de São Cristóvão. Esta prática, bastante incentivada pelas autoridades públicas, tinha apoio governamental e encontrou no Escotismo um braço do Estado para difusão de princípios e valores com ênfase naquele contexto.

Sobre as três décadas que se seguiram não são conhecidos estudos acerca do Escotismo sergipano. A partir da segunda metade da década de 1950, com o surgimento da Região Escoteira de Sergipe, oficializada pela União dos Escoteiros do Brasil, começam a surgir estudos como o de Machado (1998) que cita as figuras de Walter João Dantas e Adalberto Rodrigues como precursores do Escotismo pós-guerra. No entanto, estudos mais aprofundados sobre esses e outros personagens do movimento escoteiro em Sergipe, bem como as práticas que foram desenvolvidas, principalmente no regime do governo militar, ainda são quase inexistentes perante um terreno fértil e amplo que necessita ser investigado para melhor compreensão da identidade do Escotismo sergipano.

Adentrar nos meandros da pesquisa com o método prosopográfico ou das biografias coletivas e investigar as trajetórias de membros do movimento escoteiro sergipano foi sem dúvida um grande desafio. Embora já existissem trabalhos científicos prosopográficos, o que muito me auxiliou, entrar numa seara desconhecida quanto a estudos envolvendo prosopografia e Escotismo foi como ir “abrindo o mato”, como fazem os escoteiros ao seguirem pistas deixadas por seus chefes, para alcançarem o objetivo final.

Delimitar o que pesquisar dessas trajetórias – a formação educativa –, por certo, também foi um passo difícil e incerto quanto ao produto final.

Como pôde ser visto, distintas foram as faixas etárias dos escoteiros ouvidos para configurar “a formação educativa do movimento escoteiro e o produto dessa formação.” Foi essa a estratégia utilizada para dar confiabilidade ao “produto” da pesquisa, uma vez que não foi intuito investigar as faixas etárias de forma isolada e estanque, mas sim compreender como o processo de formação educativa perpassou as distintas gerações compreendidas entre os últimos anos da década de 50 e a primeira década do século XXI.

Levando-se em conta a análise do conjunto, os perfis dos membros do movimento escoteiro sergipano revelaram uma espécie de molde, grosso modo, análogo aquilo que o fundador do Escotismo idealizou em seu projeto de educação extra-escolar: o autogoverno, sedimentado por uma formação pragmática, envolta por valores e princípios que norteiem a vida e a conduta do jovem em sociedade. Molde este que abarca indivíduos de diferentes origens, lugares, idades e credos e que valorizam as instituições sociais como família, escola e trabalho. Nas diferentes gerações que configuraram a base desta pesquisa, há presença indubitável das marcas deixadas pelo Escotismo, constituindo com isso os pontos comuns que ligam os quarenta e um percursos de vida em foco.

Muitos chefes escoteiros sergipanos seguiram o exemplo de Baden-Powell em 1907, ao fazerem o convite aos pais dos futuros escoteiros e lhes apresentar o que é o Escotismo. A partir de então os próprios escoteiros é que se encarregaram de cumprir este papel. Foi assim com os escoteiros da década de 1950. Foi assim com muitos outros que os sucederam. O fascínio pela farda, pelos jogos, pelos rituais simbólicos, pela curiosidade e admiração do público e pelas aventuras ao ar livre, por certo acompanhou cada escoteiro que teceu esta pesquisa, inclusive a mim. Ao ouvir entusiasmadamente os relatos não menos entusiasmados de quarenta e uma trajetórias, pude comprovar que habilidades e valores apreendidos de forma lúdica foram moldados, lapidados e conduzidos para a vida adulta de cada um e que, justamente por isso, comprovei, como já revelado, que não há “ex”- escoteiro, comprovei que “uma vez escoteiro, sempre escoteiro!”.

Destarte, reservei este momento para me revelar... Sou escoteiro, integrante do extinto “Grupo Escoteiro Gumercindo Batista”, da cidade de Propriá, região norte do Estado. Foi como pesquisador escoteiro ou escoteiro pesquisador que me vesti com outras lentes para entender o movimento escoteiro em Sergipe. Primeiro porque, enquanto “membro juvenil”, não tinha a clara exatidão da potencialidade do Escotismo na minha vida. Sabia, ou melhor,

“sentia” que era bom, lúdico, prazeroso e que de certa forma procurava ser “útil” à comunidade (propriaense), por causa dos mutirões de limpeza, campanhas de vacinação, arrecadação de donativos para pessoas ou entidades sociais necessitadas, dentre outras coisas. Segundo porque, com a desativação do grupo, cujo motivo já foi revelado, acabei perdendo os laços que me mantinham “ativo” no movimento escoteiro.

Com a chegada da fase adulta e a maturação psicológica, fui compreendendo, nas minhas ações cotidianas, que muito daquilo que “fiz” no movimento escoteiro, emergia de forma “consciente” na minha trajetória de vida. E a investigação que aqui fiz acabou por evidenciar, através dos depoimentos colhidos, que o Escotismo de fato deixa marcas. Quando “ouvi” o que eles tinham para “contar”, como fez Verena Alberti no seu “ouvir contar”, tive a oportunidade de conhecer como se compôs a formação educativa escoteira antes e depois da época em que fiz parte ativamente de um grupo de escoteiros (1988 – 1991). Formação esta que, associada às leituras da história de vida de Baden-Powell e dos seus propósitos, me fez ver o Escotismo com a lente da História, que me fez enxergá-lo não como um movimento educacional “messiânico”, mas como um projeto educativo que dá possibilidades reais às pessoas que dele fazem parte de “aprenderem a ser gente na vida”, como relatou o escoteiro **Jorge Carvalho do Nascimento**.

Assim, o que me foi possível “contar” é que a educação experimentada no movimento escoteiro de Sergipe propiciou aos seus membros incorporarem conceitos e valores que modificaram e continuam a modificar suas ações nas distintas fases de suas trajetórias de vida, o que significa dizer que o rol de valores e atividades oferecidos aos seus membros foi inculcado e apropriado nas diferentes etapas dessas trajetórias, evidenciando a eficiência e a eficácia educativa extra-escolar do movimento escoteiro, no que tange a uma formação moral e ética e que prioriza a independência e autoeducação do indivíduo.

Por certo o movimento escoteiro tem outras faces, aqui não contempladas, a exemplo das suas possíveis “mazelas”, “preconceitos”, “conflitos” e “desencontros”, o que se revelaria um importante passo investigativo para “tecer” outras histórias possíveis sobre o Escotismo sergipano. Investigar suas grandezas e misérias enquanto “Escotismo de Estado em Sergipe”, trabalho apenas iniciado por Jorge Carvalho do Nascimento e por Marco Arlindo Amorim Melo Nery, também se mostra como uma possibilidade investigativa importante para ser agregada à história da educação sergipana e para o Escotismo, em particular. No entanto, apesar de possíveis e estimulantes, tais temáticas não foram contempladas em meus objetivos

nesta dissertação, mas não descarto contemplá-las futuramente, afinal “uma vez escoteiro, sempre escoteiro”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvi contar**: Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANUÁRIO DO SISTEMA PÚBLICO DE EMPREGO, TRABALHO E RENDA 2008/2009. **Mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/CdAnuario2008/index.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2012.

ANUÁRIO DO SISTEMA PÚBLICO DE EMPREGO, TRABALHO E RENDA 2010/2011. **Mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.portal.mte.gov.br>. Acesso em 24 de agosto de 2012.

BADEN-POWELL, Roberto Stephenson Smyth. **Caminho para o sucesso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Escoteira. 1984.

_____. **Escotismo para rapazes**. União dos Escoteiros do Brasil. Edição comemorativa ao centenário do escotismo. 2006.

_____. **Guia do chefe Escoteiro**: teoria do adestramento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes; 5ª ed. – Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.

BARRETO, Luiz Antônio. **Graccho Cardoso e a Educação**. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=8706&titulo=Luis_Antonio_Barreto. Acesso em 10 de fevereiro de 2012.

BASTIAN, Jean Pierre. **Protestantes, liberais y francomasones**. Sociedades de ideas y modernidad em América Latina, Siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica/CEHILA, 1993.

BLOWER, Bernard David Almirante. **História do escotismo brasileiro**: Os primórdios do Escotismo no Brasil. Vol. I. Tomo I – 1910-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1994.

BOULANGER, Antonio. A insígnia de bois. Disponível em: <http://www.ccme.org.br/2008/11/01/a-insignia-de-bois/>. Acesso em 30 de agosto de 2012.

BOULANGER, Antonio. **O Chapelão**: Histórias da vida de Baden-Powell. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2000.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectiva. In: HEINZ, Flavio. Organizador. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: Entre práticas e representações. – Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

DIREÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO INTERNO. **Perfil do Comerciante – Ética e Conduta Profissional**. Disponível em:

<http://www.dnci.net/docs/abc/documentacao/PerfilDoComerciante.PDF>. Acesso em 23 de agosto de 2012.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. – Rio de Janeiro: Jorge Azhar Ed., 2001.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Patronos**. Disponível em <http://www.exercito.gov.br>. Acesso em 11 de setembro de 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª ed. RJ: Editora FGV, 2006.

GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917 - 1922)**. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC-SP, 2003.

GAZETA DO POVO. **O que é ser profissional liberal**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=630415&tit=O-que-e-ser-profissional-liberal>. Acesso em 30 de agosto de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados do Censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 02 de setembro de 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Tipologia da educação extra-escolar**. Brasília. 1980. 116 p. anexos (Série estudos e pesquisas).

JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. GASKELL, George. Entrevista narrativa. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** / Martin W. Bauer, George Gaskell (editores). – 7ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

MACHADO, Manoel Cabral. **Brava gente sergipana e outros bravos/**. – Aracaju, 1998.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. São Paulo: PUCSP, 2005. (Tese – Doutorado em Educação).

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. (Org.). A Pedagogia do escotismo: o lord Baden-Powell e as reformas educacionais da primeira metade do século XX. In: **Problemas de educação escolar e extra-escolar**. – São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

_____. (Org.). Idade e gênero na Pedagogia do escotismo. In: **Ensino superior, educação escolar e práticas educativas extra-Escolares**. – São Cristóvão: Editora da UFS, 2006.

_____. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A regeneração da infância pobre sergipana no início do século XX: o patronato agrícola de sergipe e suas Práticas educativas**. Dissertação. Mestrado em Educação. UFS. São Cristóvão, 2006.

_____. **Pelos caminhos de Deméter: Os Aprendizados agrícolas Federais e as políticas para o ensino agrícola primário no início do Século XX.** Tese de Doutorado em Educação. UFBA. Salvador, 2010.

NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço et al. A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venacio. **Histórias de vida e formação de professores.** – Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

NÓVOA, Antonio. **A formação da profissão docente.** Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf Acesso em 23 de agosto de 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Estudos do cotidiano e pesquisa em Educação: interfaces com as narrativas autobiográficas na compreensão do potencial emancipatório das práticas educativas cotidianas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venacio. **Histórias de vida e formação de professores.** – Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

PELLEGRINI, Ana Maria. Et al. **Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental.** Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora.pdf>. Acesso em 17 de agosto de 2012.

PEREIRA, Ana Paula Costa. **Educação não-formal tendo como exemplo de modelo pedagógico o método escoteiro.** Monografia de conclusão de curso de graduação como Bacharel em Pedagogia. Rio de Janeiro: Univercidade, 2004.

RABELO, Ricardo Rocha. **O Escotismo como educação extra-escolar em Sergipe: um olhar sobre o Grupo Escoteiro Baden-Powell.** Monografia do curso de Especialização. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007.

REVISTA BADEN-POWELL. **Revista comemorativa dos 25 anos do Grupo Escoteiro Baden-Powell.** Ano I. Nº 1. – Edição exclusiva. Aracaju-SE. 2004.

ROY, Fernande. SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec. In: HEINZ, Flavio. **Por outra história das elites.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Elisângela Martins dos. **Ser professora: escolha, vocação ou falta de opção?** **Revista Extra-Classe.** N2 – V2. Jul./dez. 2009.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Renê. (Org.) **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOBRINHO, João Rocha. Uma história do exercício da cidadania no Brasil / João Rocha Sobrinho. – Feira de Santana, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venacio. **Histórias de vida e formação de professores**. – Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

SOUZA, Nali de Jesus de. OLIVEIRA, Júlio César de Oliveira. Relações entre geração de conhecimento e desenvolvimento econômico. **Análise**. Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **A militarização da infância**: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. Cadernos Cedes, ano XX, nº 52. Nov. 2000.

SUFFERT, Rubem. **História da Co-educação no Brasil**. Disponível em: <http://www.escoteiros.org> Acesso em 25 de agosto de 2012.

THOMÉ, Nilson. Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra-Escolar. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 23. Set. 2006.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE. **Consulta Processual**. Disponível em: <http://www.tjse.jus.br>. Acesso em 02 de agosto de 2012.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.escoteiros.org>. Acesso em 05 jan. 2012.

UOL EDUCAÇÃO. **Biografias**. Coelho Neto. Acesso em <http://www.educacaouol.com.br>. Acesso em 11 de setembro de 2012.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e o processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000. p. 497-518.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. **Epicteto**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/epicteto.jhtm> . Acesso em 19 de janeiro de 2012.

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal**: contextos, percursos e sujeitos. **Educação e Sociedade**. vol.28 no.99 Campinas Mai/Ago. 2007.

GRUPO 236 BRANDOA. **Jamboree, Moot e Indaba – O que são?** Disponível em: <http://aepbrandoa.wordpress.com/category/curiosidades/jamboree-moot-e-indaba-o-que-sao/>. Acesso em 27 de março de 2012.

LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: Enciclopédia Einaudi. **Memória – História**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. V. 1, 1984.

LOCKE, J. **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Ediciones Akal, 1986.

ROBLEÑO, Fernando. Alerta aos 100 anos! Disponível em: <http://www.revistapremier.com.br/site/Post/Post.aspx?id=884> . Acesso em 20 abr. 2011.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ENTREVISTAS

ALMEIDA, Marcelito Trindade. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 31 de dezembro de 2011.

ANDRADE, Marquicinei Pereira de. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 20 de agosto de 2011.

ARAUJO, Adriano Santos. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 23 de novembro de 2011.

MENDONÇA, Lucas da Hora. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 24 de novembro de 2011.

MORENO, Denise Carvalho do Nascimento. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 14 de fevereiro de 2012.

MORENO, Felipe Nascimento Garcia. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 23 de maio de 2012.

NUNES, Jose Ricardo Freitas. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 14 de novembro de 2012.

PITANGA, Sergio Antonio. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 09 de novembro de 2011.

SANTOS, Aldenise Cordeiro. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 07 de novembro de 2011.

SANTOS, Jailton Martins. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 07 de janeiro de 2012.

SANTOS, José Orlando dos. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 04 de novembro de 2007.

SANTOS, José Orlando dos. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 07 de dezembro de 2011.

SANTOS, Reginaldo Teles dos. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 14 de setembro de 2012.

SANTOS, Tiago Vinicius Alves dos. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 20 de janeiro de 2012.

MACHADO, Odilon Cabral. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 08 de março de 2012.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 01 de dezembro de 2011.

GARCIA, Eduardo Conde. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 23 de maio de 2012.

VIEIRA, Edson Lucas Monteiro. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 11 de novembro de 2012.

VIEIRA, Rafael Azevedo. Entrevista concedida a Ricardo Rocha Rabelo em 26 de fevereiro de 2012.